

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

CAMILA LOMBARDI TORRES

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA:
a reaplicação da tecnologia social
a partir dos casos pioneiros em Brasília**

BRASÍLIA
2017

CAMILA LOMBARDI TORRES

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA:
a reaplicação da tecnologia social
a partir dos casos pioneiros em Brasília**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Arte da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, na linha de pesquisa Design, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof^a Dr^a Dianne Magalhães Viana

Coorientador: Prof. Dr. Rogério José Câmara

BRASÍLIA
2017

TC183c Torres, Camila Lombardi
COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília / Camila Lombardi Torres; orientador Dianne Magalhães Viana; co-orientador Rogerio José Câmara. -- Brasília, 2017. 108 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Design) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. Comunidade que Sustenta a Agricultura. 2. CSA. 3. Padrões. 4. Blueprint de Serviços. 5. Método. I. Viana, Dianne Magalhães, orient. II. Câmara, Rogerio José, co orient. III. Título.

CAMILA LOMBARDI TORRES

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA: A
REAPLICAÇÃO DA TECNOLOGIA SOCIAL A PARTIR DOS CASOS
PIONEIROS EM BRASÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Design.

Aprovada em 12/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Dianne Magalhães Viana - UnB



Hugo Cristo Sant'Anna - UFES



Fátima Aparecida dos Santos - UnB

AGRADECIMENTOS

Aos entusiastas, agricultores e coagricultores das Comunidades que Sustentam a Agricultura em Brasília. A Marly, Mara, Idalécio, Renata, Fabio e Andrea, pelas reflexões que em parte são retratadas nesta dissertação. À família Lombardi Torres, à Carina, ao Raphael, ao Samir e à Sushma pela cumplicidade, paciência e afeto. Ao Departamento de Design e ao professor Rogério Câmara pela acolhida e pelas outras oportunidades que cativaram em mim novas relações acadêmicas. Por fim, agradeço ao CNPq por tornar possível a dedicação e investimentos necessários à realização da pesquisa.

Que este relato potencialize outras práticas de transformação social em comunidade.

RESUMO

Nesta dissertação, discute-se a reaplicação da tecnologia social Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) em Brasília ao se investigar características de seus três casos pioneiros — CSA Barbeta, CSA Aldeia do Altiplano e CSA Toca da Coruja. Adotam-se como métodos de pesquisa: a observação participante; a revisão teórica dos conceitos de *estrutura, função, processo e forma* de Milton Santos e de *linguagem de padrões* de Christopher Alexander; a realização de atividade em campo para coleta de dados; e a apropriação da ferramenta *blueprint* de serviços para a concepção de representações gráficas do modo de organização de cada comunidade. Por fim, compara-se a prática dos princípios de CSA nos três casos abordados e inferem-se padrões de gestão categorizados por formação, produção, distribuição, avaliação, integração, circulação de capital e canais de comunicação.

Palavras-chave: Comunidade que Sustenta a Agricultura; Padrões; *Blueprint* de Serviços; Método

ABSTRACT

We discuss the reapplication of the social technology Community Supported Agriculture (CSA) in Brasilia when investigating characteristics of its three pioneer cases - CSA Barbetta, CSA Aldeia do Altiplano and CSA Toca da Coruja. The followed research methods are adopted: participant observation; theoretical review of the Milton Santos' concepts of structure, function, process and form, and Christopher Alexander's pattern language; field research for data collection; and service blueprint tool for the conception of graphical representations of each community's organization method. Finally, we compare the practice of the CSA principles in the three cases mentioned and we infer management patterns categorized by conception, production, distribution, evaluation, integration, capital circulation and communication channels.

Keywords: Community Supported Agriculture; Patterns; Service Blueprint; Method

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de surgimento de CSAs em Brasília até abril de 2017	33
Figura 2 – Diagrama I	39
Figura 3 – Diagrama II	40
Figura 4 – <i>Blueprint</i> desenvolvido por Eilidh Dickson	48
Figura 5 – Processo criativo sobre a atividade aplicada em três CSAs	50
Figura 6 – Módulos em MDF com <i>Post-its</i>	53
Figura 7 – Módulos em MDF com imagens da comunidade	53
Figura 8 – Aplicação da atividade na CSA Aldeia do Altiplano	56
Figura 9 – Detalhe de representação gráfica referente à CSA Aldeia do Altiplano — uso de ícones e de linhas referentes a dados sobre local e canais de comunicação	58
Figura 10 – Detalhe das faixas de atores no modelo de representação gráfica da síntese	59
Figura 11 – Exemplo de uso do ícone "cifrão" para assinalar tarefas envolvendo circulação financeira	60
Figura 12 – Momento de validação dos dados na CSA Aldeia do Altiplano, a partir de representação gráfica	62
Figura 13 – Aplicação da atividade de coleta de dados na CSA Barbetta	64
Figura 14 – Momento de validação dos dados durante o 4o Encontro de Avaliação da CSA Barbetta, a partir de representação gráfica	73
Figura 15 – Aplicação da atividade de coleta de dados junto a coagricultoras da CSA Toca da Coruja	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Primeira parte do esquema-base desenvolvido para aplicação do <i>blueprint</i> de serviços, contemplando as categorias: formação, produção, distribuição e avaliação.	47
Tabela 2 – Segunda parte do esquema-base desenvolvido para aplicação do <i>blueprint</i> de serviços, contemplando a categorias integração.	47
Tabela 3 – Comparativo sobre deslocamentos inerentes às instâncias de produção, distribuição e consumo das CSAs Aldeia do Altiplano, Barbeta e Toca da Coruja.	84

LISTA DE SIGLAS

ACP – *Agriculture Contractuelle de Proximité*

APROSPERA – Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu

CCA – *Community Connected Agriculture*

CEASA–DF – Centrais de Abastecimento do Distrito Federal

CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura. *Community Supported Agriculture*.

CRATS – Centro de Referência em Agroecologia e Tecnologias Sociais do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

EAPSUS – Escola de Aperfeiçoamento do Sistema Único de Saúde

Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

FEPECS – Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde

FRACP – *Fédération Romande pour une Agriculture Contractuelle de Proximité*

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade

ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza

PANC – Plantas Alimentícia Não Convencional

PC – Ponto de Convivência

TS — Tecnologia Social

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS	15
1.2 JUSTIFICATIVA	16
1.2.1 Tecnologia social e inovação social sustentável	16
1.2.2 Arquitetura da rede de atores	20
1.3 METODOLOGIA: VISÃO GERAL	22
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	23
2 COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA	25
2.1 COMUNIDADES PIONEIRAS NO MUNDO	25
2.1.1 Japão	26
2.1.2 Suíça	27
2.1.3 Alemanha	28
2.1.4 Estados Unidos	30
2.2 COMUNIDADES NO BRASIL	32
2.3 COMUNIDADES EM BRASÍLIA	34
3 MÉTODOS APLICADOS	37
3.1 PRIMEIRA APROXIMAÇÃO: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	37
3.2 SEGUNDA APROXIMAÇÃO: ESPAÇO E SOCIEDADE	39
3.3 TERCEIRA APROXIMAÇÃO: DESIGN E SERVIÇOS	43
3.3.1 <i>Blueprint</i> de serviços	44
3.3.2 Proposta de mediação para atividade em campo	50
3.3.3 Concepção de suporte para registro de dados em campo	54
3.4 APLICAÇÃO: CSA ALDEIA DO ALTIPLANO	56
3.4.1 Concepção de modelo de representação gráfica	59
3.4.2 Síntese	62
3.4.3 Validação de dados	63
3.5 APLICAÇÃO: CSA BARBETTA	64
3.5.1 Síntese	67
3.5.2 Validação de dados	75
3.6 APLICAÇÃO: CSA TOCA DA CORUJA	76
3.6.1 Síntese	79

	1
3.6.2 Validação de dados	83
4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	84
4.1 PADRÕES ENTRE COMUNIDADES: DO REGISTRO DE MODELOS À SOBREPOSIÇÃO	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
6 REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	99

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, procura-se compreender a formação de Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) em Brasília e colaborar no entendimento de um movimento social recente e que atua na melhoria de qualidade de vida de agricultores locais, no exercício de relações econômicas regenerativas para uma agricultura que preza pela saúde de produtores e consumidores, na valorização de práticas solidárias nas relações interpessoais, na conscientização nutricional e socioambiental do potencial de cadeias alternativas a produção e distribuição de alimentos, dentre outros benefícios que se evidenciam à medida em que as ações das CSAs se expandem e ganham profundidade. Enquanto estudo na área do *design*, investiga potencialidades de análise sistêmica de contextos, manejo e síntese de dados obtidos em campo, para o alcance de leituras formais de relações dinâmicas em espaços sociais.

A difusão do termo *Desenvolvimento Sustentável* foi feita pela Organização das Nações Unidas em 1987, durante a Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento. A expressão se relaciona não apenas a questões ambientais, mas refere-se também a repensar o conceito de *bem-estar* dentro do sistema cultural e operacional da sociedade industrial. Foi evidenciado que seria inviável manter o ideal de bem-estar conquistado pelo modelo de desenvolvimento de países desenvolvidos, pois, quando almejado e aplicado a países subdesenvolvidos, seu fundamento vai além da capacidade de recuperação dos ecossistemas, levando ao acelerado consumo de todo recurso natural existente (MANZINI, 2008).

Essa ideia de bem-estar foi herdada da Revolução Industrial e difundida mundialmente, sendo associada a uma disponibilidade sempre maior de produtos que prometiam reduzir o esforço humano, materializando também a execução de serviços complexos por meio de máquinas. O problema desse modelo de desenvolvimento é que ele acaba por promover intrinsecamente um nível de consumo insustentável, no qual cerca de “20% da população mundial consome 80% dos recursos ambientais disponíveis” (MANZINI, 2008, p. 41).

Considerando esse legado ameaçador e buscando pensar soluções, Ezio Manzini (2008) aponta que é primordial a transformação de sistemas orientados ao produto para novos sistemas orientados às soluções.

O caminho para uma transição rumo à sustentabilidade propõe então um processo de aprendizagem social, em que a ideia de bem-estar humano é reavaliada, assim como as tendências dominantes de estilo de vida, produção e consumo, fazendo-se uso de menos recursos ambientais e atuando a favor da regeneração dos contextos vividos. Manzini (2008) enfatiza ainda que, durante esse momento de transição, é necessário que uma *transformação sistêmica* aconteça, partindo do nível local e expandindo a nível global.

A sustentabilidade requer uma descontinuidade sistêmica: de uma sociedade que considera o crescimento contínuo de seus níveis de produção de consumo material como uma condição normal e salutar, devemos nos mover na direção de uma sociedade capaz de se desenvolver a partir da redução destes níveis, simultaneamente melhorando a qualidade de todo o ambiente social e físico. (MANZINI, 2008, p. 19)

Um dos cenários otimistas para essa transição encontra-se na articulação de grupos de pessoas que propõe novos modos de vida sustentáveis. Consideradas pelo autor como *comunidades criativas*, são vistas como “fonte de experimentação de futuros possíveis” (MANZINI, 2008, p. 17). Essas comunidades, quando articulam interesses individuais com interesses sociais e ambientais, podem se tornar promissoras da inovação.

Em sua linha de pesquisa em inovação social, Ezio Manzini considera que o tema tem o potencial de contribuir para um *design para a sustentabilidade*. Afirmar ainda que as propostas de inovação “são guiadas mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado” (MANZINI, 2008, p. 61), apontando para novos paradigmas na resolução de problemas e/ou na criação de novas oportunidades.

Tais propostas de inovação devem ser de caráter sistêmico (assim respondendo a uma necessidade de mudança sistêmica) e podem usufruir do design de serviços para sua concepção e análise.

Ferramentas apropriadas e desenvolvidas durante processos de design são capazes de definir objetos (ou elementos) que combinem suas próprias necessidades com critérios de sustentabilidade. Essa perspectiva propõe sistemas sociotécnicos sustentáveis, organizando produtos e serviços num sistema coerente e regenerativo. Quando amadurecidas, soluções podem vir a ser avaliadas e reconhecidas, propiciando seu aperfeiçoamento e efetivas reaplicações em diversos contextos (MANZINI, 2008).

O reconhecimento de iniciativas de *inovação social sustentável* proposto por Manzini aponta para um contexto bastante semelhante ao das CSAs, no qual pode ser identificada "a emergência na cena pública de novos atores [que] reelaboram

experiências-referência e a partir delas criam novas relações sociais" (BAVA, 2004, p. 105).

Tendo suas primeiras iniciativas no âmbito mundial durante a década de 1970 (casos no Japão, Alemanha e Suíça), a proposta das CSAs surge como alternativa para a cadeia de produção, distribuição e consumo de alimentos oferecida pelo mercado convencional. Tem em si um conceito que não define um modelo universal sobre sua configuração e modo operacional, pois estes variam de acordo com especificidades da sociedade, da agricultura e da economia local que o promove.

Com a intenção de caracterizar o que se entende por uma Comunidade que Sustenta a Agricultura, foram reconhecidos quatro princípios fundamentais durante o Primeiro Simpósio Internacional de CSAs (BASHFORD et al., 2013):

1. **Parceria:** acordo entre consumidores e produtores caracterizado pelo comprometimento mútuo com a produção. Legitima o suporte financeiro e condições de bem-estar necessárias para a produção e distribuição de alimentos.
2. **Local:** incentivo à economia local, integrando produtores a comunidades beneficiadas próximas ao local de cultivo.
3. **Solidariedade:** a comunidade que se forma é corresponsável pelos riscos e benefícios associados à produção, sendo flexível às características naturais da bio-região, que afetam no ritmo e na diversidade de produtos cultivados. Comprometimento em oferecer o suporte necessário aos agricultores para que tenham uma vida digna e que possibilite a manutenção do local de produção dos alimentos.
4. **Relação produtor-consumidor:** é contato direto e confiança mútua, sem a presença de intermediários¹ ou hierarquia.

A difusão dessas comunidades em território brasileiro a partir da apropriação de tais princípios levou ao reconhecimento da CSA como Tecnologia Social em 2015, pela Fundação Banco do Brasil. Fato repercutido nas conversas iniciais com atores da rede e que impulsionou os primeiros questionamentos norteadores desta pesquisa — se compreendida como tecnologia de caráter adaptativo ao contexto, como as iniciativas põem em prática os princípios fundamentais? Seria possível definir características comuns às comunidades de Brasília definidoras de um modelo local?

¹ "Na agricultura, é o mediano entre produtores e os consumidores para colocação dos produtos agrosilvopastoris mediante certa percentagem de lucro" (PEIXOTO, 2002, p. 93).

Em março do mesmo ano, surgem as primeiras CSAs localizadas no Distrito Federal (DF), quando dois grupos de consumidores se articulam com agricultores locais e assumem o compromisso de serem parceiros na produção de orgânicos. Passados dois anos, totalizam-se vinte e uma comunidades em Brasília, e nesta pesquisa, a primeira sobre CSAs brasileiras no âmbito pós-graduação *strictu sensu*, investiga-se questões referentes ao que caracteriza sua reaplicação a partir dos três casos pioneiros.

1.1 Problema e objetivos

Problema:

Como se caracteriza a reaplicação da tecnologia social “Comunidades que Sustentam a Agricultura” em Brasília?

Objetivo Geral:

Investigar padrões característicos de Comunidades que Sustentam a Agricultura em Brasília, considerando como recorte temporal suas respectivas configurações entre março de 2015 e julho de 2017.

Objetivos Específicos:

- Identificar como a tecnologia social se reaplica em comunidades de Brasília.
- Arquitetura da rede de atores: mapear tarefas e canais de comunicação utilizados para executá-las em três CSAs de Brasília.
- Investigar como se dão as relações interpessoais nas CSAs abordadas durante o exercício de suas atividades.
- Identificar padrões de eventos entre as três CSAs pioneiras de Brasília.
- Comparar os casos, discutindo semelhanças e diferenças que promovem os princípios da tecnologia social “Comunidade que Sustenta a Agricultura”.
- Elaborar síntese visual dos modelos para registro, análise e divulgação entre os atores e organizações afins.

1.2 Justificativa

Enquanto tecnologia social, a CSA adapta-se ao contexto de implementação configurando modelos que emergem de sua prática. Poucos são os registros que tratam desse tema.

Lassance Jr e Pedreira (2004) citam quatro fases essenciais no escalonamento das tecnologias sociais, sendo estas: fase de criação — surgimento a partir da sabedoria popular, do conhecimento científico ou ambas —; fase de viabilidade técnica — implica na consolidação de um padrão tecnológico —; fase de viabilidade política — momento de visibilidade, reconhecimento, articulação junto a entidades civis e outros movimentos sociais —; fase de visibilidade social — são reaplicadas de acordo com a demanda e capacidade de implementação.

Por meio de participação da pesquisadora em reuniões sobre CSA durante o ano de 2015, foi reconhecido que as fases aconteciam simultaneamente em Brasília. Este trabalho visa contribuir, em especial, no que os autores denominam como *fase de viabilidade técnica*, sendo possível inferir ainda informações sobre as demais em leitura do capítulo 1.

1.2.1 Tecnologia social e inovação social sustentável

Reconhecer a CSA como alternativa à agricultura intensiva industrializada e à indústria alimentícia centralizada (LE GALLIC et al., s.d.) significa compreendê-la como um movimento que, ao menos em parte, nega a tecnologia convencional, propondo soluções de gestão (*orgware*) com estrutura e forma de propagação convergentes com o conceito de tecnologia social (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004).

Sob a perspectiva de uma tecnologia de gestão, a CSA apresenta uma solução socioeconômica para a produção e distribuição de alimentos fundamentada na aproximação solidária entre produtor e consumidor. É orientada pelo compromisso de apoiar a agricultura em diferentes instâncias: na valorização dos agricultores e de suas necessidades de bem-estar, no cuidado com a horta, na prestação de serviços de logística, na comunicação interpessoal, no setor financeiro, no incentivo à agroecologia², entre outras.

² "um padrão técnico-agronômico capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social,

Se tecnologias sociais são "técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas na interação com a população, que representam soluções para a inclusão social" (REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL apud BAVA, 2014, p. 106), toma-se como base os parâmetros apontados pelo Instituto de Tecnologia Social (2004) como critério de análise para caracterizá-la como tal. A CSA:

— responde à demandas sociais concretas, tanto do ponto de vista dos agricultores (especialmente pequenos produtores da agricultura familiar) que não raro enfrentam dificuldades de sustentar sua atividade, como do ponto de vista dos consumidores interessados em adquirir alimentos de alta qualidade nutricional;

— articula-se sob uma governança pautada em processos de decisão democrática. Os membros definem os repasses de cotas individuais (que juntas financiam a produção), o tempo de compromisso (comumente semestral ou anual), a escolha dos alimentos que serão cultivados (considerando sazonalidades, características da biorregião e insumos disponíveis) e os locais e horários de entrega. Além disso, organizam eventos de integração, lidam com casos de inadimplência, entre outros;

— valoriza a aprendizagem e a construção de conhecimentos coletivos no cotidiano, seja pela atuação em comissões que realizam as atividades financeiras, de comunicação e integração, ou mesmo pela relação de consumo muito diferente das predominantes — se comparada à lógica de compra e venda em supermercados ou feiras. Cabe ao consumidor dos alimentos produzidos pela CSA se reeducar ao desfrutar de uma cesta semanal que, por exemplo, pode incluir elementos que não faziam parte de sua dieta regular, provocando uma nova relação nos preparos de suas refeições. E cabe ao agricultor adaptar-se a um novo ritmo de produção que acompanha o comprometimento de uma distribuição regular;

— visa sua sustentabilidade econômica, social e ambiental;

— promove a troca de saberes para o encorajamento de novas comunidades e para o aperfeiçoamento das já existentes;

— promove a inclusão social ao aproximar o contato entre consumidor e produtor sem discriminar as necessidades do segundo e assumindo riscos em conjunto. Preza pelo

econômica e ecológica. O objetivo maior da agricultura sustentável — que sustenta o enfoque agroecológico — é a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômico-financeiros adequados à meta de redução da pobreza, assim atendendo às necessidades sociais das populações rurais" (ALTIERI, 2004, p. 12).

estabelecimento de um preço justo para ambas as partes (o agricultor deixa de ter o valor de sua produção subjugada por intermediários e pela dinâmica do mercado convencional de alimentos) e proporciona ao produtor o recebimento antecipado e regular, almejando a independência de subsídios;

— busca uma sistematização do conhecimento gerado.

Quando Herhmann Polhman cita em entrevista à Revista Palíndromo que "não existe um modelo que possa ser aplicado universalmente. Cada novo grupo que está iniciando deve avaliar seus próprios objetivos, capacidades e meios, e tomá-los como ponto de partida" (BUSCHBERGHOF apud PALÍNDROMO, 2012, p. 10), pode-se inferir a existência de um espaço legítimo para soluções que emergem das relações que se estabelecem em um projeto de CSA.

A diversidade de formas operacionais oriunda desse espaço pode ser percebida, por exemplo, nas descrições já documentadas de comunidades japonesas, americanas, canadenses, francesas, alemãs, belgas e suíças (HENDERSON; VAN EN, 2007; GROH, 1997; LE GALLIC et al., s.d.) e dialoga com a teoria da inovação, uma das referências na elaboração do conceito de tecnologia social:

De fato, a inovação supõe um processo em que atores sociais interagem desde um primeiro momento para engendrar, em função de múltiplos critérios (científicos, técnicos, financeiros, mercadológicos, culturais etc.) frequentemente tácitos e às vezes propositalmente não-codificados, um conhecimento que eles mesmos vão utilizar, no próprio lugar em que vão ser produzidos os bens e serviços que irão incorporá-lo. (...) A contribuição da teoria da inovação (...) permite entender que a tecnologia — e especialmente, pelas suas características, a TS [tecnologia social] — só se constitui como tal quando tiver lugar um processo de inovação, um processo do qual emergja um conhecimento criado para atender aos problemas que enfrenta a organização ou um grupo de atores envolvidos (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 32 e 33)

O termo *reaplicação*, usado recorrentemente nesta pesquisa, compreende cada unidade de CSA como "um processo específico com aspectos distintivos, próprios, dado pelo caráter do contexto sociotécnico" (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 33), no qual seus participantes atuam de forma coletiva e participativa na construção de um cenário desejável comum e aberto a adaptações (LASSANCE JR; PEDREIRA, 2004). Ao se reconhecer na autogestão dos grupos o objetivo de aprimorar a efetividade de processos em âmbito social, político, econômico e ambiental, cabe discutir ainda cada nova unidade como embrião de uma *inovação social*, conforme conceito proposto por Dagnino e Gomes:

conjunto de atividades que pode englobar desde a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico até a introdução de novos métodos de gestão da forma de trabalho, e que tem como objetivo a disponibilização por uma unidade produtiva de um novo bem ou serviço a sociedade (...). Esse conceito engloba, portanto, desde o desenvolvimento de uma máquina (*hardware*) até um sistema de processamento de informação (*software*) ou de uma tecnologia de gestão - organização ou governo - de instituições públicas e privadas (*orgware*). (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 34)

Se caracterizada como inovação social sustentável, promove uma solução local, apresentando melhoria nas condições de vida da população (CAVA, 2004), atentando-se à saúde humana e ambiental, percebida na priorização³ do orgânico, da diversidade de culturas (pois um único organismo agrícola, ou a parceria entre estes, se dedica a atender a necessidade nutricional de seus consumidores a cada semana), na qualidade dos alimentos, na redução de impactos ecológicos (LE GALLIC et al, s.d.) e no reforço à relação entre homem e natureza. Por sua gestão ter origem na própria comunidade, incentiva ainda uma economia sustentável, conceito apresentado por Thackara (2008, p. 177), que "significa compartilhar recursos com mais eficácia", como tempo e habilidades.

Ao mesmo tempo em que a certificação de orgânicos deixa de ser uma exigência, garantir-se que os insumos aplicados no cultivo são livres de agrotóxico passa a ser um convite para que o consumidor conheça o local de produção e processos envolvidos. Não raro, a produção de uma CSA está baseada na agricultura biodinâmica⁴, na agroecologia ou na agricultura sintrópica⁵, buscando atentar-se ainda mais ao cuidado ecológico.

Considerando a atual tendência à compra e venda de orgânicos, a CSA diverge da

³ "Nothing about the structure of a CSA dictates that the food be organic, but most consumers who are willing to become members do not want potentially toxic synthetic chemicals used on their fresh, local produce" (HENDERSON; VAN EN, 2007).

⁴ "O método da agricultura biodinâmica se desenvolve desde 1922, com base nas indicações e conselhos do filósofo croata Rudolf Steiner, conhecido por sua visão do mundo chamada 'Antroposofia' ou 'Ciência'. Espiritual. O termo "biodinâmico" significa que você trabalha de acordo com as energias que criam e sustentam a vida. [...] O uso da palavra "método" implica não só na fabricação de fertilizantes de uma nova maneira (necessariamente orgânica), mas sobretudo respeita certos princípios para assegurar a saúde do solo e das plantas, e garantir uma alimentação saudável para animais e ser humano" (PFEIFFER, 1986, p.3, tradução nossa).

⁵ "A Agricultura Sintrópica trabalha com a recuperação pelo uso. Ou seja, o estabelecimento de áreas altamente produtivas e independentes de insumos externos tem como consequência a oferta de serviços ecossistêmicos, com especial destaque para a formação de solo, a regulação do micro-clima e o favorecimento do ciclo da água" (AGENDA GOTSCH, 2017).

dinâmica das feiras. Estas, mesmo quando promovem a produção local, tendem a permanecer submetidas ao preço do mercado. As relações estabelecidas em feiras, baseadas na oferta e na procura, tendem a prejudicar a autonomia do produtor e a não assegurá-lo quanto ao escoamento dos itens destinados à venda, o que pode acarretar em desperdícios.

Também se distingue do serviço de entrega de cestas em voga. Neste modelo, há um acordo de compra preliminar, podendo este corresponder à entregas pontuais ou regulares. No entanto, o preço tende a ser dado com base no item e não em custos de produção, o envolvimento entre comprador e pequeno produtor não é encorajado como parte de uma parceria solidária, sendo recorrente a presença de um intermediário que revende lotes de hortifrutigranjeiros (LE GALLIC et al, s.d.). Enquanto em uma CSA valoriza-se a autogestão e a aproximação de seus membros, a gestão do serviço de entrega de cestas é feita por parte do contratado, este levando o pedido até a residência do contratante.

Assim posto, definir CSA como Tecnologia Social, pressupõe compreender o "conjunto de técnicas e procedimentos, associados a forma de organização coletiva, que apresentam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida" (PEDREIRA et al. apud LASSANCE JR; PEDREIRA, 2004), sendo necessário dar-se atenção a caminhos já percorridos e a processos rotineiros que a mantém viva e passível de reaplicação. Neste anseio, Dagnino, Brandão e Novaes (2004) ressaltam a observação empírica como ponto de partida para se alcançar o entendimento do dinamismo da tecnologia, considerações sociológicas e técnicas a ela relacionada.

1.2.2 Arquitetura da rede de atores

A tecnologia social CSA encontra na abertura das possibilidades de sua configuração o desafio de sistematizar processos implícitos ao seu funcionamento. Ao se nutrir da diversidade e autonomia do grupo, torna-se uma espécie de eterno protótipo em fase de experimentação, propondo uma outra vivência de atendimento a necessidades comuns – quando comparada a tecnologias e mercado convencionais.

O estudo de uma tecnologia em expansão que apresenta soluções agrícolas, ecológicas, econômico-solidárias, promovendo segurança alimentar, tem como potencial ampliar as possibilidades de articulação entre a sociedade e áreas governamentais que possam

otimizar e expandir sua realização em mais localidades (LASSANCE JR; PEDREIRA, 2004).

O interesse pelo registro e pelo aperfeiçoamento das CSAs é recorrente aos atores envolvidos que, concomitante à pesquisa, interagem em função de resultados mais satisfatórios em processos e no empoderamento de novas comunidades. Os resultados obtidos nas fases de mapeamento e síntese presentes nesta pesquisa buscam possibilitar a partilha de aprendizados entre comunidades, transformando conhecimento tácito em explícito. Sobre o problema que justifica tal abordagem, Lassance Jr e Pedreira (2004) relatam:

As tecnologias precisam se viabilizar tecnicamente. Quando sua origem é a sabedoria popular, ocorre que as soluções reunidas em torno das tecnologias têm larga experiência empírica. Têm efeitos comprovados e seus procedimentos são repassados por mecanismos complexos, mas muito bem organizados na vida comunitária. Todavia, boa parte desse estoque de conhecimento é tácita, e não explícita. As pessoas sabem mostrar o que fazem, mas têm dificuldade para explicar de que maneira conseguem fazê-lo. (LASSANCE JR; PEDREIRA, 2004, p. 74)

No âmbito científico, a simplificação de contextos complexos ora se faz objeto de estudos metodológicos. Ao tratarmos do tema como *rede de atores*, conceito apresentado por Callon (1987), depara-se com o desafio de se definir a arquitetura que relaciona os elementos a partir da interseção entre entidades associadas, na qual um ator (ou elemento) modela e reverbera a forma da própria rede.

Por consequência, esta pesquisa soma-se como referência bibliográfica sobre um tema pouco estudado pela academia brasileira, contribuindo nas discussões sobre a emergência de alternativas de serviços que buscam oferecer autonomia e bem-estar a pequenos produtores, de iniciativas autogestionárias em sustentabilidade econômica em detrimento a uma economia formal⁶ — no caso específico da CSA, se trata de uma iniciativa que não aplica valor unitários sobre um produto e valoriza a necessidade das partes envolvidas — e de alternativas para o consumo de alimentos saudáveis. A autora

⁶ Entende-se aqui a economia formal sendo aquela sustentada pelo poder hegemônico, "isto é, que penetra os campos da economia, da vida em sociedade, da política e da cultura, e impõe valores sobre o conjunto das sociedades". Considera-se ainda que "esse poder dos 'agentes de mercado' não é absoluto. Ele também engendra seu contrário: as práticas de resistência, os movimentos sociais e políticos que, tendo por referência uma outra 'vontade de evolução dos homens', buscam reverter o quadro, pôr a economia a serviço da sociedade e construir alternativas de desenvolvimento e de organização social fundadas na solidariedade, na inclusão social, na busca de equidade, no respeito aos direitos humanos, na preservação ecológica, na justiça social. Esse movimento social que recentemente adquire escala global, denominado 'altermundialista', acredita que um outro mundo seja possível, lança as bases para a construção de novos paradigmas, cria novas tecnologias e metodologias para realizar seus objetivos" (BAVA, 2004, p. 104).

concorda ainda com Dagnino (2000) ao dizer que pesquisadores de instituições públicas deveriam reconhecer nas tecnologias sociais a oportunidade de se alcançar a qualidade acadêmica e sua legitimidade social, ao propor uma aproximação com atores brasileiros produtores e propagadores de conhecimento.

1.3 Metodologia: Visão Geral

Trata-se de uma pesquisa aplicada, que inclui em sua proposta o desenvolvimento experimental de representações de modelos que sintetizem processos e padrões entre CSAs de Brasília, que posteriormente são comparados entre si na busca por convergências e divergências que decorrem da apropriação da tecnologia social. Com abordagem predominantemente qualitativa, tem foco na interpretação dos dados coletados e na atribuição de significados que possam colaborar no entendimento da rede de atores.

Para dar-se conta de um entendimento que sintetize a dinâmica dessas comunidades, propõe-se um estudo transversal, em que a pesquisadora se coloca como mediadora do conhecimento dos grupos. O recorte temporal busca abarcar a configuração e o funcionamento de três CSAs, de março de 2015 à julho de 2017.

Adota-se a pesquisa-ação como procedimento técnico e, além da Revisão Bibliográfica e da observação participante em comunidades, se inspira no *blueprint* de serviços — ferramenta referenciada pelo Design de Serviços. Tal procedimento acarreta em coletar dados representativos sobre a relação entre atores, fluxos e processos, e representá-los graficamente, possibilitando a análise de sistemas complexos a partir de uma abordagem colaborativa.

Panorama de métodos, procedimentos e ferramentas para coleta de dados:

Revisão Bibliográfica: contempla livros e artigos acadêmicos sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura, Design para a Sustentabilidade, Design de Serviços, *Blueprint* de Serviços, Tecnologia Social, Rede de Atores, Escultura Social, Linguagem e Padrões, Economia Associativa, Sociedade e Espaço. Contempla também publicações avulsas, vídeos produzidos sobre CSAs, artigos em jornais e revistas impressos e online; consulta em sites de organizações afins (www.urgenci.net, www.csabrasil.org, www.csabrasilia.wordpress.com).

Observação participante: apoiada por registro em anotações e áudios, refere-se à participação da pesquisadora como *coagricultora* da CSA Barbeta-DF de agosto de 2015 à agosto de 2017; em reuniões da Rede CSA Brasília e rodas de conversa promovidas por esta; em encontros de articulação dos grupos CSA Aldeia do Altiplano, CSA Girassol e Associação APROSPERA; visitas a outras CSAs de Brasília e em São Paulo; participação no Curso de Formação em Comunidades que Sustentam a Agricultura (abril de 2016, Brasília-DF) e no Encontro Nacional da Rede CSA Brasil (janeiro de 2016, São Paulo-SP).

Atividade em campo: elaborada a partir da proposta de criação de *blueprints* de serviço, é mediada pela pesquisadora e busca mapear tarefas e canais de que configuram a dinâmica das comunidades abordadas.

Validação de dados: trata-se da continuidade da atividade de campo. Uma representação gráfica sintetiza os dados coletados e posteriormente é apresentada às comunidades para validação.

Entrevistas: conduzidas de forma semi-estruturada para esclarecer dúvidas e investigar detalhes do funcionamento das CSAs que poderiam ter sido omitidos durante a atividade de campo. Em primeiro momento, ocorre em paralelo à fase de síntese dos dados e está direcionada a atores específicos via encontros presenciais, questionários enviados por e-mail e/ou mensagens no aplicativo *Whatsapp*. Os dados obtidos colaboram na concepção e validação das representações gráficas.

1.4 Estrutura da dissertação

O relato desta pesquisa se apresenta em quatro capítulos:

Capítulo 1 – Introdução: contextualiza o tema e apresenta o problema, objetivos, metodologia e justificativa.

Capítulo 2 – Comunidade que Sustenta a Agricultura: inicia com um breve histórico das Comunidades que Sustentam a Agricultura, origens do movimento similar no Japão, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Descreve também como a proposta chegou ao Brasil e, posteriormente, sua multiplicação Brasília.

Capítulo 3 – Métodos Aplicados: descreve o processo de investigação do tema a partir de reflexões teóricas e a prática de abordagem das comunidades ao longo da pesquisa científica. Apresenta as CSAs analisadas e a aplicação de procedimentos e ferramentas para mapeamento de suas atividades, originando representações gráficas (síntese) dos modos de configuração.

Capítulo 4 – Interpretação dos Resultados Obtidos: analisa os dados coletados e discute o que caracteriza a reaplicação da tecnologia social nas três comunidades pioneiras em Brasília. Recorre aos princípios da CSA enquanto tecnologia e à categorização de dados utilizados na representação gráfica.

Capítulo 5 – Considerações Finais: traz comentários sobre os procedimentos envolvidos na pesquisa, resultados e aprendizados da pesquisadora. Sugere ainda temas para pesquisas futuras.

Apêndice: seção onde são apresentados materiais referentes aos procedimentos executados durante a pesquisa.

2 COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA

Projetos comunitários de sustento à produção local de alimentos se encontram espalhados pelo mundo e em contínua expansão. Seus princípios tendem a ser bastante semelhantes quanto à parceria estabelecida entre consumidor e produtor, porém às práticas são atribuídas características próprias. O tema desta pesquisa, Comunidades que Sustentam a Agricultura, se apresenta no mundo sob diferentes nomes e redes de apoio (LE GALLIC et al, s.d.).

A *Urban-Rural Network: Generating New Forms of Exchange Between Citizens*, conhecida pela sigla Urgenci, objetiva conectar os diferentes projetos que promovem parcerias locais, aproximando cidadãos, pequenos produtores, ativistas e atores políticos. Dentre os movimentos sociais, David-Leroy e Girou (LE GALLIC et al, s.d.) listaram dezessete em convergência com a proposta de CSA (Apêndice A).

A lista foi registrada em 2009 e aponta casos denominados *Community Supported Agriculture* nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Bélgica. Porém os dados já estão desatualizados quando consideramos que no Brasil os projetos começaram a surgir em 2012 e adotaram a tradução direta do inglês Comunidade que Sustenta a Agricultura.

Este capítulo apresenta o panorama histórico que antecedeu os casos brasileiros, procedimento que se justifica pelo pouco registro em língua portuguesa e para que se evidencie processos que configuram modelos a partir dos contextos. Conclui-se com a descrição do histórico e do estado atual de CSAs em Brasília.

2.1 Comunidades pioneiras no mundo

Na história da humanidade, a cultura de alimentos surgiu como resposta para atender necessidades primárias de uma família ou comunidade, fornecendo insumos para sua nutrição, vestuário e lenha. Sua prática definia um estilo de vida de auto-sustento local e estava alheia a um sistema que ponderaria seu valor como mercadoria. Tal produção passa a integrar, aos poucos, à lógica de mercado apenas no final do século XVIII, momento em que a ciência agrônoma passa a abordá-la e difundi-la como um negócio objetivando lucro (GROH et MCFADDEN, 1997).

Quando cúmplice da modernidade, a agricultura atingiu um estado de rápido desenvolvimento, apoiada em tecnologias e ferramentas que contribuíram para sua expansão. Alinhada com a economia vigente e reconhecendo o aumento progressivo da população mundial, a produção de alimentos passou a usufruir da disponibilização de recursos favoráveis à industrialização (GROH et MCFADDEN, 1997).

Os impactos provocados pela agricultura moderna se evidenciaram ao final da Segunda Guerra Mundial. Na Europa, o progresso tecnológico seguia associado à Revolução Verde⁷, promovendo um impulso ainda maior na produtividade, à segurança alimentar e à redução dos preços nos alimentos. Em paralelo ao reconhecimento da degradação ambiental provocada pela alta exploração do solo, da água, da vegetação e dos animais orientada a finalidades lucrativas, emergiram consequências sociais expressadas nas relações de trabalho no campo, no acesso ao alimento e na qualidade de nutrição. Tecnologia e capital substituíram trabalhadores gerando desemprego, reduziram a permanência de pequenos produtores agrícolas e concentraram a produção em fazendas maiores fundamentada no uso de insumos químicos (fertilizantes, pesticidas e herbicidas). Surge uma nova logística para transporte e distribuição de alimentos com alta queima de combustíveis fósseis (LE GALLIC et al., s.d.).

O contexto provocou reações reverenciadas como as primeiras contribuições históricas ao movimento de Comunidades que Sustentam a Agricultura.

2.1.1 Japão

Em 1971, preocupadas com o uso de pesticidas e com o aumento de alimentos processados e importados, e testemunhando a diminuição proporcional das propriedades agrícolas locais, um grupo de mulheres se organizou a fim de alcançar autonomia na cadeia de produção daquilo que suas famílias consumiam. Tornaram-se parceiras de um agricultor local e juntos realizaram um acordo de cooperação que recebeu o nome de *Teikei* — cujo significado filosófico pode ser entendido como "alimento com a cara do agricultor"⁸ (HENDERSON et VAN EN, 2007, tradução nossa). Inspirados por dez princípios (Apêndice B), os *Teikeis* ainda vigoram no Japão, com locais de produção

⁷ "cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agrícolas, assentando-se para isso no uso intensivo de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização" (ALTIERI, 2004, p.7).

⁸ "food with the farmer's face on it" (HENDERSON et VAN EN, 2007).

comumente de pequeno porte e com produção intensa. Sua estrutura em comunidade pode contemplar a participação de diversos produtores que somam seus alimentos para assim ofertarem maior diversidade. Utilizam do trem como transporte a áreas urbanas e as retiradas são feitas pelos membros em um local específico da cidade (HENDERSON et VAN EN, 2007).

2.1.2 Suíça

As primeiras parcerias entre produtores e consumidores semelhantes a de uma CSA surge na Suíça durante a década de 1970. Jan Vandertuin⁹ foi um dos entusiastas e, movido por seus conhecimentos em agricultura biodinâmica, iniciou o projeto *Topanimbur*, nas proximidades de Zurique, onde predomina o alemão como língua oficial (LE GALLIC et al., s.d.). Em sua experiência, Vandertuin e os envolvidos chegam a um modelo onde cada consumidor financiava parte dos custos de produção anual e em troca recebiam alimentos semanalmente (HENDERSON et VAN EN, 2007). Já o primeiro projeto em território suíço francófono, batizado de *Les Jardins de Cogne*, partiu de uma ação cooperativa entre trinta consumidores que contrataram três horticultores em Genebra, 1978 (LE GALLIC et al., s.d.).

No país, pode-se perceber dois caminhos de propagação das iniciativas. Em regiões onde predomina a língua germânica, o conceito de CSA não se difundiu tanto quanto nas demais e os projetos locais são chamados de *Regionale Vertragslandwirtschaft*¹⁰ (agricultura regional baseada em contrato¹¹). As parcerias em regiões de idioma francês convergentes, em parte, à proposta das CSAs receberam o nome de *Agriculture Contractuelle de Proximité* — ACP (agricultura de proximidade baseada em contrato) e sua proposta teve maior adesão. (LE GALLIC et al., s.d.)

⁹ O nome próprio aparece grafado de duas maneiras nas referências, Jan Vandertuin em Le Gallic et al. (s.d.) e Jan Vander Tuin em Henderson et Van En (2007). Neste relato optou-se pela segunda grafia.

¹⁰ A iniciativa de Jan Vandertuin não consta no levantamento feito por Le Gallic et al. sobre *Regionale Vertragslandwirtschaft* em andamento no país. Nesta pesquisa, considera-se *Agrico*, fundada em 1981, em Basel, como sendo o primeiro projeto alinhado ao conceito (LE GALLIC et al., s.d.).

¹¹ Traduções nossas em português a partir dos termos em inglês apresentados na publicação *Community Supported Agriculture: An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland* (s.d.).

A soberania alimentar¹² é a base filosófica das ACPs. Estas oferecem acordos diversos, sob a forma de cooperativas, de iniciativas individuais que partem de agricultores ou da associação entre consumidores e produtores. Além da qualidade, quantidade e métodos de produção, as decisões de contrato tomadas por seus membros consideram a sustentabilidade financeira do produtor para que este siga seu trabalho em segurança. Há casos em que os valores são definidos pelo agricultor, outros em que são negociados pelos interessados no consumo e ainda os que ponderam contribuições a partir da disponibilidade financeira individual de cada membro, em busca de se alcançar cotas socialmente justas. O principal objetivo dos projetos é a sustentabilidade do sistema de fornecimento de alimentos, sem uso de agrotóxicos e independente da dinâmica competitiva de mercado (LE GALLIC et al., s.d.).

Nem todos os acordos consideram a comunidade como corresponsável pelos riscos de produção e há um perfil de consumidores cuja participação baseia-se unicamente na retirada de cestas de alimento nos locais acordados, periodicamente ou pontualmente ao longo do ano, sem outros interesses no tipo de gestão da comunidade (LE GALLIC et al., s.d.).

Vinte projetos de ACPs formaram em 2008 a *Fédération Romande pour une Agriculture Contractuelle de Proximité* — FRACP, associação que objetiva, entre outros, promover o conceito de soberania alimentar, fortalecer parcerias em prol da agricultura regional e a propagação das ACPs, além de servir como plataforma para troca de conhecimento e resultados entre projetos. Há interesse da parte germanófono de criar uma entidade similar, assim como há contato direto para troca de experiências e apoio mútuo entre iniciativas das duas regiões (LE GALLIC et al., s.d.).

2.1.3 Alemanha

Traugher Groh (1997), coautor do livro *The Farms of Tomorrow Revisited: Community Supported Farms, Farm Supported Communities* participou das primeiras experimentações cooperativas na fazenda *Buschberg*, próxima a cidade de Hamburgo.

¹² "O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) [Brasil], assim como a Via Campesina Internacional, compreende que a Soberania Alimentar é o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos, que garantam o direito à alimentação a toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses de produção, de comercialização e de gestão [...] é um direito que os povos têm a produzir seus próprios alimentos" (MPA Brasil, 2017).

A propriedade de 200 acres foi posse de seus amigos Heiloh Loss e Carl-August Loss até 1978, quando a doaram praticamente livre de hipoteca. Nas palavras de Groh:

The new farm (...) has proved that free individuals can cooperate in a farm operation that works land held in trust, rather than as private property. This experiment also established the possibility that a farm can succeed when it strives for quality rather than profit, and that by this the farmers can support themselves and their families more securely than if they had they had been running the farm for profit. (GROH, 1997, x)

O experimento foi conduzido com base em princípios de agricultura sustentável e de boas práticas de convívio em comunidade idealizados pelo grupo participante.

Seguindo o mesmo modelo, em 1986 Groh dá início a um novo projeto comunitário para o sustento da agricultura nos Estados Unidos — *Temple Wilton Community Farm* — e em 1988 *Buschberg* é reconhecida como *Community Supported Agriculture* (termo oriundo das práticas norte-americanas, como descrito no próximo tópico deste capítulo, 2.1.4).

Iniciativas similares surgiram na Alemanha apenas quinze anos após o caso piloto, intituladas pelos termos: *Solidarische Landwirtschaft* (agricultura em solidariedade¹³), *(Land-/)Wirtschaftsgemeinschaft* (economia comunitária/ comunidade de gestão agrícola), *(Selbst-/)Versorgungsgemeinschaft* (comunidade de apoio mútuo) e *Gemeinschaftsgetragene Landwirtschaft* (agricultura sustentada pela comunidade) (LE GALLIC et al., s.d.).

Para Le Gallic et al., os projetos de maior proximidade com o que se entende por *Community Supported Agriculture* são os *Solidarische Landwirtschaft*. A proposta parte da participação ativa dos membros, onde todos compartilham dos riscos e dos custos de investimento da produção, se responsabilizando pelo local de cultivo (modelo descrito em entrevista feita pelos autores Le Gallic et al. com Stränz & Künnemann, 2011). A comunidade se articula em autonomia frente ao mercado e valoriza a cultura do solo e o contato interpessoal acima do montante da produção. Palavras correspondentes a "consumidor" e "produtor" são frequentemente substituídas por termos como *active farmer* e *non-active-farmer*, como aplicado na CSA *Buschberg* (KRAIB apud LE GALLIC et al., s.d.).

¹³ Traduções nossas em português a partir dos termos em inglês apresentados a publicação *Community Supported Agriculture: An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland* (s.d.).

Em 2010 deu-se início a uma rede nacional de apoio aos projetos, cujos principais objetivos são:

to advance CSA in Germany and be part of a corresponding paradigm shift in agricultural policy; to support and encourage further foundations of CSA-farms; and to propose services and advice for the already existing farms and to accompany new farms (LE GALLIC et al., s.d., p.36).

Na Alemanha existem ainda as *Community Connected Agriculture* — CCA, com conceito próximo ao de CSA. CCA promove ações educativas a nível local contemplando serviços de preservação da natureza, passeios ecológicos guiados e apoio à agricultura sustentável de forma a facilitar processos de investimento e acesso a propriedades potencialmente produtivas. Ponto em comum com a CSA, a CCA também se coloca a parte do mercado global, direcionando-se a atender necessidades da produção local.

2.1.4 Estados Unidos

Enquanto Traugher Groh começava o projeto *Temple Winton Community Farm* nos EUA inspirado por sua experiência na Alemanha (ano de 1986), o entusiasta suíço Jan Vandertuin chegava ao mesmo país com o intuito de propagar possibilidades de parceria entre produtores e consumidores de alimentos biodinâmicos.

Durante sua estada, Vandertuin visitou a *Indian Line Farm*, propriedade gerenciada por Robyn Van En, localizada em South Egremont, Massachussets. Van En antes morava na Califórnia, onde cultivava principalmente flores com finalidade comercial paisagística. Após sua mudança de residência (ocorrida em 1983), ingressou em um grupo de compras coletivas junto aos novos vizinhos. Do contato, a comunidade local incentivou o cultivo de outras culturas, para além das flores, nos 60 acres cuidados por Van En. A ideia surgiu ao se perceber que os moradores locais recorriam a fazendas distantes e supermercados para se suprir de hortaliças e legumes no período de inverno, enquanto no verão sustentavam esta necessidade cultivando nos próprios jardins. Logo, o acordo firmado entre o grupo garantia que vizinhos comprariam da produção da *Indian Line Farm* durante a primeira estação (HENDERSON et VAN EN, 2007).

O encontro com Jan Vandertuin trouxe respostas às dificuldades que Van En encontrou na parceria local, pois apesar do escoamento garantido, a produtora ainda era responsável por todo financiamento, riscos e trabalho envolvidos no cultivo dos

alimentos. Ela buscava outras possibilidades de articulação com os consumidores, dentro de uma perspectiva colaborativa (HENDERSON et VAN EN, 2007).

Em 1985, com a ajuda de um terceiro (John Root Jr.), Vandertuin e Van En organizaram um novo modelo de produção e distribuição do cultivo de maçãs da *Indian Line Farm*, introduzindo o conceito *share the costs to share the harvest*. Pessoas interessadas pagavam com antecedência pela cota de maçãs que receberiam e eram incentivadas a conhecer e a adotar o mesmo modelo de consumo para cotas da produção de hortaliças e legumes. O grupo articulador seguiu educando a comunidade e buscando jardineiros e agricultores potenciais para participarem do projeto. À época, nenhum dos produtores abordados tinha ouvido falar em receber antecipadamente por sua produção — "*The members' annual commitment to pay their share of the production costs and to share the risk as well as the bounty set this [a proposta] apart from any other agricultural initiative*" , comenta Robyn Van En (1996, xiv) no livro *Sharing the Harvest: a citizen's guide to Community Supported Agriculture*.

Durante o inverno de 1985 e 1986, afinaram a proposta em reuniões para discutir a logística e procedimentos necessários para atingir o objetivo comum: "*local food for local people at a fair price to them and a fair wage to the growers*" (VAN EN, 1996, xvi). Em busca de um nome que representasse o projeto, propuseram *Community Supported Agriculture* (CSA), podendo ser invertido para *Agriculture Supported Communities* (ASC). O título sofreu alguns questionamentos pelo uso de palavras que podiam remeter a outras interpretações — "*I found obvious discomfort with the word community whent I tried to explain the concept in the former Soviet Union*", relata Robyn Van En (VAN EN, 1996, xiv). Outras designações alhures foram adotadas, como no Canadá, onde ficou conhecido como *Consumer Shared Agriculture*.

Como precursora da iniciativa nos Estados Unidos, Van En (2007) afirma na introdução de *Sharing the Harvest* ter criado, junto a sua comunidade local, um protótipo em funcionamento e um modelo replicável de CSA. Como um de seus legados, escreveu em 1988 o manual *Basic Formula to Create Community Supported Agriculture*, com o intuito de apresentar o conceito para o contexto norte americano, considerando diferenças de paisagem e culturais, quando comparado aos casos do Japão e da Europa Ocidental — "*CSA has certain fundamental logistical points that are similar no matter where or how it is practiced, but, at the same time, it is largely an evolving and highly adaptive process*" (VAN EN, 1996, xv). Van En apresentou a proposta também em

diversas conferências sobre agricultura orgânica e biodinâmica (LE GALLIC et al., s.d.).

Novas comunidades foram surgindo na América do Norte e em 2007, estimou-se que existem 1.700 CSAs apenas nos Estados Unidos, envolvendo possivelmente 100.000 membros (HENDERSON; VAN EN, 2007).

2.2 Comunidades no Brasil

O primeiro experimento brasileiro aconteceu durante a década de 1990, na cidade de Fortaleza-CE. Foi engajado por Richard Charity, que supostamente conheceu a CSA na Inglaterra¹⁴, com a finalidade de solucionar problemas de escoamento de uma produção agrícola local.

A CSA foi impulsionada novamente no país em 2011 pelo designer e artista plástico Hermann Polhmann, que trouxe conhecimentos adquiridos na Alemanha e na sua vivência como co-fundador da rede alemã de projetos *makeCSA*. Polhmann foi um dos principais articuladores da CSA Demétria, formada em um bairro de mesmo nome no município de Botucatu-SP. No mesmo ano (2011) formou-se também a CSA Apanfê, em Maria da Fé-MG e o conceito de CSA foi apresentado e estimado durante o Fórum Mundial Social, em Porto Alegre-RS.

Além do aprendizado prático sobre o tema, Polhmann fez uma elaboração teórica em sua dissertação de mestrado em *Fine Arts* "Agricultura Sustentada pela Comunidade (CSA - *Community Supported Agriculture*) feito como uma obra de arte", apresentada a *Alanus Hochschule* na Alemanha (2011). O trabalho é resultado da pesquisa em que Polhmann propõe o entendimento da CSA como modelo aplicado de economia associativa (concebida por Rudolf Steiner), argumentando ainda que tal estruturação é campo fértil para o exercício de uma escultura social (conceito proposto por Joseph Beuys) (PALÍNDROMO, 2014).

Steiner apresenta as associações como a reunião deliberativa de produtores, consumidores e comerciantes em relação horizontal de poder, na qual possam juntos decidir o processo econômico do qual fazem parte (FERREIRA NETO; TORUNSKY,

¹⁴ O único registro encontrado sobre o caso consta no material didático do Curso de Formação em CSA realizado em Brasília, de 14 a 17 de abril de 2016. Não se tem informações sobre a duração e resultados do experimento.

2014). A aproximação com Beuys ocorre pois a escultura social é compreendida como um processo evolucionário onde todo ser humano é um artista, podendo este moldar e dar a forma ao mundo e às relações nele vividas. "Vista como uma escultura social, a CSA é uma obra de arte social, viva e dinâmica, na qual as pessoas são escultoras e também a própria matéria prima, pois a transformação se estabelece nelas próprias, através de suas ações e intenções" (CSA BRASÍLIA, 2016). Neste sentido, a formação de CSAs brasileiras constituídas a partir do caso em Demétria e da orientação de Hermann Polhman potencialmente herdaram a proposição teórica.

Devido a constantes demandas de curiosos e interessados na tecnologia social, em 2013 se formalizou a CSA Brasil com o objetivo de fomentar novas comunidades pelo país — até este momento havia se formado ainda uma terceira comunidade no município de Campinas (2012). Dentre suas ações, são oferecidos cursos de formação em CSA realizados em Demétria e divididos em dois módulos: filosófico e prático. A abordagem antroposófica¹⁵ e artística passa a ser conteúdo e instrumento de sensibilização para a organização de novas comunidades.

Atualmente a CSA Brasil tem apoio do Ministério da Agricultura e se identifica como Associação Comunitária, sendo esta "uma organização sem fins lucrativos que constrói, como modelos, projetos agrícolas baseados na comunidade, nos quais os agricultores podem se orientar para garantir um futuro a pequenos empreendimentos agrícolas" (CSA BRASIL¹⁶). Busca ainda acompanhar e supervisionar esses projetos em forma de rede e teve sua constituição jurídica em 2014, mantendo-se via doações e taxas de associação.

Conforme levantamento do *site* CSA Brasil (2017) e informações publicadas pelo Brasília de Fato (2017), existem Comunidades que Sustentam a Agricultura em pelo menos dez estados¹⁷, somando mais de sessenta unidades em funcionamento.

¹⁵ "Antroposofia é o nome que Rudolf Steiner atribuiu à sua 'Ciência Espiritual', após romper com outros movimentos filosóficos europeus dos quais participou ao longo de sua vida, tais como a Teosofia. A antroposofia é o pronto de aglutinação de várias teorias e práticas propostas por Steiner em diversos campos da vida e da existência humana dos quais tratou" (FERREIRA NETO; TORUNSKY, 2014). A agricultura biodinâmica e a economia associativa são os modelos abordados por Steiner que mais participam do movimento de CSAs no Brasil e no mundo.

¹⁶ <http://csabrasil.org>. Acesso em 8 abril 2017.

¹⁷ São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Amazonas, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina. <http://csabrasil.org>. Acesso em 8 abril 2017.

2.3 Comunidades em Brasília

Desde 2012 um grupo de amigos permacultores¹⁸ trocavam ideias a cerca de como implantar a tecnologia CSA para o escoamento de alimentos produzidos no Sítio Toca da Coruja que excediam o consumo das famílias que ali habitavam. O grupo já estava familiarizado com o conceito, compreendido como exemplo de estrutura invisível¹⁹ em práticas de *Design Permacultural*²⁰. Nos poucos momentos de distribuição da colheita, perceberam que a prática ainda não trazia o retorno comunitário esperado.

Somente em julho de 2014, surge um evento de discussão aberto sobre a tecnologia, quando foi realizada uma palestra no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (UnB). O tema foi "Exemplos de CSA na Europa: para além da lógica de mercado" e foi promovida pela ONG Mutirão Agroflorestal. Cathy Boufartique e Phillipp Weckenbrock apresentaram casos de CSA na França e na Alemanha, respectivamente.

Quatro meses depois, Fabiana Peneireiro (membro do Mutirão Agroflorestal), Andrea Zimmermann (residente no Sítio Toca da Coruja) e Renata Navega (entusiasta que também usufruiu do experimento entre amigos no Sítio), participaram do "I Curso de Formação em CSA: de uma cultura do preço para uma cultura do apreço" promovido pela CSA Demétria. O objetivo era se familiarizarem com às recentes práticas brasileiras e voltar com insumos para se dar início ao movimento em Brasília.

A fim de divulgar os aprendizados e a fortalecer a organização de CSAs no DF, Renata, Andrea e Fabiane realizam em dezembro de 2014 a "Roda de Conversa sobre CSA: Partilha do Curso no CSA Demétria", no Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB.

Em 2015 foram formadas as três primeiras comunidades de Brasília: CSA Barbeta, CSA Toca da Coruja e CSA Aldeia do Altiplano — um detalhamento sobre esses casos encontra-se relatado no Capítulo 3 deste relato de pesquisa.

¹⁸ Praticantes da permacultura — uma proposta filosófica idealizada por Bill Mollison e David Holmgren durante a década de 1970 que traz valores e visões de compreensão holística, fundamentados nas ciências bioecológicas, e psicossociais, e que se preocupa com a sustentabilidade o bem-estar de gerações presentes e futuras (HOLMGREN, 2013).

¹⁹ Na classificação da permacultura, diz respeito às estruturas empreendedoras a serviço da sociedade.

²⁰ A metodologia do *Design Permacultural* é baseada no planejamento de ocupação humana sustentável. Define seus objetivos a partir de necessidades pessoais e o olhar sobre o local, estudando estratégias de aplicação de recursos e serviços inspirados em padrões encontrados na natureza (HOLMGREN, 2013).

Durante os últimos dois anos houve um aumento no número de iniciativas, podendo ser observada uma aceleração especialmente no segundo semestre de 2016 (Figura 1). Até abril de 2017, somam-se vinte e uma comunidades em funcionamento (CSA BRASÍLIA, 2017). Comparado aos estados do Brasil, o Distrito Federal apresenta o maior número de CSAs mapeadas.

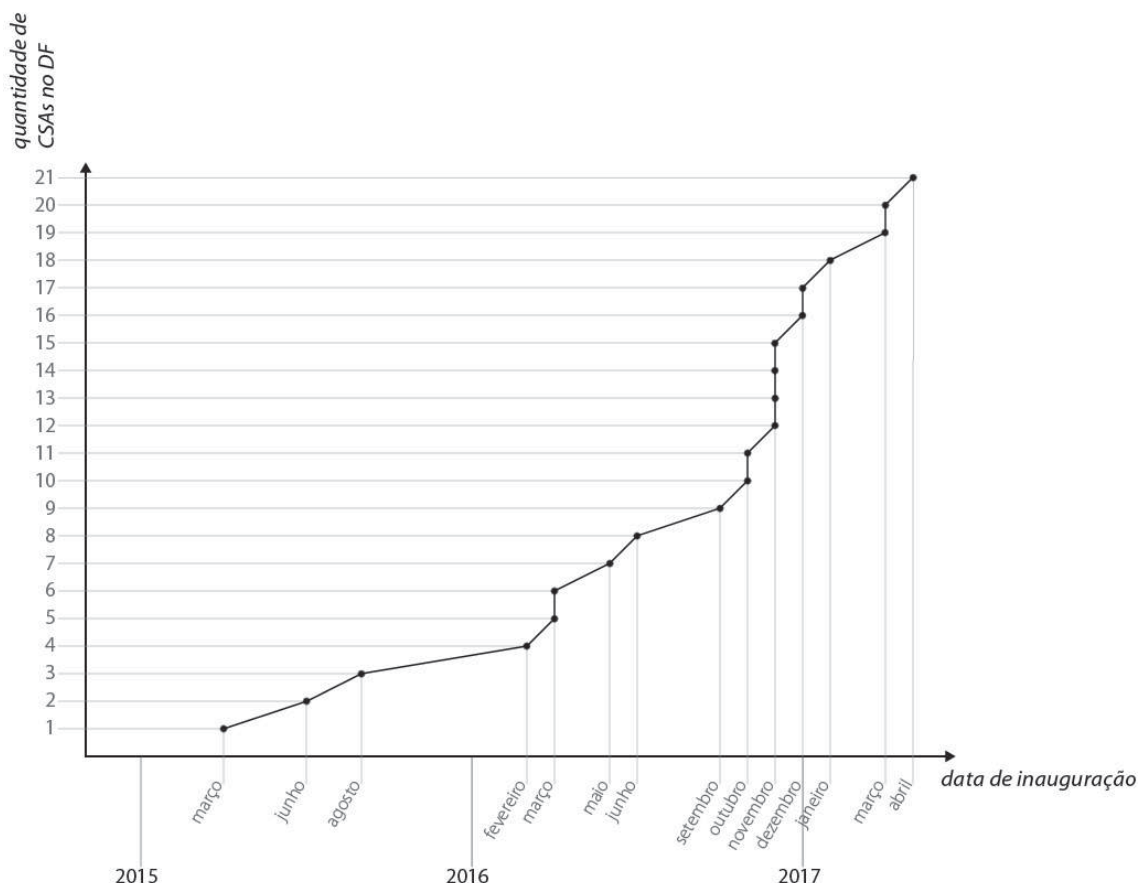


Figura 1. Gráfico de surgimento de CSAs no DF até abril de 2017. Fonte: A autora (2017).

Frente a uma demanda constante por esclarecimentos sobre o que é e como se forma uma CSA, tanto por parte de pequenos agricultores do DF como por parte de consumidores, em agosto de 2015 foi realizada a primeira reunião com membros das CSAs existentes. A intenção era discutir a formação de uma rede de apoio para criação e fortalecimento de comunidades locais. O grupo dialogou sobre os objetivos do que denominou-se *CSA Brasília*, até então uma entidade pouco definida, porém com canal de comunicação próprio via página de *Facebook*, *e-mail* e Rodas de Conversa presenciais sobre CSA. Do encontro surgiram grupos de trabalho, em pouco tempo foi

lançado o site da CSA Brasília²¹ e a exposição do movimento social cresceu também em divulgações em matérias de jornais, revistas, programas de TV e rádio.

Por dois anos a CSA Brasília se referia a si mesma como coletivo, porém, durante um evento produzido pela em abril de 2017, passou a se classificar como rede, perspectiva convergente com àquela da pesquisa que reconhece a entidade como rede de atores, ou seja

"um conjunto heterogêneo de elementos [aqui compreendidos como relacionados às unidades de CSA e parceiros do movimento social] — animados e inanimados, naturais ou sociais — que se relacionam de modo diverso, durante um período de tempo suficientemente longo, e que são responsáveis pela transformação — incorporação de novos elementos, exclusão ou redefinição de outros, reorientação das relações — ou consolidação da rede por eles conformada (CALLON apud DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 37)

A crescente de unidades inauguradas em 2016 se deve a uma parceria da Rede CSA Brasília com a empresa Matres Socioambiental, além da repercussão midiática e ao primeiro curso de formação de CSAs realizado em Brasília. A empresa, com apoio do SEBRAE-DF e do ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza), desenvolveu um trabalho de consultoria voltado à formação de CSAs para a sustentabilidade da produção agroecológica da APROSPERA (Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu), localizada na Bacia do Pípiripau, em Planaltina–DF.

Como resultado do aumento de comunidades, a Rede desenvolve ações estabelecidas em reuniões regulares com membros de grande parte das unidades locais, e tem por propósito "ser o elo de integração e fortalecimento do movimento social de Comunidades que Sustentam a Agricultura no DF, para promover uma cultura solidária, saudável e sustentável de produção e consumo de alimentos" (CSA BRASÍLIA, 2017).

As discussões sobre o movimento social no DF envolvem ainda diálogos com representantes do CRATS (Centro de Referência em Agroecologia e Tecnologias Sociais do DF), Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do DF), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-UnB), Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário e Movimento de Hortas Urbanas do DF, escolas locais, entre outros.

²¹ <http://csabrasilia.wordpress.com>

3 MÉTODOS APLICADOS

A definição dos métodos aplicados à pesquisa foi consolidada a partir de demandas que surgiram diante da revisão bibliográfica proposta e do envolvimento pela observação participante.

Procedimentos e ferramentas foram usados a fim de se obter informações consistentes, apoiando-se na participação de atores e em momentos de validação do que foi compreendido tanto pela observação como por resultados da pesquisa-ação.

Para uma melhor compreensão do leitor sobre seu desenvolvimento, este capítulo apresenta três aproximações específicas com o tema Comunidade que Sustenta a Agricultura: Observação Participante; Espaço e Sociedade; Design e Serviços. Tais aproximações resultam em atividades direcionadas pela pesquisadora para o levantamento de dados objetivos e subjetivos dos atores das três primeiras comunidades formadas em Brasília.

3.1 Primeira aproximação: Observação participante

Em 11 de julho de 2015, aconteceu o primeiro encontro que articulou o surgimento da CSA Aldeia do Altiplano. Da roda de conversa participavam Fabiana Peneireiro (agricultora entusiasmada pela proposta, além de educadora ambiental e engenheira agrônoma), outros moradores da Ecovila Aldeia do Altiplano, vizinhos e curiosos. Dentre estes últimos, esta pesquisa encontrou a primeira abertura para a observação participativa²².

A aplicação desse método se estende ao longo de toda a pesquisa, com a finalidade de se compreender o contexto a partir do contato direto com a tecnologia social. Recorreu-se a registros escritos e em áudio, atentando-se à percepção do que move os atores, suas dúvidas, seus anseios, como se organizam e, em especial, à compreensão das relações interpessoais — é da qualidade de contato entre os atores que emergem a prática de *sustentar a agricultura* e o ritmo que conduz o movimento social em unidade.

²² Para Polaine et al. (2013), a observação participante fornece *insights* ricos e em profundidade sobre como grupos operam produtos, articulam processos e procedimentos. A técnica possibilita sentir o ambiente no qual as pessoas desenvolvem suas atividades e a compreensão dos fluxos. Ressalta que é essencial que as observações aconteçam no ambiente natural/usual de seus participantes e que cabe ao pesquisador ter uma postura de abertura e de organização quanto ao registro das impressões.

Atravessando outra abertura possível do exercício etnográfico, em agosto do mesmo ano a observação direta passa a ser conduzida sob a perspectiva de uma *coagricultora* (denominação aplicada a consumidores que se tornam parceiros de uma CSA) — momento em que a autora torna-se parte da CSA Barbeta. Aumenta-se o vínculo que, a partir de então, passou a incluir participação em reuniões da CSA Brasília, rodas de conversa para a divulgação da tecnologia social e articulação de novos grupos em Brasília, além de visitas a comunidades de São Paulo.

Tais vivências e a presença no Encontro Nacional da Rede CSA Brasil²³, proporcionaram, aos poucos, o reconhecimento da complexidade envolvida na proposta. Se na expansão do movimento no DF já se observava características particulares de cada grupo, a diversidade na reaplicação de CSAs foi reconhecida em âmbito de Brasil nas apresentações que ocorreram durante o evento. A partilha de experiências de cada *projeto de CSA*²⁴ proporcionou conversas sobre inovações na prática em comunidade, como o uso de moeda social²⁵ na CSA São Carlos–SP e a prática pedagógica escolar na CSA Micael–SP (iniciativa associada ao Colégio Waldorf Micael de São Paulo, com local de produção no município de Vargem Grande Paulista).

A rede CSA Brasília apresentou sua experiência, repercutida em conversas informais que reconheciam positivamente o exercício da tecnologia social nas três comunidades até então instituídas (CSA Barbeta, CSA Toca da Coruja e CSA Aldeia do Altiplano) e outras em estágio primário de articulação, as quais envolviam produção de alimentos em horta pública e em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Transcorridos apenas onze meses desde sua expressão pioneira²⁶, a atenção aos casos de Brasília se deu também pela rápida crescente de seus projetos de CSA. Do que foi relatado durante a apresentação, subentendia-se ainda: a importância da autonomia

²³ Em 23 e 24 de janeiro de 2016, São Paulo-SP, evento realizado com intuito de conectar as iniciativas que surgiram ao longo de 2014 e 2015; incluindo em sua programação apresentações voluntárias de *projetos* de CSAs e discussão sobre o tema: "O que nos motiva a tecer uma rede?".

²⁴ *Projeto de CSA* foi a expressão utilizada pelos organizadores do evento no convite para apresentações voluntárias - "*Você gostaria de realizar uma apresentação sobre o projeto de CSA do qual você participa? Inscreva-se aqui!*" (CSA BRASIL, acesso em 20 out. 2016). Propomos a leitura do termo *projeto* ali empregue como condizente a um reconhecimento das possibilidades de configuração da *forma* de uma CSA, oriundas do exercício dos princípios implícitos no conceito de *Comunidade que Sustenta a Agricultura*.

²⁵ "instrumento que substitui a moeda oficial em grupos humanos que atuam como produtores e consumidores em circuito fechado" (FAUSTINO et al, 2006).

²⁶ CSA Barbeta, inaugurada em 16 de março de 2015.

encontrada dentro das comunidades, para que assim semeadores da Rede CSA Brasília pudessem se dispor à constante divulgação da tecnologia e ao apoio de novas iniciativas; o uso do nome *Ponto de Convivência* ao se referir aos locais onde coagricultores retiram suas cestas semanalmente, diferenciando-se por não repetir o termo *Depósito* presente no vocabulário da comunidade precursora no Brasil²⁷; a proximidade geográfica entre locais de produção e distribuição, e a propagação em pequenas comunidades, divergindo da principal referência nacional do movimento, a CSA Demétria²⁸.

Frente à diversidade de CSAs brasileiras, os primeiros dados derivados da observação e convívio direcionaram a pesquisa para a análise de sua reaplicação no DF. Para tal, houve a necessidade de se amparar em procedimentos que somassem no levantamento de informações pertinentes à manifestação dessa tecnologia nos espaços sociais, com ênfase em como se caracteriza sua organização operacional.

3.2 Segunda aproximação: Espaço e Sociedade

"É somente a relação que existe entre as coisas que nos permite realmente conhecê-las e defini-las."
Milton Santos

A revisão da literatura de Milton Santos (1992) trouxe aporte para uma aproximação metodológica pela geografia. Do autor, extrai-se o conceito de *organização* como "conjunto de normas que regem as relações de cada variável com as demais, dentro e fora de uma área" (op. cit. p. 13).

Reconhecendo possíveis variáveis no contato etnográfico, aprofunda-se o entendimento de que investigar a interação entre os elementos e sua interdependência funcional proporcionam dados essenciais para o entendimento do processo social inerente a uma Comunidade que Sustenta a Agricultura²⁹.

²⁷ O uso da palavra *depósito* para designar os locais de distribuição dos alimentos é manifestado nos cursos de Formação em CSA, realizados pela Associação Comunitária CSA Brasil desde 2011. Refletindo a história de como o conceito de *Community Supported Agriculture* foi trazido por Hermann Pohlmann, surge da tradução de *depot*, que, em alemão, permite interpretações mais próximas a relação *quente* de um *armazém*, para além do entendimento *frio* de *estocar*.

²⁸ Com local de produção em Botucatu-SP, atende em torno de 400 famílias, alcançando pontos de distribuição para além do município — em Bauru, Ourinhos, Pirapozinho, São Bernardo do Campo e na capital São Paulo (CSA BRASIL, acesso em: 21 outubro 2016).

²⁹ "O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental de análise. Na medida em que *função é ação*, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a

Santos (1992, p. 49) descreve o *espaço* como "realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação". A compreensão se assemelha a de rede de atores (CALLON, 1987), na qual os elementos (ou variáveis) que participam e estruturam o sistema que ali se opera são submetidos — ao mesmo tempo que submetem — a evolução do espaço.

O caminho teórico do geógrafo encontra-se com a observação em campo, esta a priori ainda pouco precisa quanto à identificação de variáveis, em contexto de constante evolução e de difícil acompanhamento das histórias que perpassavam a rede de CSAs em Brasília. Na medida em que novidades anunciavam articulações de mais grupos, ocorriam alterações na estrutura da CSA Barbeta e se falava de inovações em outras comunidades. Interceptar os acontecimentos em totalidade se tornou inviável pela impossibilidade de um acompanhamento assíduo das tantas conversas cotidianas entre atores, em encontros informais, por trocas de *e-mail*, mensagens via grupos de *WhatsApp* ou em atualizações da Página CSA Brasília no *Facebook*.

A complexidade se evidenciou mais uma vez na dificuldade de se alcançar um entendimento profundo e ao mesmo tempo. Recorreu-se, então, a um detalhamento do *esquema do método*, o qual propiciasse uma *hipótese de trabalho aplicável* como suporte para se atingir os objetivos da pesquisa (SANTOS, 1992).

Os conceitos de *forma*, *função* e *estrutura* por Milton Santos passam a ser subsídio para essa tarefa, tratados como caminho possível para se apreender a relação social em seus *processos* — estes também inclusos como objeto conceitual de estudo³⁰.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. (...) *Função*, de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (SANTOS, 1992, p. 50)

Esses conceitos são apresentados como categorias analíticas para a compreensão de uma determinada organização espacial. Quando considerados em conjunto e relacionados

sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social" (SANTOS, 1992, p. 7).

³⁰ "(...) para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura" (SANTOS, 1992, p. 49).

entre si, embasam teórica e metodologicamente a discussão de fenômenos espaciais em totalidade.

Apropriando-se também da analogia gramatical proposta por Santos (1992, p. 53), na qual a "estrutura seja vista como o *sujeito*, a função como o *verbo* (ação através do processo) e a forma como o *complemento* (objeto do verbo)", propõe-se uma interpretação sintática do tema ora discutido, como primeiro exercício de classificação do problema de pesquisa³¹:

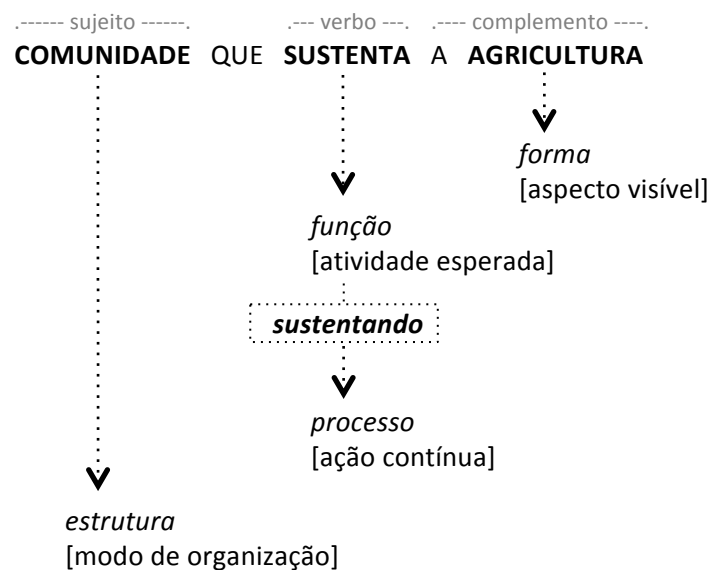


Figura 2. Diagrama I. Fonte: A autora (2016).

O diagrama (Figura 2) parte da tradução majoritária para *Community Supported Agriculture*, explorando uma significação possível de suas frações gramaticais. Da associação entre fração-conceito, *AGRICULTURA* apresenta-se como *forma*, atuando como signo com entendimento próprio, reconhecido a partir da história da sobrevivência e permanência espacial organizadas por grupos humanos na Terra. Entretanto, o objeto de estudo trata da revelação de uma segunda *forma*, que ocupa um nível acima do subsistema *agricultura*.

Em outra passagem, o autor refina a relação entre os conceitos apresentando *função* como *atividade elementar* revestida pela *forma*, e esta compreendida como *estrutura*

³¹ "To help himself overcome the difficulties of complexity, the designer tries to organize his problem. He classifies its various aspects, thereby gives it shape, and makes it easier to handle" (ALEXANDER, 1973, p. 64).

revelada e resultado de *processos* resolvidos em *funções* (SANTOS, 1992). Se a atividade elementar *SUSTENTAR* direciona a razão de existir e o como fazê-lo está organizado em *COMUNIDADE*, a estrutura a se revelar, ainda desprovida de compreensão analítica é a *forma COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA*.

Nesse sentido e somando-se o entendimento de que na reflexão dos tipos de *estrutura* estão as *formas reveladas*³², a proposta do diagrama recebe intervenção:

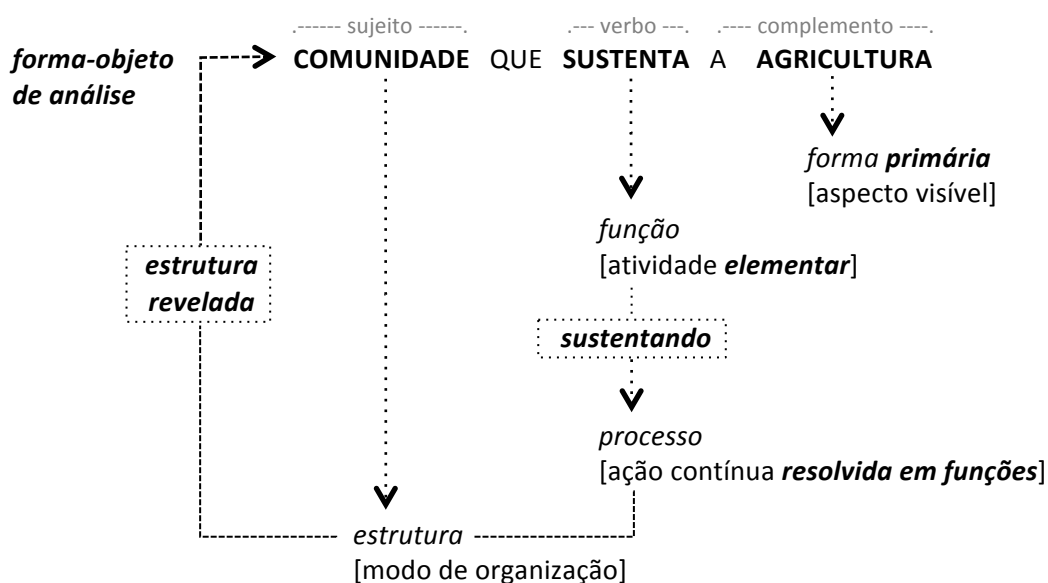


Figura 3. Diagrama II. Fonte: A autora (2016).

A proposição do uso de diagramas como caminho de análise e criação da forma é apresentado por Christopher Alexander (1973). Para o autor, *diagrama* é a representação de relações físicas de um sistema, composto por forças de interação e conflito.

O diagrama proposto através da leitura em Santos (Figura 3) descreve, primariamente, uma relação entre elementos a partir da gramática. Porém o mesmo também informa implicações físicas entre elementos — é através da análise do modo de organização em comunidade, operando suas funções contínuas, que se revela particularidades do sustento à agricultura promovido pela tecnologia social CSA.

³² "A refletir os diferentes tipos de estrutura, aí estão as diferentes formas reveladas — naturais e artificiais. Ambas estão sujeitas a evolução e, por esse meio, as formas naturais podem tornar-se sociais" (SANTOS, 1992, p. 52).

Todavia, sabe-se que o esquema não basta em si na compreensão da *forma*. Sugerindo a compreensão do mesmo enquanto *diagrama de requisitos*, por partir de informações explícitas que caracterizam o objeto, ainda não retrata todas as características atreladas à manifestação da forma. O nome da tecnologia sintetiza seu propósito, mas é necessário outro aprofundamento para se caracterizar a expressão da mesma em resposta aos princípios.

3.3 Terceira aproximação: Design e Serviços

Agora direcionado ao estudo da *forma* *COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA*, a teoria transpassa o design — "*The ultimate object of design is form*" (ALEXANDER, 1973, p. 15).

Alexander sugere a classificação do problema no processo de design como meio de transpor dificuldades da complexidade³³. Tal classificação começa no diagrama proposto, o qual identifica o aspecto-chave na discussão da CSA — a estrutura *comunidade*.

Como arquiteto e urbanista, Christopher Alexander caracteriza comunidades e as construções que as abarcam (edifícios, praças, cidades...) pelo entendimento dos *padrões* (*patterns*³⁴) que ali acontecem. A estrutura (modo de organização) se encontra no resultado da repetição de eventos ancorados no espaço (ALEXANDER, 1979) — perspectiva convergente com aquela geográfica citada no conceito de *forma*: "Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um **padrão**" (SANTOS, 1992, p. 50, grifo nosso).

O método passa, pois, a contemplar mais um procedimento: a identificação de padrões das Comunidades que Sustentam a Agricultura, resultando na caracterização da tecnologia social por sua *linguagem*³⁵ — conjunto de padrões que a estruturam (ALEXANDER, 1979; 2013).

³³ "(...) *the complexity of the problem will defeat us unless we find a simple way of writing it down, which lets us break it into smaller problems*" (ALEXANDER, 1979, p. 3).

³⁴ "(...) muito embora a tradução literal como **padrões**, o conteúdo e caráter propositivo dos *patterns* indicam sua interpretação enquanto **parâmetros de projeto**, no sentido de serem elementos cuja variação de valor contribui e orienta a solução de um problema no todo sem lhe modificar a natureza" (KOWALTOWSKI; BARRO, 2013, p. vii).

³⁵ "*The structure of the language is created by the network of connections among individual patterns: and the language lives, or not, as a totality, to the degree these patterns form a whole*" (ALEXANDER, 1979, p. xii).

Para assegurar a aplicabilidade dessa hipótese de trabalho, recorre-se à recente literatura que difunde o *design thinking de serviços*³⁶, uma abordagem interdisciplinar que combina diferentes métodos e ferramentas aplicados ao desenvolvimento de serviços (STICKDORN et al., 2014). De acordo com Tim Brown (2010), o *design thinking* está sendo aplicado na transição de produtos e serviços distintos à sistemas complexos, usufruindo da capacidade de pensamento integrativo dos designers. Possibilita que o design avance em sua atividade, indo da "criação de produtos à análise de relação entre pessoas e produtos, e depois a relação entre pessoas e pessoas" (BROWN, 2010, p. 39). Dentre os inúmeros procedimentos e instrumentos aplicados na abordagem, explora-se o *blueprint* de serviços.

3.3.1 *Blueprint* de serviços

O *blueprint* ilustra processos no decorrer das etapas de um serviço em uma representação gráfica passível de criação coletiva e de compartilhamento. Descreve e define todos os elementos e funções envolvidos, propiciando um melhor entendimento da complexidade (POLAINE et al., 2013).

Considerando que "é comum que os *blueprints* de serviço sejam produzidos de modo colaborativo" e que "um *workshop* colaborativo é um fórum extremamente eficaz para esse tipo de cocriação" (STICKDORN et al., 2014, p. 206), apropriar-se do instrumento requer adequá-lo ao contexto da pesquisa para que sua aplicação considerasse a participação efetiva dos atores das unidades de CSA. Algumas diretrizes foram então definidas:

1. Desenvolvimento de um *blueprint* por Comunidade;
2. Realização de um *workshop* em ambiente propício à imersão dos participantes, tendo-se clareza quanto a infra-estrutura local disponível, duração e mediação da atividade.
3. Levantamento de informações que buscam revelar padrões respectivos ao espaço desde a formação da CSA até o momento de criação do *blueprint*;

³⁶ Como ocorre nas Comunidades que Sustentam a Agricultura, serviços são co-produzidos pelos provedores e usuários em uma rede de relacionamentos, onde provedores ocupam também o lugar de usuários (POLAINE et al., 2013). Se serviços oferecem acesso à artefatos grandes, complexos ou de alto custo aos quais pessoas não conseguiriam obter por conta própria, a CSA permite o investimento em uma horta de manejo colaborativo, estendendo a um território comum ao grupo a possibilidade de cultivo do próprio alimento.

4. Definição das comunidades a serem abordadas, acesso a contatos que viabilizem o convite às mesmas e agendamento do procedimento.

5. Definição de esquema-base do *blueprint*, sendo este o que suporta e orienta a adição de informações.

Sobre a primeira diretriz, apesar desse tipo de registro poder ser tratado como "documento vivo", sendo revisado periodicamente quando usado na prototipação e avaliação de serviços (STICKDORN et al., 2014), aqui a intenção é retratar o modo de configuração da CSA contemporâneo à pesquisa. Contudo, é previsto que o contato com esse instrumento possa suscitar *insights* para modificações nos processos da comunidade, sendo o documento resultante de sua aplicação disponibilizado a seus atores para fins que transcendem o objetivo desta pesquisa.³⁷

A segunda diretriz orienta o processo de criação de um *workshop*, de forma que este seja possível de aplicação nas diferentes comunidades. A infra-estrutura necessária considera, preferencialmente, locais condizentes ao cotidiano da CSA, como a horta onde são produzidos os alimentos, Pontos de Convivências ou outro espaço que abrigue reuniões regulares do grupo. A mediação devem ponderar o perfil da comunidade, observado em visitas anteriores. Requisitos derivados dessa diretriz: abordar os atores fazendo-se uso de vocabulário pouco formal ou informal, evitando-se estrangeirismos; propor aproximação lúdica para a coleta de informações; não depender de materiais de terceiros, de paredes ou outras especificidades na infra-estrutura; ser economicamente viável em contexto acadêmico.

A terceira diretriz se refere à dimensão temporal dos dados. Ao descrever a ideia de hipótese de trabalho aplicável, Milton Santos aponta que esta, além de prever uma compenetração no contexto de trabalho, "deve partir, também, da ideia de que o objeto de análise é o presente, toda história sendo, apenas, o indispensável suporte à compreensão de sua produção" (1992, p. 19). O suporte temporal ora proposto é baseado na idade da comunidade, com ciclos de vida marcados pela renovação do

³⁷ Como ferramenta aplicada a provedores de serviço, o *blueprint* possibilita a identificação de oportunidades para melhorias. Escolhem-se cenários específicos para a investigação e estes são detalhados em suas etapas. Flower e Miller apontam que a análise de cenários de alto-impacto pode conduzir à percepção e à implementação de soluções capazes de aprimorar a experiência de atores envolvidos no serviço (2015).

Termo de Compromisso³⁸. Isto posto, definiu-se a mostra de CSAs participantes: aquelas mais antigas, com tempo de vida que permita validar o reconhecimento de padrões. O passado é abordado, pois, como critério de persistência da forma³⁹.

Logo, como resposta à quarta diretriz, participam do procedimento a CSA Barbetta (formada em fevereiro e março de 2015), CSA Toca da Coruja (formada em maio e junho de 2015) e CSA Aldeia do Altiplano (formada em julho e agosto de 2015). Contatos diretos com as três comunidades foram facilitados pelo histórico de convívio com as mesmas em reuniões, eventos e até mesmo anteriores à pesquisa.

Quanto à definição de um esquema-base do *blueprint* (quinta diretriz), este busca direcionar a coesão dos dados levantados em cada unidade, possibilitando comparações entre si e a sobreposição de seus respectivos padrões, sendo o resultado de tal sobreposição uma hipótese de linguagem comum às três unidades. Parte ainda da orientação encontrada no *Practical Service Blueprinting Guide* (FLOWERS; MILLER, 2016), ao citar que deve-se investigar e mapear cenários⁴⁰ e suas etapas anteriormente à sessão (ou *workshop*) de registro dos dados, se justificando pelo tempo despendido caso esse procedimento acontecesse concomitante ao levantamento de dados.

Em concordância com Santos (1992, p. 72) no trecho: "não se trata de utilizar todas as variáveis disponíveis, mas aquelas que, em cada período, sejam significativas e pertinentes à análise", o esquema-base do *blueprint* foi primeiramente orientado pela definição de etapas que pautassem o levantamento de variáveis. Essa etapas foram definidas, pois, a partir do fracionamento do espaço a partir de suas *instâncias produtivas* — produção, circulação, distribuição e consumo.

Produção compreende a adequação do território à "produção de bens materiais ou imateriais, segundo condições dadas de tecnologia, capital e tempo" (SANTOS, 1992, p. 61). A fim de facilitar a identificação de ações-padrão dentro dos ciclos produtivos da unidade de CSA e os procedimentos envolvidos em sua formação, o conceito de produção apontado por Santos é reinterpretado em duas etapas: *Formação* e *Produção*.

³⁸ Sabe-se que a assinatura e/ou preenchimento do Termo de Compromisso pode ocorrer em outros momentos que não no início de um ciclo de seis meses. Porém aqui se refere à cena cuja maioria dos coagricultores renovam o seu compromisso e àquela em que o documento foi assinado pela primeira vez, registrando o grupo de coagricultores pioneiro da comunidade.

³⁹ "O tempo vai passando mas a forma continua a existir. Consequentemente, o passado técnico da forma é uma realidade a ser levada em consideração quando se tenta analisar o espaço" (SANTOS, 1992, p. 56).

⁴⁰ "Scenario: a use case that plays out over time that involves your customer's experience combined with your organization's backstage processes and systems" (FLOWERS; MILLER, 2015, p. 7).

A sugestão de pôr à parte questões referentes à Formação visa explorar informações correspondentes à adequação do organismo agrícola no cultivo de alimentos para a comunidade e à articulação do primeiro grupo que deu origem à CSA. Já a etapa de Produção busca evidenciar a manutenção da comunidade ao longo de seus ciclos de vida, abarcando a recorrência de procedimentos financeiros, de distribuição e consumo.

Circulação abrange questões do capital financeiro nas práticas de uma comunidade. Está relacionada, não exclusivamente mas pelo menos, ao sustento econômico das unidades fundamentado na economia associativa, investimento em cotas e repasse antecipado para o agricultor.

Distribuição diz respeito às exigências de transporte conforme a natureza do produto, às condições regionais e locais e à real demanda (SANTOS, 1992). Contempla o modo de escoamento da produção em Pontos de Convivência, sua periodicidade, distâncias percorridas, recursos humanos e materiais envolvidos.

Em Santos (1992, p. 63 e 64), o espaço do *consumo* "depende da capacidade efetiva de aquisição representada pela disponibilidade financeira (...), mas também pela acessibilidade do bem do serviço demandado. Essa acessibilidade tanto pode ser física, quanto pode estar ligada às disponibilidades de tempo". A partir dessa leitura, compreende-se que variáveis referentes ao consumo estão distribuídas em diferentes instâncias de uma CSA: no compromisso semestral traduzido também em repasses mensais da cota do coagricultor; no acesso a eventos em comunidade, ao local de produção dos alimentos e à retirada de cestas, sendo esta última vinculada a um dia e horário regulares previamente estabelecidos; no acesso a produtos agregados mediante repasse adicional referente ao item; no acesso a excedentes via doação ou outras propostas sociais.

Além das instâncias produtivas apresentadas por Santos, a convivência em campo suscitou a inclusão de duas categorias de análise, a *Avaliação* e a *Integração*. *Avaliação* trata de um procedimento comum a todas as unidades e contempla discussões acerca das demais instâncias, ocorrendo, não exclusivamente mas pelo menos, ao final ou início de cada ciclo de compromisso. *Integração* é sugerida para classificar momentos que valorizam a convivência entre seus participantes, para além da parceria primária que viabiliza a produção, distribuição e consumo de alimentos produzidos localmente. Trata-se de atividades que aprofundam as relações interpessoais, exaltando a criatividade e a celebração em comunidade.

No *blueprint*, as instâncias produtivas contextualizadas à pesquisa e a *Avaliação* são apropriadas como etapas do serviço e como categorias associadas às funções exercidas pela comunidade. A *Integração* é considerada, pois, como classificação independente dos processos descritos como "etapas de serviço", já que não corresponde a mesma percepção cronológica apresentada nas demais colunas.

A organização em linhas nesse tipo de representação gráfica orienta o preenchimento das ações dos atores envolvidos a cada momento do serviço, podendo abarcar também, como visto em referências literárias sobre o uso da ferramenta, a descrição de evidências, canais de comunicação e/ou pontos de contato⁴¹ associados a cada momento do serviço. O esquema-base proposto prioriza o mapeamento dos canais e instrumentos de comunicação e interação, e das localidades geográficas em detrimento a outros tipo de evidência. Essa escolha decorre do anseio por se detalhar a forma de articulação criada em cada comunidade e de se valorizar os espaços que abrigam eventos estruturantes da cadeia de produção e distribuição de alimentos locais.

Partindo-se do encontro entre a organização de informações usual em *blueprints* e a elaboração do Diagrama II (Figura 3), desenvolve-se o referido esquema-base, dividido em duas tabelas (Tabela 1 e Tabela 2):

⁴¹ O emprego dos termos *evidência* e *canais* é apresentado pelos autores Stickdorn et al. e Polaine et al. de maneira bastante similar. Para o primeiro, *evidências do serviço* é um termo proveniente do marketing de serviços e se refere a elementos que agregam um componente tangível a algo que seria uma experiência intangível dentro de um serviço, podem ocorrer de diversas formas: "contas, correspondências, emails, folders, placas, lembranças ou outros artefatos" (STICKDORN et al., 2014, p. 45). Em Polaine et al. (2013), "*channel are the overall medium, such as e-mail, telephone, and face-to-face, and a touchpoint is an individual moment of interaction within that channel, such as a single call or an e-mail exchange.*"

comunidade etapas evidências	LOCAL	<i>territórios e instrumentos de comunicação correspondentes à etapa Formação</i>	<i>territórios e instrumentos de comunicação correspondentes à etapa Produção</i>	<i>territórios e instrumentos de comunicação correspondentes à etapa Distribuição</i>	<i>territórios e instrumentos de comunicação correspondentes à etapa Avaliação</i>
	CANAIS DE COMUNICAÇÃO				
	FORMAÇÃO > PRODUÇÃO > DISTRIBUIÇÃO > AVALIAÇÃO >				
	AGRICULTOR	<i>funções/ações exercidas na etapa Formação</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Produção</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Distribuição</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Avaliação</i>
	COAGRICULTOR	<i>funções/ações exercidas na etapa Formação</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Produção</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Distribuição</i>	<i>funções/ações exercidas na etapa Avaliação</i>
CIRCULAÇÃO DO CAPITAL	<i>procedimentos na etapa Formação</i>	<i>procedimentos na etapa Produção</i>	<i>procedimentos na etapa Distribuição</i>	<i>procedimentos na etapa Avaliação</i>	

Tabela 1. Primeira parte do esquema-base desenvolvido para aplicação do blueprint de serviços, contemplando as categorias: formação, produção, distribuição e avaliação. Fonte: A autora (2016).

LOCAL	<i>territórios e canais de comunicação correspondentes à Integração</i>
CANAIS DE COMUNICAÇÃO	
INTEGRAÇÃO	
AGRICULTOR	<i>funções/ações exercidas que promovem Integração</i>
COAGRICULTOR	<i>funções/ações exercidas que promovem Integração</i>
CIRCULAÇÃO DO CAPITAL	<i>procedimentos que promovem Integração</i>

Tabela 2. Segunda parte do esquema-base desenvolvido para aplicação do blueprint de serviços, contemplando a categoria Integração. Fonte: A autora (2016).

O arranjo em linhas e colunas retratado corresponde a uma aplicação comum de *blueprints* em escritórios. Nesses ambientes, é recomendado que a sala reservada para receber o *workshop* tenha espaço suficiente em suas paredes que, comumente, recebem *Post-its* e marcações que revelam uma espécie de *grid* para o acolhimento dos registros (Figura 4). Há casos ainda em que se projeta o diagrama sobre a parede, cabendo ao(s)

mediador(es) manipular a ferramenta em formato digital (FLOWERS; MILLER, 2016). Em ambos, os suportes e equipamentos utilizados facilitam trocas de posição, retirada e inclusão de informações.

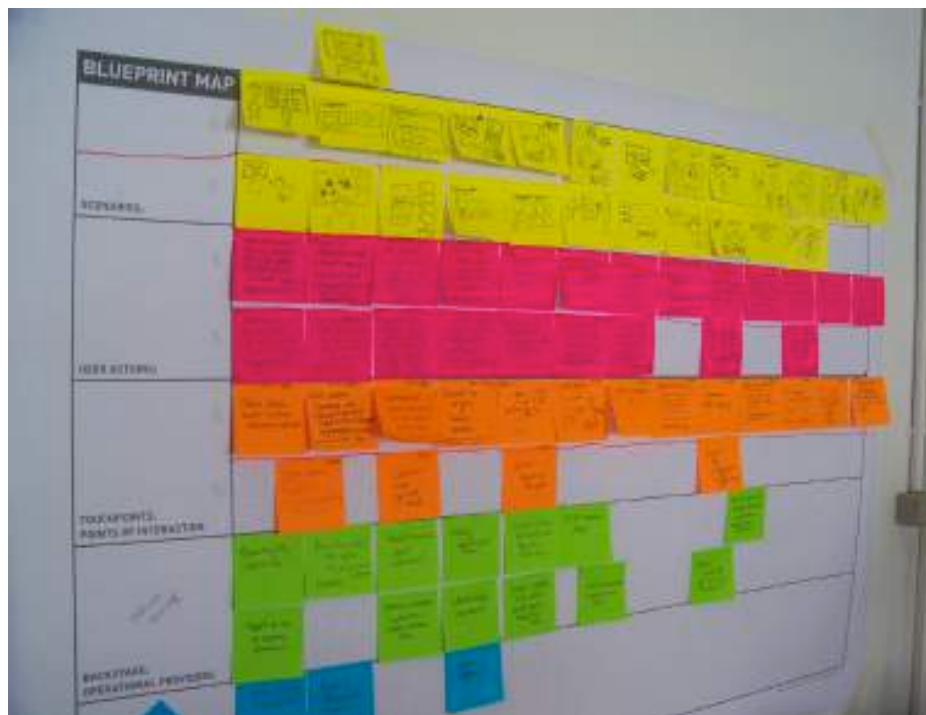


Figura 4. Blueprint desenvolvido por Eilidh Dickson. Fonte: Service Design Tools⁴²

Frente às diretrizes previamente detalhadas, o modo de preenchimento das lacunas do esquema-base levou à criação de uma atividade em campo, correspondente à intenção de um *workshop*, de autoria da pesquisadora. Para tal fez-se imprescindível solucionar questões referentes a mediação e suporte.

3.3.2 Proposta de mediação para atividade em campo

*The subject matter facilitator knows the scenario
and keeps the group on target.
They know enough about the “knowns and unknowns”
to prompt the group for additional information critical to the blueprint.*
Erik Flowers e Megan Erin Miller

A mediação em campo buscou facilitar um diálogo propício a suscitar em seu público o registro voluntário de informações que traduzissem o modo de operação das comunidades. Cabe ao mediador manter o processo em andamento, zelar pelo foco do

⁴² Em: <<http://servicedesigntools.org>>. Acesso em: 12 fevereiro 2016.

grupo em cada etapa e instigar o detalhamento necessário nas informações — "*The role is all about inquiring and listening*" (FLOWERS; MILLER, 2016, p. 5).

O primeiro exercício criativo para a elaboração de meios que provocassem respostas de interesse da pesquisa foi realizado pela pesquisadora, em sua residência, frente a um painel provisoriamente fixo a uma parede contendo o *grid* do esquema-base.

Usando *Post-its*, a pesquisadora realizou o preenchimento das lacunas, a partir dos dados que recordava (neste momento, propositalmente sem se apoiar em registros ou consultar terceiros), com a finalidade de passar pela experiência de recordação de um alto volume de dados em tempo corrido (Figura 5). O teste resultou no levantamento inicial de trinta tarefas exercidas, com outros dados incluídos nos dias que correram após este experimento. Observou-se facilidade em recordar relações de causa e efeito, em um percurso de preenchimento baseado em contar para si a história de seu envolvimento como coagricultora da CSA Barbeta. Outro resultado importante foi reconhecer que o ato de preencher o esquema proposto, a partir da organização convencional de *blueprints*, acarretava em um processo: recordar um momento; identificar a tarefa envolvida; preencher um *Post-it* com sua função; incluí-lo na coluna da etapa de serviço correspondente; preencher *Post-it* referente a locais e instrumentos de comunicação associados; fixar *Post-it* na lacuna correspondente à linha "Evidências" e à coluna da etapa. Entretanto, essa descrição do processo omite a não-linearidade subjetiva no ato de recordar. Isto é, "recordar uma tarefa" não se trata necessariamente de lembrar de fragmentos classificados, mas, como vivido no experimento particular, de projetar na mente momentos passados. Quer-se dizer que o encaixe em etapa, função e evidência é uma desconstrução da memória que emergiu no exercício. Quando fragmentada em lacunas distintas do painel, percebeu-se que a recordação registrada perde em sua unidade, o que dificultava a dar sequência a história (e ao preenchimento do esquema) na caminhada subjetiva de causa e efeito.



Figura 5. Processo criativo sobre a atividade aplicada em três CSAs. Fonte: A autora (2016).

Este resultado estimulou a concepção de um procedimento de registro junto às comunidades que ocorresse de maneira mais fluida, onde uma recordação fosse registrada e posicionada de forma a potencializar a emergência de outras até o final da atividade. A fragmentação que cabe à síntese de dados inspirada pelo *blueprint* ocorreria a posteriori, sob domínio da pesquisadora e de seus orientadores.

Outro ponto relevante à investigação, contudo ainda não estruturado no esquema-base, é a periodicidade na ocorrência das atividades elucidadas. As etapas *Produção*, *Distribuição* e *Avaliação* referenciam-se ao agrupamento amplo de informações, e pode-se subentender seu próprio ciclo preliminar. No aprofundamento de dados, o exercício revelou a importância de indicar o "quando" de cada tarefa descrita para que assim fossem identificados ciclos internos e de maior especificidade inerentes a cada etapa. Como resultado prático, além das variáveis apontadas no esquema-base, se faz importante recordar e registrar quando determinada atividade acontece e se há repetições fundamentais para o bom funcionamento da CSA.

Concluiu-se que, em campo, os registros se dariam em unidades de tarefas descritas, as quais respondessem às variáveis definidas ao longo do método. Para a mediação, a aproximação empática se daria por uma primeira fala da pesquisadora, se apresentando como coagricultora no exercício de uma pesquisa acadêmica que busca facilitar o grupo a contar a história de sua CSA. Haveria um diálogo acerca do pouco registro que se tem sobre a tecnologia social, relembrando a aproximação frequente de curiosos e da possibilidade de se ter respostas práticas, com potencial instrutivo, sobre como sua comunidade sustenta a própria agricultura.

Fotografias da comunidade abordada que caracterizem os momentos do serviço (Formação, Produção, Distribuição, Avaliação e Integração) seriam utilizadas, após a apresentação, para explicar como o relato seria organizado, funcionando como apoio para sugerir ao público a lembrança de vivências passadas, ou de eventos regulares. As fotos seriam extraídas da página do Facebook da CSA Brasília como instrumento de provocação anunciada pela pesquisadora no início da atividade: "São registros públicos da comunidade, é um meio de curiosos nos conhecerem. O que mais temos a contar de nossa história em comunidade?".

A partir deste momento, em diálogo com o grupo, dar-se-ia início aos registros. A mediadora poderia sintetizar falas para facilitar a escrita, esta podendo ser feita por qualquer um dos presentes, incluindo a própria mediadora. Caberia à mediação conduzir o grupo em unidade, de modo que cada registro fosse reconhecido por todos e, dentro do possível, atuasse também como fonte de uma nova pergunta sobre o que acontece depois da tarefa registrada.

Especificamente ao apresentar a imagem simbolizando momentos de Integração, o grupo seria sensibilizado para relembrar atividades de sustento às relações sociais em comunidade, em eventos como feiras de troca, festas junina, mutirões solidários, entre outros exemplos previamente identificados na observação participante.

Para assegurar sua eficácia e evitar o desestímulo do grupo, foi considerado que a atividade não ultrapasse duas horas corridas⁴³, incluindo o tempo necessário para exposição do material de coleta e apresentação da mediadora. A duração sugerida

⁴³ "Blueprinting can take 1.5-2 hours for each moderately complex scenario. Additional scenarios in the same opportunity space will often be shorter since there is overlap and redundancy with the previous blueprints. On average, plan on reserving 1 hour of focused work per additional blueprint." (FLOWERS; MILLER, 2016, p. 7)

considera que, mais importante do que controlar limites da atividade, seria imprescindível capturar informações consistentes.

3.3.3 Concepção de suporte para registro de dados em campo

A fim de atender as diretrizes descritas sobre sua aplicação em campo e considerando os resultados do processo criativo referente à mediação, fez-se necessário compor o material de apoio à atividade.

Foram projetados 50 módulos em MDF para registro das tarefas, medindo 18cm X 10,5cm X 0,4cm, cortados a laser com laminação branca em uma de suas faces. A rigidez do material favorece o apoio à escrita, dispensa o uso de suportes verticais, podendo ser acomodado sobre mesas ou chão.

Sobre a face branca, fixou-se quatro tiras de *Post-its*⁴⁴ (Figura 6), cada tira correspondendo ao preenchimento de uma variável. Orientando a inserção de conteúdo, foram determinadas três cores para a tira fixada no topo da peça: quando azul, se refere a uma função exercida pelo(s) agricultor(es); quando amarelo, a uma função exercida pelo(s) coagricultor(es); quando verde, a uma função exercida em união entre agricultor(es) e coagricultor(es)⁴⁵.

Além dessa identificação na primeira tira, outras três de cor branca são fixadas abaixo desta são intituladas com os carimbos *Onde acontece*, *Insumos* e *Quando acontece*:

— *Onde acontece*: corresponde a registros sobre território e/ou canal de comunicação, pois uma função pode se dar em espaço físico ou virtual.

— *Insumos*: corresponde a registros sobre recursos humanos e materiais envolvidos no exercício de uma tarefa. Pressupõe-se que as anotações desta tira ajudem a revelar a participação de terceiros no funcionamento da comunidade, instrumentos de comunicação necessários no cumprimento de uma função e, ainda, a recordar outras tarefas que a antecedem.

⁴⁴ Foram usados blocos de *Post-it* no formato 76 x 76mm.

⁴⁵ Para a primeira aplicação foram usados *Post-its* laranjas ao invés de azuis e a redefinição de cores se deu durante a concepção do modelo de representação gráfica.

— *Quando acontece*: corresponde a registros sobre a periodicidade de uma tarefa, considerados de alta-relevância para o mapeamento do que pode ser considerado um padrão e do que seriam experimentações isoladas do sistema.

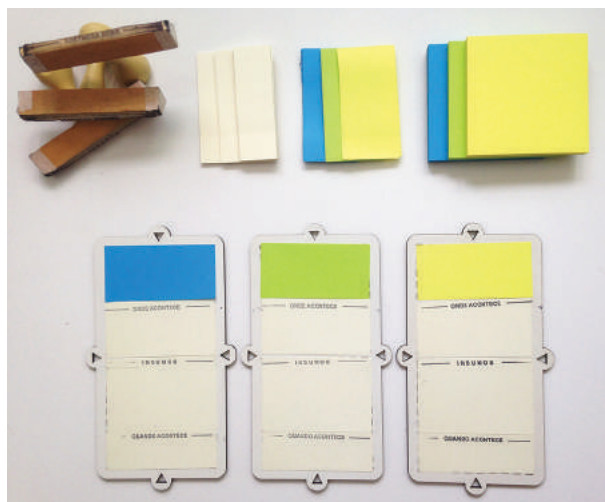


Figura 6. Módulos em MDF com Post-its. Fonte: A autora (2016).

Um segundo formato de módulo foi inserido na atividade como suporte para as fotografias que ilustram as etapas do serviço (Figura 7). Medindo 11 x 11cm, essas peças em MDF têm origem no reaproveitamento de caixas em desuso, receberam pintura na cor branca e foram apropriadas para definir intervalos correspondentes às tarefas de cada instância de produção, bem como para orientar registros sobre Formação, Avaliação e Integração.



Figura 7. Módulos em MDF com imagens da CSA Barbetta extraídas da página CSA Brasília no Facebook e representantes dos momentos: Formação, Produção, Distribuição, Avaliação e Integração.

Os módulos projetados para a pesquisa possuem setas vazadas nas quatro laterais, possibilitando a conexão entre peças por fitas de cetim. A organização das peças previamente preenchidas considera posicioná-las em linhas distintas para cada grupo de atores que executa a tarefa (mesma orientação vista no esquema-base do *blueprint*), ordenando-as preferencialmente por relação cronológica, sendo o laço entre duas peças efetuado quando há, necessariamente, causa e consequência entre eventos (exemplo: tarefa *colheita* seguida por *organização dos alimentos para distribuição*). São disponibilizadas fitas também em três cores, colaborando na identificação das linhas de atores.

Para auxiliar a organização das idas à campo em contexto de aplicação da atividade, os materiais necessários para a mediação foram acomodados em uma caixa de papelão, sendo esta listada em um *check-list* para consulta:

- Agendar atividade: nome da comunidade, data e horário de realização;
- Pesquisar, selecionar e fixar nos suportes fotos da página de *Facebook* CSA Brasília;
- Cortar, carimbar e fixar tirar de Post-its nos suportes;
- Cortar e separar fitas de cetim por cor;
- Organizar caixa de mediação (50 módulos em MDF com tiras fixadas, 5 módulos em MDF com fotos fixadas, fitas de cetim cortadas, blocos extras de *Post-it*, tesoura, fita crepe, barbante, pincéis hidrocor, carimbos, almofada de carimbo e etiquetas redondas na cor preta⁴⁶ — utilizadas para sinalizar tarefas em que há circulação de capital);
- Levar câmera fotográfica;
- Levar caderno para anotações;
- Levar celular para registro de áudio.

3.4 Aplicação: CSA Aldeia do Altiplano

A CSA Aldeia do Altiplano foi formada entre julho e agosto de 2015, a partir do envolvimento de 12 famílias com interesse em sustentar a produção agroecológica e agroflorestal de Fabiana Peneireiro. Localizada no Setor Habitacional Altiplano Leste, região administrativa do Paranoá, a 15km do centro de Brasília-DF, a Ecovila Aldeia do

⁴⁶ Material incluso a partir da segunda aplicação da atividade.

Altiplano já contava com uma produção de alimentos orgânicos não certificados, com momentos de abundância que extrapolavam o consumo local.

No ano anterior à articulação da comunidade, Fabiana teve contato direto com o tema, sendo uma das responsáveis pela promoção das palestras sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura ocorridas na UnB. Em novembro do mesmo ano a agricultora participou do "I Curso de Formação em CSA: de uma cultura do preço para uma cultura do apreço" promovido pela CSA Demétria, em Botucatu-SP.

Algumas características da CSA Aldeia do Altiplano favoreceram sua escolha como primeira comunidade a receber a atividade em campo: era a menor em número de participantes (até fevereiro de 2017 contava com o envolvimento de vinte coagricultores); o local de produção é também seu Ponto de Convivência; oferece um café da manhã comunitário no primeiro sábado de cada mês, durante o qual, além de retirarem seus alimentos, os coagricultores tendem a passar o período da manhã na Ecovila. A atividade foi acolhida pelo grupo no dia 8 de outubro de 2016 quando, excepcionalmente, o evento ocorreu no segundo sábado — adiado em solidariedade à uma das coagricultoras que estava em viagem na data prevista.

Os membros da comunidade chegaram aos poucos, trazendo comidas e bebidas que incrementavam a refeição. Cumprimentavam a agricultora Fabiana, que, como de hábito, foi a primeira a chegar ao galpão, organizando o espaço com a serenidade de quem recebe amigos. O material da mediação foi disposto sobre três mesas e a atividade se iniciou quando se percebeu que a maior parte da comunidade já estava presente e saciada.

A apresentação se fez em roda, uma proposta espontânea de uma das coagricultoras. Em seguida, a mediação foi conduzida como proposto em sua elaboração, com perguntas sobre a origem da comunidade para instigar os primeiros registros.

No decorrer do procedimento (Figura 8), houve um momento de dispersão do grupo e poucos acompanhavam com afinco a atividade. Em outra sugestão espontânea, desta vez vinda de Fabiana, retomou-se a roda e os participantes foram manifestando, um por um, sua própria história com a comunidade, enquanto a mediadora registrava a síntese dos relatos. Mesmo quando falas derivavam conversas sobre problemas e soluções na CSA, era possível extrair dados relevantes e seguir com a atividade.



*Figura 8. Aplicação da atividade de coleta de dados na CSA Aldeia do Altiplano.
Fotografia: Carina Rodrigues Lobato (2016).*

O encerramento da atividade se deu após 1h30 de seu início, já cessado o surgimento de novas informações e momento em que poucos membros ainda estavam presentes. Não houve tempo disponível para fazer as amarrações com fitas de cetim, porém, ao revisar os registros ainda em campo, o resultado foi satisfatório totalizando o levantamento de trinta e uma tarefas. Os módulos foram guardados pela pesquisadora seguindo a ordem que estavam dispostos sobre a mesa.

Ao reconhecer nas intervenções espontâneas oportunidades de aprendizado no andamento da atividade, foi estabelecida uma adaptação na atividade. Especulou-se que a dispersão do grupo decorreu em parte porque as falas estavam centradas em três pessoas que participavam ativamente da articulação da comunidade, desde sua origem. A atividade fora concebida como aberta a todos que participam das CSAs, com a intenção de alcançar a maior quantidade possível de seus membros. Entretanto, dados precisos sobre operações concentram-se mais em atores incumbidos voluntariamente a exercer tarefas específicas, como cuidar do financeiro, divulgar abertura de vagas, cuidar da horta, etc. Como importante aprendizado, nas próximas comunidades abordadas, o convite para realização da atividade será direcionado àqueles que exercem voluntariamente funções fundamentais para a gestão da comunidade⁴⁷. Um segundo

⁴⁷ Sobre o caso, Flowers e Miller comentam a importância de estimular a presença de um grupo que consiga representar todas as frentes de ações associadas ao cenário investigado. No entanto, é recomendado que a quantidade de participantes não seja baixa ao ponto do procedimento omitir informações importantes de outros atores, como também que não seja alta provocando conversas difíceis de serem conduzidas pelo mediador (FLOWERS; MILLER, 2016).

momento para validação dos dados coletados e para o registro de informações sobre relações interpessoais seguiria aberto à participação dos demais. Além desta alteração, fez-se claro que o tempo disponível para a atividade não é suficiente para a amarração das fitas de cetim e, para além disso, vincular informações umas às outras exige maiores reflexões — percepção adquirida durante a fase de síntese dos dados. Logo, a utilização das fitas foi descartada da atividade em futuras aplicações.

3.4.1 Concepção de modelo para representação gráfica

Os trinta e um módulos de MDF contendo os registro das tarefas foram reordenados posteriormente pela pesquisadora para fornecer conteúdos e orientar a síntese dos dados coletados. A partir da estrutura apresentada no esquema-base, deu-se início a representação do *blueprint* da CSA Aldeia do Altiplano em apenas uma peça gráfica.

Ao longo do processo de síntese, surgiram dúvidas sobre detalhes operacionais⁴⁸ que levaram a uma entrevista estruturada e direcionada a atores específicos (Apêndice C). A mesma foi conduzida por *e-mail* e por mensagens via aplicativo *WhatsApp*, revelando informações que impactaram no acréscimo de treze tarefas no diagrama.

Sua concepção seguiu uma ordem cronológica, ponderando-se que ações relacionadas à Integração são pontuadas à parte, seguindo a mesma estrutura do diagrama dos demais momentos do serviço, porém não se considera o detalhamento de processos particulares às mesmas (foco em apresentar os casos de exercício da convivência para além dos processos de gestão essenciais). Ainda no que tange a organização de dados baseada no esquema-base, a representação traz uma faixa após a etapa Avaliação que compreende dados sobre a transição entre ciclos de compromisso da comunidade. Essa escolha se deu a fim de se manter uma leitura temporal coerente dos dados.

No tratamento dos dados, quando ações ocorrem em paralelo, estas são posicionadas em uma mesma coluna. Como esta representação gráfica de *blueprint* apresenta os canais de comunicação em uma faixa ao topo, foram utilizados ícones para informar seu uso direcionado a uma ação específica (Figura 9). Cabe ressaltar que o contato direto e presencial, descrito por Polaine et al. (2013) como *face-to-face*, está presente como

⁴⁸ "Once the scenario has been fleshed out to a reasonable degree, go back and read through it with the details now added to look for overlooked pieces, ideas, and critical moments" (FLOWERS; MILLER, 2016, p. 9).

possibilidade em todas as ações mapeadas e por isso não foi apresentado pontualmente como as demais mídias.

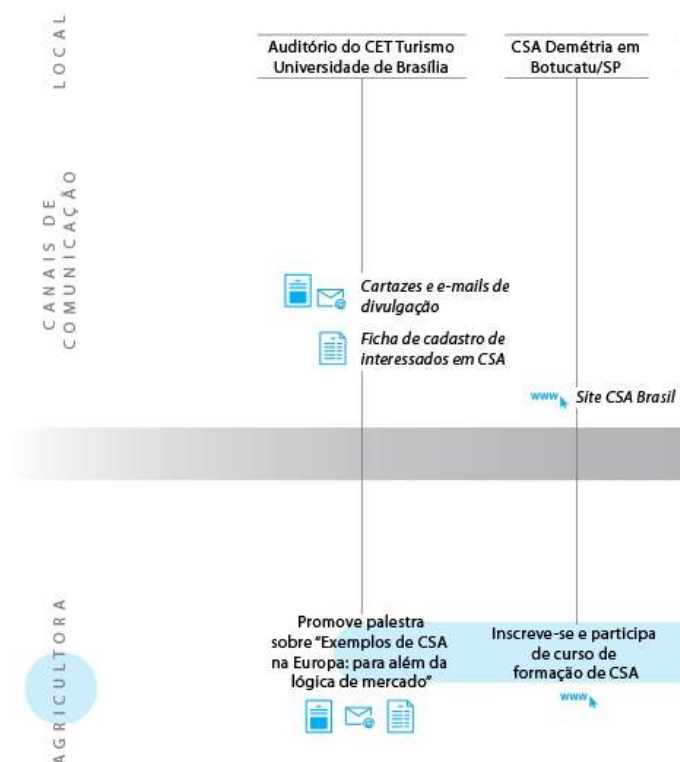


Figura 9. Detalhe de representação gráfica referente à CSA Aldeia do Altiplano — uso de ícones e de linhas referentes a dados sobre local e canais de comunicação. Fonte: A autora (2017).

Outro artifício que orienta a inserção e leitura dos dados são as cores previamente aplicadas nos *Post-its* (Figura 10). Elas orientam as três faixas de ações conduzidas pela comunidade (*Agricultora*; *Agricultora + Coagricultores*; *Coaagricultores*). A faixa *Agricultora + Coagricultores*, que ainda não estava definida no esquema-base, na síntese final pode ser entendida como *Faixa de Interação*, em alusão a *Linha de Interação* descrita em Stickdorn et al. (2014)⁴⁹, pois trata de ações onde há contato direto entre os dois grupos principais de atores que promovem e ao mesmo tempo são usuários do serviço presente na CSA.

⁴⁹ "A 'linha de interação' representa os pontos de contato entre o usuário e o provedor do serviço" (STICKDORN et al., 2014, p. 208).

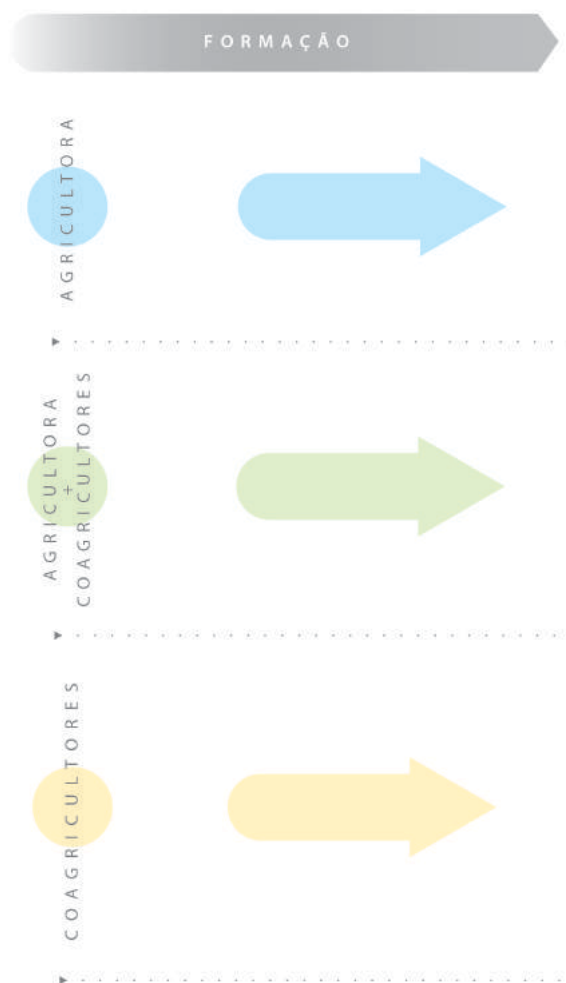


Figura 10. Detalhe das faixas de atores no modelo de representação gráfica da síntese.
Fonte: A autora (2017).

As cores também são aplicadas em setas que representam a direção do fluxo das tarefas. Observa-se no resultado da síntese fluxos que compreendem ações interdependentes para se alcançar um objetivo. Usou-se ainda de marcações vermelhas arredondadas para exaltar ações periódicas.

Na CSA Aldeia do Altiplano a circulação do capital necessária para a produção dos alimentos é gerida por uma coagricultora responsável pelas questões financeiras. A agricultora realiza investimentos recorrentes em insumos para a produção dos alimentos e é comum na etapa de Distribuição outro tipo de circulação em vendas espontâneas de produtos avulso, realizadas por alguns coagricultores e pela própria agricultora. Para sinalizar essas instâncias, foi utilizado um ícone formado por um cifrão envolto por um losango (Figura 11). Esta solução aprimorou a identificação de tais procedimentos, se comparada a estrutura apresentada no esquema-base do *blueprint*. Para otimizar a identificação de dados relacionados à circulação do capital ainda na fase de

levantamento, foi incluso no *kit* de mediação etiquetas circulares na cor preta, a serem fixadas sobre módulos que concernem ao tema.

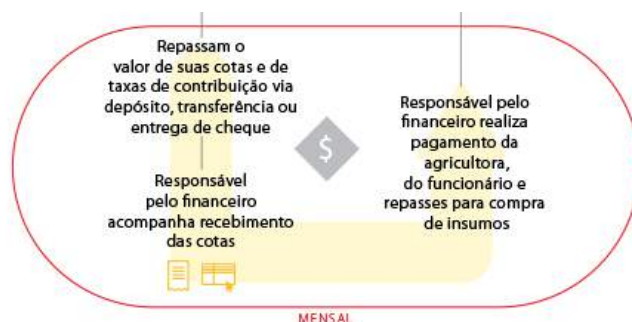


Figura 11. Exemplo de uso do ícone "cifrão" para assinalar tarefas envolvendo circulação financeira.
Fonte: A autora (2017).

Para identificar regularidade de eventos nos espaços, usou-se de marcações vermelhas arredondadas, exaltando padrões de periodicidade específica (Figura 11), e uma marcação igualmente circular na cor cinza para marcar a periodicidade do ciclo de compromisso da CSA.

Ressalta-se que o modelo de representação gráfica proposto foi aperfeiçoado durante a realização da síntese de dados das demais comunidades, sempre se considerando a possibilidade de inserção de dados, além do que foi registrado nos módulos de MDF.

3.4.2 Síntese

A síntese das informações colhidas na CSA Aldeia do Altiplano revelam um tipo de funcionamento de baixa complexidade, se comparada às demais comunidades.

A CSA oferece a média estimada de 10 itens semanais aos seus coagricultores, que com frequência conhecem um novo alimento apresentado pela agricultora. Trata-se da inclusão das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), que tendem a provocar curiosidades nutricionais e de preparo. Eventualmente compõe a cesta dos agricultores frutos de origem extrativista, colhidos em terrenos vizinhos ou em outras localidades de Brasília.

Ressalta-se que a CSA Aldeia do Altiplano enfrenta constantemente o desafio de se cultivar em um terreno pouco propício à agricultura e estrategicamente adota manejos em prol da recuperação do solo. Como resultado, é constante o impacto do excesso de formigas cortadeira na horta e o assunto é de ciência de todos pois eventualmente afeta na quantidade e diversidade de itens disponibilizados.

A exposição dos itens é feita sobre mesas, classificados por tipo e agrupados conforme a quantidade destinada à cada membro. Há um quadro negro expondo lista e quantidades, para informar com maior clareza a composição da cesta da semana e uma das mesas é sinalizada como "mesa da abundância", sobre a qual são dispostos excedentes da produção e alimentos que não são de interesse do coagricultor no momento. Neste caso, não há controle referente à quantidade que pode ser retirada.

O acompanhamento financeiro e resoluções de comunicações pontuais (como o informe de itens da semana) é realizado por uma coagricultora residente da Ecovila. Fluxos que envolvem controle de repasses e pagamentos à terceiros resolvem-se na relação direta desta coagricultora junto à Fabiana, em uma gestão que envolve poucos passos e se faz eficiente. A maior parte dos membros contribui por meio de agendamentos ou transferência bancária, porém há casos de utilização de cheque ou dinheiro em espécie.

Atividades de integração partem de propostas informais dos membros e em sua maioria acontecem na horta ou são abrigadas pelo galpão. Já o Encontro de Avaliação, momento que demarca a transição entre os ciclos semestrais, tende a ser organizado a partir de conversas entre a parceira que apoia a gestão e a agricultora. Ressalta-se ainda que outras instâncias de avaliação acontecem espontaneamente, quando os integrantes conversam entre si e com Fabiana sobre resultados da produção.

Uma característica comum aos participantes dessa CSA é o fato de habitarem próximos à Ecovila, o que impulsiona a aproximação de vizinhos. Em visitas a campo, percebeu-se ainda que o Setor Habitacional Altiplano Leste é carente de mercados, e que seus habitantes tendem a se deslocar ao Plano Piloto para suprirem necessidades alimentícias. A iniciativa da comunidade se apresenta, pois, como possibilidade de solução local.

3.4.3 Validação de dados

O resultado da representação gráfica foi impresso e apresentado à comunidade no café da manhã comunitário do dia 4 de fevereiro de 2017, com a finalidade de validar seu conteúdo (Figura 12). Foi feita uma nova partilha com o grupo presente, lembrando a atividade de coleta de dados e relatando como se deu o processo de síntese dos dados. O cartaz ficou exposto durante o evento e, em conversa com coagricultores que se

aproximaram para melhor compreendê-lo, foram identificados e registrados novos ajustes para o diagrama. As últimas correções foram feitas ainda no mesmo dia, porém separadamente, por meio de informações advindas da percepção da agricultora e da participante sobre o diagrama apresentado. Por fim, foi gerada a versão final do *blueprint* da CSA Aldeia do Altiplano (Apêndice D).



Figura 12. Momento de validação dos dados na CSA Aldeia do Altiplano, a partir de representação gráfica. Fonte: A autora (2017).

3.5 Aplicação: CSA Barbetta

O agricultor Idalécio Barbetta tomou conhecimento sobre CSA pela primeira vez em janeiro de 2015, por meio de conversas informais com uma consumidora de orgânicos que conheceu a tecnologia durante a palestra “Exemplos de CSA na Europa: para além da lógica de mercado”.

Idalécio é produtor de orgânicos desde 1998, um dos entusiastas desse tipo de produção no DF, é um dos fornecedores do Restaurante Girassol, local onde também comercializa os alimentos certificados em uma feira orgânica semanal e, até fevereiro de 2016, escoava ainda parte de seus produtos no CEASA–DF (Centrais de Abastecimento do Distrito Federal). Sua curiosidade sobre a proposta das Comunidades que Sustentam a Agricultura o levou a reuniões com aqueles que propagavam a ideia por Brasília, incluindo a presença de duas das pessoas que fizeram o curso de formação em CSA em Botucatu. O agricultor se entusiasmou com a possibilidade de resultados da parceria corresponderem à renda conquistada pelo ponto de venda no CEASA ao declarar desgastes físico e emocional como consequências de um contexto que o ocupava por todo o fim de semana, não restando tempo para se dedicar à família ou a outras atividades de interesse. O depoimento norteou uma das primeiras metas da futura CSA: unir gradativamente um número de consumidores em uma comunidade à época apenas hipotética em Brasília, cujo

retorno financeiro ao agricultor equivalesse à receita provinda do CEASA. Logo, foi realizado um levantamento primário de custos da produção e apresentada uma proposta de formação da CSA Barbetta que deveria contar com quinze cotistas em seu estágio inicial, pressupondo-se que a meta seria alcançada futuramente com a participação de outros onze coagricultores — estimou-se que com vinte e seis cotas mensais seria possível obter o saldo desejado.

Uma roda de conversa formalizada e aberta a interessados em participar da futura CSA ocorreu no dia 2 de março de 2015, com uma apresentação breve do histórico do movimento social a nível mundial e nacional, da planilha de custos relacionando despesas de produção e receitas via feira no CEASA, e com a assinatura de Temos de Compromisso com duração de seis meses. O evento culminou, oito dias depois, na entrega inaugural de dezesseis cestas (pois uma das interessadas aderiu a duas cotas) no Restaurante Girassol, um dos Pontos de Convivência (PC) acordados pela recém-formada comunidade. As cestas foram compostas de parte dos produtos anteriormente destinados à venda na feira, não havendo, em primeiro momento, participação da comunidade na definição de itens a serem cultivados. Foi oferecido o que já era produzido pelo Idalécio na Chácara Tuim, localizada na região administrativa de Santa Maria, somado a verduras e legumes oriundos de trocas com parceiros do agricultor. Além da cesta, foram disponibilizados ovos e mel como *produtos agregados*, isto é, elementos opcionais financiados coletivamente a parte do valor da cota, uma oportunidade viabilizada pela parceria do agricultor com os respectivos fornecedores a fim de se atender à vontade de consumo de alguns coagricultores. Além da existência dos produtos agregados, ao consumidor era oferecida a possibilidade de aderir a dois tipos de cota. A *cota 1* refere-se à contribuição cuja troca estima o recebimento de dez itens diversos semanalmente, enquanto a *cota 2* ao recebimento estimado de vinte itens diversos com a mesma periodicidade.

Trata-se de uma CSA que desde sua origem contou com o engajamento de coagricultores ativos nas atividades de gestão (autointitulados "equipe de articulação"). Ainda na citada roda de conversa, organizaram-se em uma dinâmica que elencou voluntários a frentes de trabalho referentes a funções financeiras, de convivência e de comunicação. A perceptível proatividade dos consumidores pode ser entendida como uma característica derivada da estratégia de se convidar amigos daqueles que divulgavam a tecnologia por Brasília e pessoas inscritas em listas de e-mails originadas em palestras sobre o tema — partir de um grupo previamente consciente da proposta facilitou o alcance à ansiada parceria solidária a favor de uma agricultura sustentada por todos.

Usufruindo-se dessa característica e partindo-se do desfecho da primeira aplicação da atividade de coleta de dados desta pesquisa, o convite à CSA Barbetta foi direcionado à equipe de articulação vigente. O levantamento ocorreu no dia 10 de março de 2017, no já citado PC, junto ao agricultor e aqueles incumbidos a realizar tarefas em uma das três áreas de atuação,

totalizando sete pessoas (Figura 13). Em sua maioria, participaram membros presentes desde a formação da comunidade e de um coagricultor que há pouco se integrara e tão logo assumiria as finanças. Para este último, o momento foi apresentado como oportunidade para se esclarecer processos que se tornariam parte de sua rotina na CSA.



*Figura 13. Aplicação da atividade de coleta de dados na CSA Barbetta.
Fotografia: Wagner Soares (2017).*

A atividade foi iniciada como na aplicação anterior, com depoimentos expressando o que antecedeu a formação e os primeiros passos de estruturação da comunidade. Foi evidenciado o caráter empírico do projeto quando os atores declaram que, mesmo havendo inúmeras dúvidas sobre a tecnologia social, decidiu-se partir para uma prototipagem sustentada por aqueles que possuísem uma comum afinidade com o propósito.

Durante o período desta pesquisa, a CSA Barbetta possuía o maior número de membros das três comunidades investigadas, encerrando o ciclo de março à outubro de 2017⁵⁰ com cinquenta e oito cotistas e entregas em três PCs (Jardim Botânico, FEPECS e Girassol). Seu modo de expansão, conforme descrito pelos atores que participaram do levantamento de dados, deu origem à complexidade de seus fluxos operacionais, tema dissertado a seguir.

⁵⁰ Excepcionalmente, este teve duração de oito meses para que futuras transições de ciclo não ocorram próximas a períodos em que muitos coagricultores se ausentam da concepção e da realização dos Encontros de Avaliação por motivo de férias.

3.5.1 Síntese

O diálogo ocorrido com os atores durante a atividade de coleta de dados, somado à vivência da pesquisadora como coagricultora da CSA Barbetta, trouxeram ricas informações sobre o caminho trilhado pela comunidade mais antiga de Brasília, dados que colaboram para um melhor entendimento de como a rede de atores responde à dinâmica da própria forma. A CSA Barbetta tem sua notoriedade marcada positivamente por avanços rápidos no que se refere a metas alcançadas, à logística que contempla diversos PCs, à oferta de produtos agregados e à sua eficiente gestão participativa. Optou-se por descrever, pois, processos de transição da mesma, ressaltando-se impactos de alterações quantitativas vivenciados⁵¹.

Inicialmente, os quinze cotistas se dividiam em dois PCs abrigados pelo Restaurante Girassol (Asa Sul) e pelo restaurante Empório da Mata (região administrativa do Jardim Botânico), do qual uma das coagricultoras era proprietária. Os Pontos foram definidos pela comunidade, considerando-se distâncias percorridas entre endereços residenciais e locais de entrega, bem como trajetos entre estes e a Chácara Tuim. As entregas aconteciam às terças-feiras, de 7h às 9h da manhã no Restaurante Girassol, com apoio voluntário de um coagricultor para auxiliar o agricultor no controle de presenças. O PC Empório da Mata possuía uma dinâmica diferente. Idalécio entregava os alimentos na segunda a noite ou na terça pela manhã e um funcionário local se encarregava de acompanhar as retiradas ao longo do dia. Durante a primeira metade do ciclo, os próprios coagricultores montavam suas cestas, escolhendo itens disponibilizados em caixotes e transportando-os, preferencialmente, em sacolas reutilizáveis. Entretanto, ao se observar o comportamento de membros que selecionavam de forma criteriosa os itens, seja por tamanho ou qualidade, manuseando os alimentos de forma excessiva, e ao se perceber ocasionalmente diferenças quantitativas não intencionais, a comunidade reavaliou o formato de exposição e passou a usar de caixotes com conteúdo previamente separado pelo agricultor, com o auxílio de funcionários da chácara, para atender um cotista.

⁵¹ É sabido que CSAs tendem a começar com um número de coagricultores inferior ao desejado para sua estabilidade financeira e que seu ponto de equilíbrio pode ser alcançado a, pelo menos, médio prazo, a depender de especificidades na relação custo de produção, quantidade de cotas e valor por cota (envolve particularidades quanto a necessidades econômicas de agricultores e auxiliares, investimentos na infraestrutura da propriedade onde ocorre o cultivo de alimentos, gastos com insumos e transporte, dentre outros). Assim, considera-se importante o breve registro de como foi possível à CSA Barbetta chegar ao momento de contentamento mútuo na relação produtor-consumidor, ao se reconhecer a propagação e interesse público por Comunidades que Sustentam a Agricultura em Brasília.

Transcorrido o ciclo inaugural, a CSA iniciou parcerias para a abertura de dois novos PCs. Em agosto, a organização não-governamental WWF-Brasil, à época com sede no Lago Sul, recebeu a comunidade quando um coagricultor que trabalhava no escritório reconheceu no espaço o potencial para adesão de novos membros. Como efeito, surgiram seis novas cotas e as entregas passaram a acontecer às segundas, também em resposta a resultados de uma avaliação comunitária que tratava da vivência ao longo do primeiro ciclo. Além das seis adicionais, ingressaram à comunidade outros coagricultores vinculados aos PCs Girassol e Empório da Mata e o resultado foi um salto de quinze para quarenta e cinco cotas em apenas um mês.

Já em setembro, foi criado um PC na Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde-FEPECS, localizada na Asa Norte, por intermediação da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais do Sistema Único de Saúde-EAPSUS. A aproximação com a EAPSUS se deu primeiramente em março de 2015, com a apresentação do conceito de CSA em palestra realizada no II Seminário sobre Novos Saberes em Água e Saúde, sob o tema "Água, Produção de Alimentos e Saúde na Perspectiva Transdisciplinar". A parceria que deu origem ao PC FEPECS poucos meses depois da palestra foi motivada ao se relacionar o consumo de orgânicos, os meios de produção e a filosofia de qualidade de vida própria das CSAs ao conceito de saúde pesquisado por representantes da instituição. Foi de interesse que funcionários e estudantes das escolas da FEPECS participassem ativamente do movimento social ou minimamente testemunhassem uma maneira alternativa de acesso à alimentação com maior valor nutricional. A parceria levou à origem de cerca de vinte cotas, resultando no total de sessenta e três cotistas da CSA Barbetta no mês de setembro.

A articulação dos dois novos PCs gerou um ajuste na logística a fim de se otimizar as entregas. Essas passaram a acontecer às segundas, ordenadas da seguinte forma: PC Empório da Mata, PC WWF, PC FEPECS e PC Girassol. Similar ao caso do Empório da Mata, no escritório da WWF-Brasil o agricultor deixava os caixotes aos cuidados de trabalhadores locais, enquanto no Restaurante Girassol e na FEPECS permanecia por 1h30 (período acordado para o funcionamento dos locais como Pontos de Convivência). Concomitante à expansão, a CSA Barbetta era impactada pelo contato de curiosos que tomavam conhecimento sobre a tecnologia por meio de rodas de conversa a respeito do tema, *e-mails* com uma versão online do Termo de Compromisso e pela propagação de

reportagens e entrevistas sobre CSAs em Brasília⁵². Ainda, em outubro, o agricultor Idalécio passou a investir em uma nova chácara, atualmente chamada de Vale Verde, localizada no bairro Jardim ABC (município Cidade Ocidental, divisa entre o Distrito Federal e o estado de Goiás), destinada exclusivamente à produção de alimentos para a CSA Barbetta. O objetivo era ampliar a safra para atender mais consumidores e aprimorar o controle de custos específicos da CSA. A Chácara Tuim seguiu com o cultivo voltado às outras formas de escoamento e ao cultivo de alimentos da cesta que naquele território melhor prosperavam. Idalécio, pouco a pouco, empregou novos auxiliares e passou a atuar cada vez mais na gerência das áreas produtivas.

Em termos quantitativos, nota-se que a comunidade alcançara, em agosto de 2015, a meta fundamentada na receita via CEASA. Porém, Idalécio sentiu-se preparado para deixar esse ponto de venda somente em fevereiro de 2016, quando o entrega a um parceiro que havia conquistado sua confiança no intervalo entre os meses citados. Assim, o período que foi de outubro de 2015 (início dos investimentos na nova chácara) à fevereiro de 2016 foi marcado pelo trabalho intenso do agricultor em seus empreendimentos. Seu esforço e aparente sobrecarga foram reconhecidos pela comunidade, repercutindo em questionamentos sobre o bem-estar do agricultor, que se manteve firme em suas escolhas. Após o repasse, o agricultor compartilhou com a comunidade seu contento pela nova fase de vida ao enviar fotografias que registravam um passeio ao parque com a família em plena manhã de sábado. E, ainda, em maio de 2016, realizou uma viagem de férias por duas semanas, algo não lhe acontecia há muito, pois a dedicação integral à vida de agricultor lhe permitia apenas, e no melhor dos cenários, descansar por uma semana uma vez ao ano.

A transição estrutural ocasionada pelo crescimento da comunidade também repercutiu nas atividades realizadas pela equipe de articulação. Esta relatou ter passado por uma forte crise, pois, mesmo que a produção agrícola associada a trocas ocasionais de produtos fosse suficiente para atender a todos, os processos gestionários ainda não estavam preparados para lidar com o aumento exponencial das variáveis. Pessoas com importantes conhecimentos em CSA que auxiliavam na articulação estavam ausentes por motivos particulares e ainda não havia acontecido nenhum curso de formação em Brasília que difundisse o conhecimento com maior profundidade, ou seja, a aprendizagem teórica sobre a tecnologia ainda se encontrava centralizada em poucos

⁵² Lista de matérias jornalísticas: <https://csabrasilia.wordpress.com/csabrasilia/na-midia/>

participantes do movimento social local. Os atores relataram inseguranças, pois a experiência dos seis meses anteriores ainda não estava consolidada.

A equipe de articulação criou estratégias para lidar com o novo cenário e propuseram mudanças gradativas no acompanhamento das entregas, nos critérios para entrada de membros, no fluxo financeiro e nos métodos de avaliação, todas com o suporte de instrumentos de comunicação. Partiram, pois, de aprendizados para se alcançar melhores resultados operacionais especialmente na passagem a ciclos seguintes.

Para facilitar a realização e o acompanhamento das atividades que ocorrem em cada PC, foi criado o conceito de *ponto focal*, título associado àquele que, também considerado parte da equipe de articulação, medeia comunicações específicas entre os coagricultores vinculados ao PC, demais articuladores e o agricultor, podendo ainda representar a CSA em contatos com representantes da entidade que acolhe o Ponto de Convivência. Auxilia na gestão de saída e entrada de membros, administra grupo no aplicativo *WhatsApp* direcionado àqueles vinculados ao PC, organiza o rodízio de coagricultores no apoio à entrega dos alimentos, encaminha informes sobre débitos e eventos de convivência, entre outros.

Sobre a entrada de novos membros, foi percebido que a participação ativa e a flexibilidade — características que colaboram para uma boa adaptação junto à CSA — poderiam estar relacionadas ao grau de conhecimento que o interessado tinha sobre a tecnologia social antes de vivenciá-la e à familiaridade com o contexto de produção dos alimentos. Foram discutidas premissas desejáveis para que o interessado seja acolhido, que consideravam sua ida à(s) Chácara(s), sua participação em uma roda de conversa sobre CSA, bem como se este teria ou não disponibilidade em apoiar a gestão comunitária. Foi estabelecido também que o prazo de compromisso de um novo coagricultor deveria se encerrar em data comum à toda comunidade, em detrimento a uma rigidez de participação por seis meses. Isso quer dizer que, caso um membro ingresse em outro mês que não o primeiro de um ciclo (o que é recorrente em situações de evasão ou inclusão de coagricultores à comunidade no correr de um ciclo), o termo assinado por ele consideraria como data final de participação e/ou de renovação aquela decidida pela comunidade, mesmo que isso acarretasse em um compromisso com duração menor que seis meses. Essa medida passou a evitar um contínuo trabalho de verificação de termos, de atualização de planilhas que pontuam presença nos PCs e no

acompanhamento minucioso de repasses que até então necessariamente eram conferidos membro a membro.

Quanto à questões financeiras, até o final do segundo e início do terceiro ciclo (março de 2016), a realização de repasses era feita da seguinte maneira: coagricultores pagavam o valor de suas cotas via agendamento bancário mensal ou semestral, depósitos, transferências e, em casos raros, utilizavam-se de cheques. Para facilitar o reconhecimento da origem das transações, além do valor das cotas é acrescido um valor em centavos correspondente ao número de inscrição do membro na comunidade. Cabia aos responsáveis pelo financeiro analisar, nas primeiras semanas de cada mês, o extrato bancário da conta poupança do agricultor e atualizar uma planilha digital de controle dos repasses. A conferência dos dados era feita um a um, o que tomava muito tempo e contribuía para uma sobrecarga de trabalho — ressalta-se que cabia à quem estivesse à frente do financeiro entrar em contato para cobranças nos casos de ausência de pagamento.

Um casal de coagricultores que assumiu as tarefas financeiras em abril de 2016 se dedicou a implementar alterações na maneira de realização dos repasses já vislumbradas por seus antecessores. A comunidade passou a ser orientada a realizar pagamentos unicamente via agendamento bancário semestral e a planilha digital que gerava os balancetes foi programada para identificar de maneira ágil os casos de débito. Coube aos coagricultores enviar por *e-mail* o comprovante do agendamento no início de cada ciclo, conforme datas estabelecidas pela equipe de articulação, e, aos responsáveis pelo financeiro, confirmar o recebimento do mesmo, acompanhar as quantias creditadas, retiradas mensais do agricultor, acúmulos do fundo reserva (valor integrado a cota para cobrir eventuais despesas imprevistas) e de taxas relativas à Associação CSA Brasil e à Rede CSA Brasília, além de utilizar-se de *e-mail* para comunicar eventuais cobranças e, ainda, se o débito persistisse, contatar o responsável pelo PC do qual o membro participa para uma aproximação direta.

Um recurso adotado para diminuir eventuais divergências na forma de pagamento é a entrega de um bilhete impresso ao cotista em troca do Termo de Compromisso assinado. O bilhete contém, essencialmente, a data limite do repasse, nome do coagricultor, valor a ser agendado para pagamentos mensais ao longo do semestre (incluindo uso de código nos centavos), além dos dados bancários do Idalécio.

Ainda no que tange a circulação de capital, uma coagricultora que apoiava o casal na gestão financeira aprimorou a planilha de gastos referentes à produção, propondo a atualização constante da mesma a partir de registros baseados em acertos financeiros de responsabilidade do agricultor — notas fiscais de compras, pagamento de faturas, gastos devido à depreciação de equipamentos e remunerações a funcionários — tipo de sistematização que não fazia parte da rotina de Idalécio. De acordo com os relatos, mesmo que ainda não tenha se alcançado certa assiduidade no controle de despesas, a iniciativa fez com que a equipe de articulação se aproximasse mais da realidade agrícola compreendendo melhor o processo de produção, a composição do valor financiado em busca de que este seja o mais justo possível aos coagricultores. A planilha auxiliou também na tomada de decisões coletivas, como no uso do fundo reserva acumulado para financiar a aquisição de bomba d'água e de cisterna — necessidade que se fez urgente durante um período de seca.

O aumento na quantidade de coagricultores impactou ainda nos métodos de avaliação. A equipe de articulação da CSA Barbeta sempre utilizou de formulários digitais para colher impressões e sugestões, cujos dados posteriormente compunham um documento de divulgação dos resultados. Porém, aplicar um instrumento direcionado à essa função apenas em momentos de transição de ciclos pareceu pouco eficiente no que se refere a *feedbacks* sobre a qualidade e arranjo das cestas. Em se tratando de entregas semanais, o contexto avaliado estava distante de oportunidades de reação quando se discutia casos de insatisfação com itens ou se partilhava conteúdos somente a cada seis meses⁵³ — fins de ciclo, momento de realização dos Encontros de Avaliação. Durante o Encontro que marcou o fim do segundo ciclo (março de 2016), foi sugerido o uso de caixas para recados ao agricultor a serem expostas nos PCs. A ideia foi adaptada e foi criado o caderno *Barbeta na Escuta* como suporte para depoimentos e inserção de contatos de curiosos que demonstrassem interesse em participar da comunidade ao se deparar com um momento de entrega.

Os formulários digitais para avaliação abrangiam questões referentes ao apoio nas atividades de articulação, além de medir a satisfação da comunidade. É sabido que, em um contexto autogestionário movido por colaborações voluntárias, se faz importante a rotatividade daqueles que contribuem para o funcionamento da comunidade não

⁵³Havia *feedbacks* informais, contudo, dado o tamanho da comunidade, atentar-se ao registro dos depoimentos poderia auxiliar no entendimento de problemas e facilitar a ideiação de soluções.

somente por uma perspectiva financeira. Por conseguinte, no formulário havia campos destinados ao registro de habilidades do coagricultor que poderiam ser úteis à gestão e sua disponibilidade para atuar nas áreas de finanças, convivência e comunicação. Foi percebido, entretanto, que as informações coletadas daqueles que se apresentavam disponíveis via formulário pouco se convertiam em novos apoios nas atividades de gestão. Presume-se que isso se deve, dentre outras justificativas possíveis, ao pouco conhecimento dos membros sobre as atividades e ao fato das informações coletadas nem sempre serem consultadas nas ocasiões que demandam um novo apoio. Ao reconhecer no auto volume de integrantes possibilidades colaborativas, a CSA Barbeta adaptou sua abordagem e passou a comunicar a necessidade por ações de apoio com maior precisão, seja por mensagens e *e-mails* que comunicam pedidos de ajuda específicos, ou até mesmo por contato presencial. O desfecho da nova estratégia tem gerado retornos positivos, porém, desde sua origem, ainda se percebe certa constância em quem está à frente dos cuidados de gestão da comunidade.

Os processos ora descritos tratam de como a CSA respondeu à meta inicial, com ênfase em sua sustentabilidade financeira. Para além da repercussão em dinâmicas rotineiras, o novo cenário favoreceu outros objetivos fundamentados na solidariedade, dando origem à *cota anjo*, ao *apoio solidário*, e ao *apoio social* abaixo descritos⁵⁴.

Cota Anjo: ser um *coagricultor-anjo* é contribuir, em anonimato ou não, para a entrada de uma pessoa com dificuldade financeira na CSA, com permanência acordada entre si, ou entre o beneficiado e a equipe de articulação. A modalidade já era posta em prática por uma coagricultura desde a criação da CSA, mesmo que antes não reconhecida sob um conceito.

Apoio Solidário: subsídio, baseado no uso de parte do fundo reserva, a ser destinado àqueles que já fazem parte da CSA Barbeta e que estão com dificuldade momentânea de manter seu compromisso financeiro. A aplicação pode variar de 25% a 50% da reserva coletada mensalmente, a depender de uma avaliação feita caso a caso por um comitê formado pelos pontos focais e por demais interessados em participar da instância, na qual busca-se prever o período do apoio, com possibilidade de reavaliação ao fim do prazo consentido. A identidade do coagricultor que executou o pedido é preservada e este deve contribuir com parte do percentual de sua cota. Ter exercido

⁵⁴ A descrição parte de escritos em ata redigida por membro da CSA Barbeta.

alguma atividade de apoio mútuo ao sustento da comunidade é considerado um diferencial positivo, caso não seja viável atender a todos os solicitantes.

Apoio Social: apoio a projetos sociais locais que tratam daqueles em situação de vulnerabilidade, baseado na doação espontânea de cestas e de excedentes da produção da CSA. A ideia havia sido discutida entre a equipe de articulação, com participação do agricultor, desde o início do terceiro ciclo (março de 2016) e o grupo aumentou sua expectativa ao atingir sessenta e três cotas com uma produção suficiente para atender a todos. Para tornar possível a iniciativa, foi inserida uma questão no formulário de avaliação aplicado ao final do quarto ciclo sobre o contato dos coagricultores com entidades afins. As respostas elencaram projetos sociais que foram analisados considerando-se facilidades de deslocamento para efetuar as doações e a possibilidade de intermediação por parte do coagricultor que sugeriu a entidade.

Ressalta-se ainda que o reconhecimento de excedentes motivou o grupo a conceber a *caixa da abundância*, objeto posicionado nos PCs junto às cestas no qual o agricultor pode expor alimentos que excedem a quantidade estimada de itens e os coagricultores podem depositar itens que não sejam de sua necessidade na semana, ou retirar aqueles que lhe interessam.

Diante de um modo de organização em constante evolução, a representação gráfica resultante desta pesquisa busca sintetizar os agenciamentos que modelaram o quarto ciclo (março à outubro de 2017), além da fase de formação, a partir dos mesmos códigos visuais estruturantes daquela realizada sobre a CSA Aldeia do Altiplano. Faz-se importante sinalizar que a linha "Locais" da representação apresenta o termo "Pontos de Convivência" de forma genérica, pois um detalhamento dos mesmos não impactaria na compreensão dos padrões. Foi observado que, mesmo após o fechamento do PC Empório da Mata (agosto de 2016) e do PC WWF (setembro de 2016)⁵⁵, as funções/ações pertinentes ao lugar Ponto de Convivência seguem como prescrito.

⁵⁵ O PC WWF deixa de existir pouco tempo após a mudança do escritório da ONG para a região administrativa do Guará. A nova localidade dificultou deslocamentos do agricultor e, à época do fechamento, apenas cinco cotistas ali retiravam suas cestas. Estes foram convidados a migrar para outro PC. No caso do restaurante Empório da Mata, a proprietária deixou de ser coagricultora e o Ponto na região administrativa do Jardim Botânico, em setembro de 2016, passa a ocupar a loja Construporto, empreendimento de outra participante da CSA.

3.5.2 Validação de dados

Uma plotagem de 200cm x 55cm contendo a representação gráfica foi exposta sobre uma mesa improvisada durante o 4º Encontro de Avaliação da CSA Barbetta, ocorrido no dia 26 de março de 2017 (Figura 14). Agricultor e coagricultores presentes se aproximaram de maneira espontânea, quando a pesquisadora fez uma breve explicação sobre como os dados foram graficamente estruturados. O momento seguiu com leituras individuais silenciosas, sendo compartilhadas impressões e dúvidas sobre o fluxo da CSA.



Figura 14. Momento de validação dos dados durante o 4º Encontro de Avaliação da CSA Barbetta, a partir de representação gráfica. Fotografia: Marly Silva (2017).

Por meio de falas do agricultor Idalécio, observou-se a necessidade de inclusão de novos dados. Anotações à lápis e *Post-its* auxiliaram a marcação para futuros ajustes. Uma coagricultora manifestou a sugestão de incorporar à representação datas, incentivando que o diagrama se comportasse como uma linha do tempo. Apesar do objetivo da representação tratar de reconhecer processos recorrentes da comunidade (eventos padrões e seus espaços), a sugestão foi acolhida e acrescentou-se datas aos fatos que marcaram a etapa de Formação no intuito de tornas o registro de maior valia enquanto síntese.

Houve um segundo momento de validação dos dados, quando articuladoras da CSA Barbetta se reuniram para discutirem o 5º Encontro de Avaliação (previsto para ocorrer em outubro de 2017), com a presença de uma coagricultura recém engajada na equipe de articulação. Reuniões sobre o tema foram organizadas e as pessoas envolvidas, por iniciativa própria, demandaram à pesquisadora o acesso à representação gráfica, na

intenção de usá-la como instrumento facilitador ao se explicar o funcionamento da comunidade para a nova integrante. A plotagem foi cedida, cabendo ressaltar que sua apropriação se deu sem a presença da autora, que convidou as articuladoras a registrarem sobre a impressão comentários, dúvidas ou qualquer outra informação pertinente à sua proposta. O grupo retornou satisfeito com uso da representação como ferramenta orientadora de reflexões acerca dos atuais processos da comunidade assinalando que se trata de uma ótima síntese visual para constante partilha entre os coagricultores, especialmente no que se infere sobre atividades relativas ao financeiro, à comunicação e a convivência⁵⁶.

A validação de dados se deu ainda por meio de entrevista presencial, registrada em áudio, com Idalécio e duas coagricultoras que participam da comunidade desde sua formação. Foi realizada na Comunhão Espírita no dia 26 de outubro de 2017, instituição realizadora do projeto social Comunhão de Alimentos, que é beneficiado pela iniciativa de apoio solidário da CSA Barbetta. Ademais, outros contatos foram feitos via *WhatsApp* para esclarecer detalhes de informações previamente colhidas.

A versão final da representação gráfica está disponível no Apêndice E.

3.6 Aplicação: CSA Toca da Coruja

O modo como foi conduzido o levantamento de dados sobre a última CSA abordada na pesquisa se deu em resposta à condição na qual a comunidade se encontrava. Houve dificuldades de agendamento para que a coleta se desse na presença conjunta dos agricultores e dos coagricultores à frente de importantes tarefas de gestão, pois o período foi coincidente à interrupção das atividades da CSA. Não sendo possível exercer a coleta de dados da forma prevista, foi feita uma adaptação nos procedimentos e buscou-se sanar a demanda em dois encontros. Primeiramente a atividade foi realizada no dia 28 de junho de 2017 em conversa com os agricultores Fabio França e Andrea Zimmermann no sítio Toca da Coruja, residência do casal e local de produção dos alimentos, situado no Núcleo Rural Lago Oeste, região administrativa de Sobradinho. Em segundo momento, a atividade foi aplicada com a presença de três coagricultoras que se engajaram em atividades de articulação da comunidade (Figura 15). Esse levantamento se deu no dia 28 de setembro de 2017, no Laboratório Materialidade da

⁵⁶ Escrito fundamentado em depoimento recebido pela pesquisadora via *WhatsApp*.

Palavra, Departamento de Design–UnB — caso em que não foi possível cumprir com a diretriz que tratava de coletar os dados em ambiente familiar ao convívio em CSA. Para facilitar a identificação das informações providas dos dois encontros, os *Post-its* preenchidos no primeiro levantamento foram transferidos a módulos em papel, enquanto registros do segundo encontro foram feitos sobre os módulos de MDF. As informações descritas neste subcapítulo partem, pois, do resultado desses encontros e de demais dados coletados pela participação da pesquisadora em outros momentos de aproximação com a Rede CSA Brasília.



Figura 15. Aplicação da atividade de coleta de dados junto a coagricultoras da CSA Toca da Coruja.
Fotografia: A autora (2017).

A CSA Toca da Coruja foi formada entre maio e junho de 2015, com local de produção em sítio de mesmo nome. Previamente ao surgimento da CSA, o sítio já se fazia referência no Distrito Federal como campo aberto à experimentação de tecnologias sociais que compõem seu *Design* Permacultural. Não por acaso, foi o espaço onde se deu o primeiro experimento de apoio mútuo entre amigos no cultivo e escoamento semanal de alimentos orgânicos, buscando explorar a prática do conceito da Comunidade que Sustenta a Agricultura (ano de 2012).

Um dos desafios encontrados ao longo dessa primeira experiência tratava da distância percorrida pelos participantes e da articulação de entregas. Não havia troca financeira e a motivação maior do grupo era estarem juntos, fazendo uso da vivência como fonte de estudo sobre relações comunitárias e práticas sustentáveis no meio urbano. Ressalta-se que parte daqueles que participaram da experiência impulsionaram o movimento social

de CSAs em Brasília, especialmente ao realizarem apresentações sobre o tema durante os anos de 2014 e 2015.

A CSA Toca da Coruja se constituiu três anos depois, usufruindo das aprendizagens de Andrea durante o curso de Formação em CSA em Botucatu (2014), de contatos com pessoas interessadas que compareceram às primeiras palestras de promoção da CSA em Brasília ou que tomaram conhecimento da iniciativa em postagens no site Sustentável na Prática⁵⁷. O surgimento da comunidade teve como essência o desejo de Andrea e Fábio de se reconhecerem como atores de uma agricultura sustentada por princípios convergentes aos seus ideais de sustentabilidade, de vivenciarem uma nova comunidade no local em que habitavam e de testar potencialidades de reaplicação da tecnologia como solução próspera à realidade de pequenos produtores do Distrito Federal. Engajaram-se na proposta também pela perspectiva agroecológica e, no caso de Andrea, deixando-se influenciar também por práticas de compras coletivas que eram encorajadas por seu pai, quando esta era criança. Fábio se recordou ainda que, durante uma viagem à Cuba para um congresso sobre permacultura, em 2008, uma conversa que teve com participantes de uma CSA americana o instigou a saber mais sobre a proposta .

Entende-se que o casal possui uma relação com a agricultura com certa diferença daquela de Idalécio Barbeta, pois se dedica também a outras atividades profissionais. Andrea é geógrafa e empreendedora da Empresa Matres Socioambiental e Fábio é analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação de Biodiversidade (ICMBio). Para corresponder às expectativas logísticas de uma produção rotineira que servisse a uma comunidade, fez-se necessário se ajustarem a dinâmicas diárias que possibilitassem o trabalho na horta e imprescindível contarem com o apoio de Francisco, agricultor e funcionário residente no mesmo sítio junto à esposa e filho, e de um auxiliar que prestava serviços conforme a demanda.

Como nas demais CSAs apresentadas, o compromisso em comunidade tratava de viabilizar as entregas semanais de dez itens diversos entre si. Estimava-se a participação de quinze cotistas para o ciclo inicial, porém mais pessoas demonstraram interesse e o casal de agricultores refletiu novamente sobre a capacidade de produção. Por fim, a comunidade se formou em parceria com vinte e dois cotistas, em uma parceria anual que se estendeu de junho de 2015 a junho de 2016 formalizado pela assinatura do

⁵⁷ Parte das atividades promovidas pelo Sítio Toca da Coruja são divulgadas no blog sustentavelnapratica.net, de autoria de Andrea Zimmermann e Fábio França.

Termo de Compromisso. No segundo ciclo anual da CSA, aumentou-se a meta de cotas para trinta. Em 30 de junho de 2017, no final do segundo ciclo, quando a CSA interrompeu suas atividades, havia vinte e seis cotas correspondidas e outras quatro em aberto.

A pausa da CSA Toca da Coruja ocorre em consequência do preparo necessário do casal para o nascimento de seu primeiro filho. Assim que anunciada, a gravidez de Andrea ressoou no grupo como uma oportunidade de se criar meios que proporcionassem uma licença maternidade, durante a qual a comunidade contaria com os serviços de uma agricultora vizinha ao sítio, também produtora de uma CSA em Brasília. Foi realizada uma reunião com a finalidade de mobilizar os participantes para o período de transição no qual o exercício autogestionário fosse capaz de atender a demandas anteriormente respondidas pelo casal de produtores. Apesar de feita uma lista de tarefas a serem cumpridas para uma nova articulação do grupo, o intento não se realizou e os agricultores comunicaram a descontinuidade da CSA Toca da Coruja ao final do segundo ciclo. Parte dos coagricultores migraram para outras CSAs de Brasília.

3.6.1 Síntese

Durante o processo de formação da CSA, Andrea contactou o Café e Ecomercado Bioon, localizado na Asa Norte, com a finalidade de que este apoiasse a iniciativa abrigando o Ponto de Convivência. Após o aceite, a comunidade iniciou suas atividades com entregas às terças, entre 8h e 11h, a partir da definição dos próprios agricultores em virtude de seus deslocamentos a trabalho para o Plano Piloto.

Ainda no que se refere aos cuidados iniciais sobre o funcionamento da comunidade, uma das reuniões onde se discutia sua formação teve como tema a demanda por pessoas que atuassem em quatro comissões: acolhimento, convivência, finanças e comunicação.

O acolhimento tratava da recepção de novos coagricultores, divulgação de cotas disponíveis e eventuais desligamentos, enfatizando a estes o compromisso de conhecer a horta. Cabe ressaltar que Fabio reforçava em sua fala a percepção de que a horta do sítio Toca da Coruja passou a ser de todos os membros a partir do surgimento da CSA. Para ele e sua companheira, a aproximação dos coagricultores com a produção dos alimentos era fundamental para a integração da comunidade.

O princípio motivou a realização de diversas atividades no local (momento Integração referenciado pelo *blueprint*), incluindo almoços, mutirões de plantio, acampamento para crianças, oficina sobre como fazer um minhocário e realização de uma Festa Junina. Além destas, o exercício da convivência se dava por uma estratégia adotada pela comunidade a partir da sugestão daqueles à frente desta comissão. Como não era possível para Andrea e Fabio continuarem presentes após a exposição dos caixotes, estes organizados com itens previamente separados para atender um cotista, periodicamente era realizada uma escala de membros para apoiarem a entrega das cestas. Dois coagricultores se revezavam para auxiliar no controle das retiradas, cada um com permanência ideal de 1h30. Reconhecidos como "apoios", eles eram responsáveis pelos registros dos presentes, informavam via grupo de *Whatsapp* os nomes daqueles que ainda não haviam comparecido e apresentavam a CSA para curiosos que transitavam pelo PC perguntando se trava-se de venda de orgânicos (situação recorrente dada a aproximação junto ao Ecomercado, e que se configurava também como oportunidade para a divulgação da tecnologia social e captação de novos coagricultores, quando necessário). Os agricultores retornavam ao local ao fim do dia para retirarem o material.

Além daqueles destinados a cada membro, havia um caixote destinado à excedentes da safra. A abundância da produção possibilitava também a inclusão de alimentos previamente preparados pela agricultora e pela esposa do funcionário local, como geleias de frutas da estação e molhos, assim como trocas com produtores de uma horta vizinha, local de produção de outras CSAs de Brasília (CSA Bindu e CSA São João, criadas respectivamente em setembro e outubro de 2016). Essa estratégia buscava aumentar a diversidade de alimentos ofertados e o vínculo entre comunidades. Houve ainda eventuais encomendas e vendas de pães, café e alho orgânico de fornecedores do DF e compra coletiva de arroz biodinâmico produzido no sul do país.

Em fevereiro de 2016, o Ecomercado passa por uma reforma e as entregas das cestas passam a acontecer na casa de uma das coagriculturas, há poucos quilômetros do primeiro PC. A mudança de local reverberou em mudanças de comportamento reconhecidas por aspectos positivos e negativos, no que tange à convivência. Ao mesmo tempo em que uns citam ter testemunhado uma melhor qualidade nos encontros, onde emergiam momentos de conversas mais aprofundadas sobre assuntos diversos (ou seja, havia a possibilidade de aumento de vínculo para além de retirar uma cesta), foi

percebido um maior número de atrasos e de ausências. Frente à possibilidade das ausências levarem ao desperdício, uma coagricultora motivou o início de doações pontuais dos alimentos restantes à uma instituição.

A área de finanças mostrou-se como um assunto delicado durante a conversa com os atores. Foi evidenciada a dificuldade de se alcançar um fluxo financeiro salutar ao exercício de tarefas rotineiras e à sustentabilidade da comunidade. Os cotistas realizavam sua contribuição financeira à vista (considerando-se o montante referente ao ciclo completo) ou em parcelas, via transferência ou depósito bancário — sendo enfatizado pelos agricultores que, mesmo ocorrendo raramente, financiamentos à vista possibilitavam investimentos mais seguros na área de cultivo (aquisição de insumos agrícolas e maquinários, dentre outros). Os coagricultores eram solicitados a realizarem depósitos programados com antecedência. Como na CSA Barbeta, utilizavam o código em centavos correspondente ao número da cota para facilitar a identificação dos recebimentos. O acesso ao extrato bancário era de exclusividade dos agricultores e cabia ao Fabio informar, periodicamente, uma espécie de balancete a membros da comunidade que se voluntariavam para apoiar as finanças. Porém, foi citado que a denominada "comissão financeira" não conseguiu se estabilizar.

Pelos relatos, percebe-se ainda que funções relacionadas à comunicação não se estruturam com fluxos de trabalho regulares. Elas se davam conforme a demanda, com soluções que partiam de interesses momentâneos. Durante a etapa de formação, os agricultores criaram um *blog Corujinha News*⁵⁸ com o intuito de partilhar experiências, receitas, aprendizados e encontros no sítio. Paralelamente, a comissão de acolhimento criou um e-mail para a CSA (ponto de contato com membros e externos) e um grupo no *WhatsApp* (ponto de contato apenas com membros). Outros exemplos de soluções estão no uso de placas com nomes dos coagricultores fixos aos caixotes (auxiliavam a identificar quem ainda não compareceu ao PC para buscar sua cesta), envio de bilhetes feitos pelos agricultores com receitas que fazem uso de PANCs (inclusas às cestas também pela vontade de trazer novos referenciais alimentares aos coagricultores, além de aumentar a diversidade nutricional) e informes sobre a horta. Sobre este último, preocupados em não atenderem a expectativa de consumo, os agricultores utilizavam dos bilhetes para comunicarem intempéries, como ocorrido no caso em que uma chuva de granizo afetou na aparência de tomates, provocou a perda de outros itens,

⁵⁸ csadatoca.blogspot.com.br

danificando ainda parte da infraestrutura. O texto impresso dos agricultores buscou a empatia da comunidade em um contexto de ônus da produção.

Instrumentos de comunicação eram utilizados ainda em momentos de avaliação, por meio do uso de questionários impressos e digitais estruturados pelas ferramentas *Survey Monkey* e *Google Forms*, com foco em informações referentes à satisfação dos produtos e sugestões. O formato de avaliação da CSA Toca da Coruja, considerando encontros presenciais e aplicação de questionário não chegou a configurar-se como padrão a cada ciclo, e nem sempre os dados colhidos eram sistematizados. Pelos relatos, compreende-se que foram experimentadas soluções conforme a disponibilidade criativa daqueles que se manifestavam de forma espontânea para assumir a etapa, em exercícios avaliativos que pudessem ocorrer tanto na metade como ao final de um ciclo.

A CSA Toca da Coruja apresentou, ao longo de seus dois ciclos, casos de evasão que não atendiam à solicitação de avisar com pelo menos sessenta dias de antecedência a necessidade de saída para que a comunidade pudesse reestruturar a participação dos cotistas (SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA, 2017). Este fato, somado a inadimplências, impossibilitava o alcance de um equilíbrio financeiro e prejudicava o exercício de parceria em comum-idade. As principais causas de saída de membros tratavam da adaptação ao tipo de consumo (queixas de quantidade excessiva para o ritmo do indivíduo ou de sua família), manutenção do compromisso na ocorrência de viagens e migração de membros para outros CSAs.

Alguns atores acreditam que as instabilidades e a falta de soluções que propiciassem a continuidade das atividades da CSA no ano de 2017 se deve, em parte, ao perfil dos agricultores. Presume-se que o engajamento demasiado de Andrea e Fabio poderia ter impactado no desenvolvimento da autonomia do grupo, como se o cuidado do casal com os processos da comunidade fosse tão primoroso ao ponto de inibir aberturas para a proatividade de coagricultores. Faz-se justo ressaltar ainda que outros componentes da CSA também se dedicavam com muito afinco, e que estes declararam o sentimento de sobrecarga de trabalho devido à pouca rotatividade daqueles à frente de funções importantes para o bom funcionamento da CSA.

3.6.2 Validação de dados

Pode-se considerar que a conversa com às coagricultoras da CSA Toca da Coruja (segundo momento de coleta de dados) foi uma validação dos dados previamente colhidos junto aos agricultores. Pois, na ocasião, foram feitos questionamentos referentes aos registros da primeira coleta, o que gerou ajustes na compreensão dos processos da comunidade.

Já na fase de concepção da representação gráfica, foi enviado um questionário a uma das coagricultoras participantes da atividade (Apêndice F) e, posteriormente, uma primeira versão do diagrama foi apresentada à Andrea a fim de se confirmar a coerência temporal de informações e sanar as últimas dúvidas.

A versão final da representação gráfica da CSA encontra-se no Apêndice G.

4 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os aprendizados gerados pelas conversas com as comunidades e pelo tratamento de dados realizado, frutos do caminho metodológico proposto, reforçaram o desafio de se revelar a estrutura complexa e dinâmica da forma Comunidade que Sustenta a Agricultura.

Como orientado por Santos (1992), variáveis foram descobertas e posteriormente dominadas na ânsia por se reconstruir uma fração de realidades concretas em sua vida sistêmica, atentando-se aos atores envolvidos, atividades, ritmos, instituições, territórios, estruturas de capital, dentre outros.

Os momentos de levantamento de dados e os resultados alcançados transcenderam a expectativa pelo encontro de padrões entre comunidades por proporcionarem concomitantemente a descoberta de suas especificidades. Este capítulo apresenta, pois, semelhanças inferidas e aspectos que particularizam a adequação da tecnologia aos contextos estudados como meio de se discutir os limites de respostas possíveis ao problema levantado por esta pesquisa — *como se caracteriza a reaplicação da tecnologia social “Comunidades que Sustentam a Agricultura” em Brasília?*.

4.1 Padrões entre comunidades: do registro de modelos à sobreposição

Para se investigar possibilidades de leitura da sobreposição dos modelos das três comunidades e revelar convergências e divergências, são retomados os princípios fundamentais do movimento social CSA, presentes na introdução desta dissertação, e são comparadas ações previamente categorizadas em Formação, Produção, Distribuição, Avaliação e Integração nas representações gráficas.

Primeiramente, avalia-se o exercício dos quatro princípios.

Princípio de parceria: apesar de ser possível afirmar que o comprometimento mútuo com a produção foi diagnosticado nas três comunidades, pois nelas há o uso de planilhas de custo consentidas, repercutindo em cotas individualizadas e financiadas antecipadamente a fim de se oferecer estabilidade aos agricultores, pode-se questionar a qualidade do suporte financeiro e o alcance ao bem-estar desejado. Os casos de inadimplência da CSA Toca da Coruja e a constante substituição de membros impactaram na segurança financeira por parte dos agricultores, que relataram preocupações e abalos na confiança sobre o funcionamento da comunidade. Ainda,

tanto na CSA Toca da Coruja como na CSA Barbeta houve relatos de sobrecarga no exercício de gestão dos grupos. Em ambas, depoimentos de coagricultores apontaram para a necessidade de rotatividade daqueles que compõem a equipe de articulação ou comissões de trabalho. Ao se analisar as particularidades, as relações funcionais da CSA Barbeta estão em constante aprimoramento no objetivo de se otimizar processos, adotando como resposta o aumento de tarefas que devem ser cumpridas para se alcançar um objetivo — não por acaso o diagrama da mesma é o de maior extensão. Observa-se ainda que essa é a comunidade com maior número de ações marcadas pela cor amarela (faixa *coagricultores*), tanto ao se considerar todas as categorias de dados como ao se isolar a etapa de Formação no intuito de se ater a tarefas rotineiras de cada ciclo. Isso significa que, proporcionalmente, a maior parte das ações de gestão são resolvidas por consumidores, porém nem todos se apresentam disponíveis a assumirem papéis proativos de maneira voluntária. No caso da CSA Toca da Coruja, onde se percebe um maior número de itens na cor azul (faixa *agricultores*), além da sobrecarga relatada por coagricultores com causa similar a da CSA Barbeta (i.e. indisponibilidade de mais membros para assumirem tarefas gestionárias), o protagonismo dos agricultores aproximou-os de uma estafa gerada pela realização de tarefas que estão para além da atividade agrícola que por si já demanda trabalhos constantes, mesmo que estes não estejam detalhadamente especificados na representação gráfica. Na análise possível, cita-se um certo equilíbrio encontrado nas informações referentes à CSA Aldeia do Altiplano, onde as cores verde e amarela (faixas *agricultora+coagricultor* e *coagricultores*, respectivamente) apresentam quantidades de dados semelhantes e, ainda, superiores à faixa de tarefas exercidas pela agricultora. Não houve queixas quanto ao sustento da comunidade e, como observado na vivência em campo, o clima amistoso pode significar um maior alcance ao bem-estar de seus membros. Por fim, faz-se importante ressaltar que os julgamentos aqui apresentados sobre o tema *bem-estar* tratam de uma interpretação que lida, necessariamente, com matéria subjetiva e particular de seus atores.

Princípio de localidade: as três CSAs incentivam a economia local, com particularidades nos deslocamentos geográficos que caracterizam a área compreendida pelo conceito *local*. Ao se adotar como parâmetro a distância entre os territórios onde se

dão as instâncias de produção, distribuição e consumo, pode-se descrever as seguintes estruturas espaciais⁵⁹:

	PRODUÇÃO	DISTRIBUIÇÃO	CONSUMO
CSA ALDEIA DO ALTIPLANO	Horta localizada no Setor Habitacional Altiplano Leste, local de moradia da agricultora. Produtos vendidos espontaneamente são produzidos, em sua maioria, no DF e no estado de Goiás.	Ponto de Convivência localizado junto à horta. Deslocamentos referentes a produtos vendidos espontaneamente referem-se a trajetos percorridos por outras justificativas, que não são exclusivas à venda.	Exceto duas famílias, que habitam em região administrativa vizinha, todos os coagricultores são moradores do Altiplano Leste.
CSA BARBETTA	Hortas localizadas em Santa Maria e Jardim ABC (distam cerca de 30km um do outro), sendo o primeiro local de moradia do agricultor. Produtos agregados com local de produção em outras regiões do DF.	Pontos de Convivência localizados no Plano Piloto e no Lago Sul (distam cerca de 30km e 25km, respectivamente de Santa Maria). Deslocamentos referentes a produtos agregados otimizados pelo contato do agricultor com os respectivos fornecedores em feiras rotineiras.	Coagricultores tendem a morar ou a exercer atividades cotidianas em proximidade com o Ponto de Convivência correspondente.
CSA TOCA DA CORUJA	Horta localizada no Lago Oeste, local de moradia dos agricultores. Produtos eventualmente comercializados no PC ou adquiridos por compra coletiva tinham como local de produção o DF.	Ponto de Convivência na Asa Norte (dista cerca de 30km do Lago Oeste). Aquisição de produtos via articulação com fornecedores do DF.	Coagricultores tendem a morar em proximidade com o Ponto de Convivência.

Tabela 3. Comparativo sobre deslocamentos inerentes às instâncias de produção, distribuição e consumo das CSAs Aldeia do Altiplano, Barbetta e Toca da Coruja. Fonte: A autora (2017).

Logo, compreende-se que o princípio de economia local tem referência de escala variante entre Distrito Federal e Goiás (macro), e Setor Habitacional Altiplano Leste (micro).

Princípio de Solidariedade: ações relatadas nas três comunidades demonstram o exercício da corresponsabilidade pelos riscos e benefícios de produção, podendo ser apresentadas como exemplos que caracterizam a prática do princípio em cada uma das CSAs. A flexibilidade quanto a uma diversidade de produção em consonância com

⁵⁹ "A estrutura espacial é algo assim: uma combinação localizada de uma estrutura demográfica específica, de uma estrutura de produção específica, de uma estrutura de renda específica, de uma estrutura de consumo específica, de uma estrutura de classe específica e de um arranjo específico de técnicas produtivas e organizativas utilizadas por aquelas estruturas e que definem as relações entre os recursos presentes" (SANTOS, 1992, p. 17).

características da biorregião reflete na inserção de Plantas Alimentícias Não-convencionais (PANCs) nas cestas de todos os casos abordado, na consciência mútua de intempéries que impactam na produção — como nos comunicados sobre as especificidades do solo da CSA Aldeia do Altiplano, as consequências de uma tempestade na CSA Toca da Coruja e os problemas de irrigação enfrentados pela CSA Barbeta durante o período de seca — e em estratégias adotadas para inclusão de outras variedades de itens — extrativismo de frutos sazonais realizado pela CSA Aldeia do Altiplano, oferta de alimentos previamente preparados em compotas pela CSA Toca da Coruja e nas eventuais trocas de produtos da CSA Barbeta com vizinhos e parceiros do agricultor. O princípio da solidariedade pode ser atestado ainda na CSA Barbeta pela existência da *cota anjo* e do *apoio solidário* que ilustram o cuidado mútuo entre coagricultores, propiciando a participação e permanência digna daqueles em situações momentâneas de vulnerabilidade econômica, e na aprovação consensual de compra e instalação de uma cisterna e de uma estrutura de bombeamento de água, viabilizados pela aplicação do fundo reserva dessa comunidade.

Princípio de relação produtor-consumidor: notadamente há relação direta entre os agricultores nomeados nesta dissertação e seus respectivos coagricultores. O contato entre ambos se dá de maneira direta e frequente, e a profundidade desse encontro se constrói pela convivência nos momentos de formação, distribuição, avaliação e integração. A pesquisa suscitou depoimentos e testemunhos de cenas em que houve valorização comunitária da participação do funcionário da CSA Toca da Coruja e de sua família, assim como também se presenciou momentos de convite à integração do trabalhador rural que apoia a produção da CSA Aldeia do Altiplano e de convívio com alguns auxiliares do agricultor Idalécio nos Pontos de Convivência da CSA Barbeta e em visitas à horta. Entretanto, cabe um questionamento sobre o local social ocupado por funcionários e diaristas dentro de cada uma das comunidades, sendo estes também trabalhadores agrícolas que agem em função da nutrição dos participantes. Existe uma tendência a um distanciamento relacional, não sendo observado, por exemplo, a participação destes em tomadas de decisão da comunidade ou em qualquer outra instância produtiva que não marcada pelo cultivo. Logo, lança-se como pergunta, sem a intenção de oferecer respostas nesta dissertação, se haveria o interesse nas Comunidades que Sustentam a Agricultura em tornar mais íntima a participação de assistentes não raro pouco vistos pelos consumidores. É reconhecido que esta questão depende do grau de interesse pessoal, da consciência sobre a tecnologia social, do acesso viável para o

convívio com os consumidores, dentre outros, e, ainda, que a superficialidade do contato não se faz suficiente para desvalidar o exercício do princípio.

Se a atividade em campo buscou revelar os eventos ancorados no espaço de cada unidade pesquisada, objetiva-se com os resultados identificar também um conjunto de padrões comum às CSAs pioneiras de Brasília, propondo-se a descoberta da linguagem de reaplicação da tecnologia social. Logo, soma-se à análise da prática de princípios a indução de repetições que permeiam o histórico e as atividades elementares da CSA Aldeia do Altiplano, da CSA Barbetta e da CSA Toca da Coruja.

Formação: as três pessoas que participaram do curso de formação de CSA em Botucatu no ano de 2014 se engajaram na formação das comunidades pioneiras de Brasília. O conhecimento adquirido e partilhado na roda de conversa ocorrida na UnB foi assistido por futuros coagricultores das três comunidades. Isso caracteriza a qualidade de referências que nortearam as estratégias de surgimento, conferindo especial importância à integração e a colaboração como fonte primária de empoderamento — busca pela vivência comunitária a partir da aprendizagem teórica sobre escultura social. Outro ponto comum é a nomeação de responsáveis pela articulação no momento em que se firmou o compromisso com o grupo participante do primeiro ciclo e a disponibilização de um levantamento prévio de custos envolvidos no cultivo e distribuição de alimentos, a fim de se estabelecer um valor de cota justo.

Produção: o tipo de produção das três comunidades é fundamentado na agroecologia e no cultivo de orgânicos. Todas com expectativa de fornecer dez itens diversos entre si semanalmente, propiciando uma nutrição satisfatória pela oferta de uma cesta com pesos semelhantes. Os agricultores se organizam para que a colheita ocorra o mais próximo possível da etapa de distribuição, a fim de se preservar a vitalidade e frescor dos alimentos, e comunicam a lista de itens da semana com antecedência aos coagricultores. Nos três casos analisados, havia a presença de um funcionário dedicado à produção com vínculo empregatício formalizado.

Distribuição: a configuração dos Pontos de Convivência das CSAs pesquisadas, enquanto formação de espaço comunitário, se faz mediante relações de tempo (período de entrega diário e repetição semanal) dentro de um mesmo território. Todas as CSAs buscam que o PC seja compreendido como oportunidade de integração, no anseio de que coagricultores se reconheçam para além de uma passagem rápida para retirada das cestas. Cada membro é responsável por ter consigo sacolas e caixas próprias para

transporte, evitando o uso de embalagens descartáveis, e é orientado a informar caso não seja possível retirar a própria cesta. As três comunidades eventualmente disponibilizam aos coagricultores alimentos extras à quantidade prevista, caso haja excedentes na produção. Foi identificado ainda que a etapa de distribuição atua como espaço de comercialização de outros produtos à comunidade e como espaço de divulgação da tecnologia a passantes espontâneos.

Avaliação: nos três casos a principal instância de avaliação se dá em um encontro no local de produção dos alimentos que determina o fim de um ciclo, com a presença voluntária de agricultores e coagricultores. O encontro é auto-determinado a partir dos anseios e disponibilidade dos membros, abarcando conteúdos que tratam da satisfação quanto aos alimentos recebidos ao longo do ciclo, dos custos de produção, eventuais necessidades de investimento ou de reajustes financeiros e de melhorias na gestão da comunidade. O momento preza ainda pela convivência harmoniosa e descontraída.

Integração: todas as comunidades estudadas atentam-se ao contato de coagricultores com a horta, incentivando visitas com presença de crianças e a organização de mutirões. Há um anseio pela profundidade nas relações interpessoais, o qual motiva a proposição de interações que tratem de assuntos para além da gestão comunitária em dinâmicas, palestras ou oficinas cocriadas. As atividades, mesmo quando não realizadas no local de produção, sempre oferecem refeições comunitárias. Usufruem também de eventos ofertados pela Rede CSA Brasília como oportunidade de troca e construção de saberes entre comunidades.

Em última análise de padrões entre comunidades, descreve-se características comuns de circulação de capital e da apropriação de canais de comunicação.

Circulação de Capital: nas três CSAs, o acesso aos alimentos sucede o financiamento mensal da produção que é preferencialmente realizado via depósito ou transferência bancária, com data de repasse no início de cada mês definida conforme necessidades dos agricultores e prazos de validação dos recebimentos. Há a contribuição para um fundo reserva, prática divulgada pelo curso de formação de CSAs para solucionar imprevistos que dependam de um investimento extra. Os casos de inadimplência tendem a ser tratados de forma solidária, enfatizando o apoio mútuo para se resolver situações economicamente sensíveis. A circulação alcança ainda terceiros por meio da venda de produtos complementares e da intermediação de taxas destinadas à Associação CSA Brasil e/ou à Rede CSA Brasília.

Canais de comunicação: a Planilha de Custos de Produção e o Termo de Compromisso utilizados pelas comunidades surgiram da adaptação de modelos adquiridos durante o curso de formação de CSAs em Botucatu. Nota-se a presença de outros documentos de apoio com finalidades comuns, apesar de possuírem particularidades nos formatos para facilitar sua aplicabilidade conforme o perfil daqueles que os manejam. Destaca-se a apropriação de ferramentas gratuitas online como solução para o registro e troca de informações entre membros das comunidades (especialmente entre aqueles que se responsabilizam pela articulação do grupo), como no uso de repositório de arquivos, de aplicações de edição de textos e planilhas e na concepção de formulários avaliativo. Isso se deve à funcionalidade de compartilhamento, constituindo um ambiente virtual de trabalho eficaz para a gestão — caso este não se faça suficiente, é comum a resolução de problemas em conversas em espaços residenciais e outros comuns à rotina da CSA. Os dados enfatizam o uso intenso da aplicação *WhatsApp* como canal de comunicação interno das comunidades, revelando dependência do funcionamento da mesma para que seja possível alcançar a todos com transparência na transferência de informações. A experiência como coagricultora com vínculo também com a Rede CSA Brasília, trouxe a percepção de que, não raro, dada a quantidade de membros que compõe os grupos de *WhatsApp*, a comunicação não se faz eficiente a todos pela efemeridade da postagem que é sucedida por uma série de conversas entre os participantes, gerando possíveis perdas de informações ou confusão na interpretação dos comunicados. Apesar do uso de *e-mails* ter por intenção diminuir interferências e sobreposição do que se busca comunicar, tende à baixa visualização e retorno. Este instrumento é usado também para comunicações externas (ponto de contato com interessados em participar das CSAs), assim como postagens na página de *Facebook* da Rede CSA Brasília. Poucos são os casos em que se recorre a telefonemas, meio de comunicação adotado para resolver questões pontuais, direcionadas a pessoas ou serviços específicos. O uso de evidências físicas também é pouco frequente, aplicadas em sua maior parte nas ações que se dão no Ponto de Convivência (listas de presença e recados impressos). Como reflexão final sobre o tema, apesar das três comunidades pautarem a necessidade de se delegar responsáveis pela comunicação da comunidade, visando a contribuição de comunicólogos e *designers*, a concepção e uso dos instrumentos partem de integrantes com perfil diversificado, dispostos a se engajar na proposição de soluções gráficas conforme a demanda. Há uma tendência da equipe (ou comissão) de comunicação não se constituir ou se manter ativa, e de que peças e instrumentos sejam concebidos e

administrados por aqueles que lidam diretamente com os impactos de sua aplicação — como ocorre na gestão financeira e em cadastros de coagricultores —, ou ainda por contribuições espontâneas de participantes não vinculados a uma frente de trabalho específica para o sustento da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa partiu da investigação de padrões de Comunidades que Sustentam a Agricultura em Brasília, objetivo concebido durante o ano de 2015. Como apresentado, foi neste ano que surgiram as três primeiras comunidades locais, que, apesar do surgimento de tantas outras, se mostraram suficientes como primeiro estudo científico sobre a reaplicação da tecnologia social em âmbito local.

É reconhecido que tal abordagem poderia ter reconfigurado o próprio objetivo de pesquisa, restringindo-o exclusivamente ao estudo destas. Entretanto, ao se compreender o estudo do método científico como propósito de pesquisadores em fase de mestrado, a autora escolhe manter transparente ao leitor que há limites nas respostas à indagação inicial (problema de pesquisa).

Compreende-se que o estudo de um objeto carente de registros, dinâmico e contemporâneo à pesquisa implica na coragem de aceitar incertezas sobre seus estados futuros. Não havia referências que justificassem suposições prematuras sobre o ritmo de reaplicação das CSAs testemunhado ao longo de dois anos. Se foi de intenção inicial dar-se conta das características de todas as comunidades brasilienses, a restrição fez-se necessária no caminhar, resultante dos métodos aplicados, também estes propriamente articulados na busca por respostas consistentes.

O crescimento acelerado da tecnologia social no DF foi observado pela autora durante sua participação como coagricultora e apoiadora do que se denominou Rede CSA Brasília. Como parte da rede de atores, a interação trazia impactos para ambas as partes. Ansiava-se por se revelar padrões coincidentes entre as unidades, de modo que a descoberta destes caracterizassem um modelo de CSA próprio de Brasília. Contudo, a vivência trouxe o valor das singularidades, do exercício criativo e igualmente dinâmico de atores das comunidades. Especula-se que explorar modelos, no plural, percebendo e registrando padrões que lhe são próprios, pode colaborar para a promoção de soluções vividas em cada CSA, configurando-se em um material cuja livre apropriação possa encorajar o surgimento de uma nova comunidade — potencialmente protagonista de outros eventos ainda não mapeados. Tal reflexão surge em especial pela leitura em *Linguagem de Padrões*, e torna-se mais interessante do que o propósito prematuro de estabelecer um único arranjo ou, ainda, de enquanto *designer* se propor o melhor arranjo possível a partir dos casos (indagação íntima da autora e de seus orientadores nos estágios iniciais de ideação do projeto de pesquisa).

A inspiração em Alexander instiga ainda supor a configuração da linguagem em cada CSA por meio da relação entre a organização de dados na representação gráfica e a analogia gramatical proposta por Santos. Se em primeiro exercício tratou-se de classificar o tema *Comunidade que Sustenta a Agricultura* a partir de sua construção verbal, agora outras leituras de sintaxe se fazem possíveis para se revelar padrões, onde o sujeito/estrutura é apresentado pelas linhas de atores (agricultor; coagricultores+agricultor; coagricultores), e o verbo/função e complemento/forma/padrão estão contidos na escritura das tarefas adequadas às etapas. Abaixo, seguem exemplos de possibilidades de leitura a partir da representação gráfica da CSA Barbetta:

Em *Agricultor informa lista de itens da semana*, lê-se *lista de itens da semana* como um padrão emergente no evento *Produção*, podendo este último ser compreendido como outra unidade de padrão da CSA, um nível acima de *lista de itens da semana*.

Em *Agricultor e coagricultores realizam Encontro de Avaliação*, lê-se *Encontro de Avaliação* como um padrão emergente no evento *Avaliação*, podendo este último ser compreendido como outra unidade de padrão da CSA, um nível acima de *Encontro de Avaliação*.

Em *Coagricultores revezam-se como Ponto de Apoio no controle de entregas das cestas*, lê-se *Ponto de Apoio no controle de entregas das cestas* como um padrão emergente no evento *Distribuição*, podendo este último ser compreendido como outra unidade de padrão da CSA, um nível acima de *Ponto de Apoio no controle de entregas das cestas*.

É reconhecido que tal exercício a partir do modo de organização dos dados ainda encontra-se em fase especulativa e pode configurar-se como tema de uma futura pesquisa que busque catalogar padrões em CSAs de Brasília e possibilidades de arranjo entre estes. O catálogo tornar-se-ia referência criativa para soluções de gestão das comunidades.

Destaca-se ainda a experiência com a pesquisa em campo por meio da realização de atividade projetada a partir da revisão teórica. Como em outras práticas em *design*, colocar um projeto à prova em contextos que lhe são próprios implica em enxergá-lo sob outra perspectiva, a de sua real funcionalidade. Isso posto, foi percebido que a mediação e o meio de registro a partir dos módulos se aproximam mais de um método para o registro de dados coletados em uma entrevista (como outras formas de registro em anotações de caderno, gravações de áudio, respostas de um questionário) do que de uma

atividade lúdica e cocriada. Apesar de se reconhecer que o material físico despertou interesse e de que na primeira aplicação alguns atores preencheram os cartões por si (o que não veio a se repetir nas demais comunidades), o manejo e a compreensão de uso do mesmo aparentemente é compreendido apenas pela pesquisadora. De forma alguma as observações desvalidam o seu uso, pois nos momentos de reordenação de dados para síntese o suporte facilitou a alocação e realocação de peças de uma história a ser traduzida em um gráfico que propõe leituras lineares e em diferentes direções — coincidente ao próprio desenho do módulo com suas setas. Ainda, tornou possível a reutilização do suporte e o arquivamento dos registros originais de cada comunidade mediante fixação de *Post-its* em folhas A4. Como reflexão final sobre a atividade em campo, é reconhecida a necessidade de repensá-la em termos de custo de produção e otimização dos resultados, e reconsiderar a equipe necessária para sua aplicação. A condução da atividade suscitou um volume de dados muito alto que exigia atenção extrema da pesquisadora para dar-se conta das narrativas em tempo real, especialmente no caso da CSA Barbetta, onde posteriormente se fez necessário ouvir o áudio correlacionado na íntegra para assegurar-se de informações relevantes.

Se a rede deforma (impõe uma mudança na forma) seus elementos estruturantes — podendo-se aqui fazer uma analogia direta às mudanças de comportamento de pessoas como consumidores a partir de seu envolvimento em CSAs e às mudanças das qualidades trabalhistas de agricultores —, e se a própria estrutura, em resposta ou como causa, também atua em como se expressa a rede, há potencial de contribuição das ações que permeiam a dissertação na história da tecnologia social — ainda que não haja plena lucidez do alcance da contribuição. Do que é perceptível ao momento, o levantamento de dados em grupos proporcionou reflexões imediatas de seus participantes sobre conquistas e entraves em comunidade, suscitando ainda ideias para próximos passos. Como previamente citado, a apropriação da representação gráfica pela CSA Barbetta auxiliou o entendimento da gestão do grupo a quem ainda desconhecia a complexidade de seu funcionamento. O incentivo de membros da Rede CSA Brasília, expresso pela disponibilidade constante no apoio à pesquisa, também demonstra interesse na apropriação de resultados da mesma para se pensar meios de contribuir para a constante melhoria no acompanhamento e incentivo à reaplicação da tecnologia. Ainda fruto do processo em mestrado, foi idealizado o projeto "Concepção e desenvolvimento de Sistema Interativo para o aperfeiçoamento da gestão de Comunidades que Sustentam a

Agricultura no DF", ainda em busca por financiamento, que objetiva possibilitar o registro de experiências e troca dos saberes entre CSAs.

Por fim, considera-se que a pesquisa contribuiu nos estudos sobre a atuação de *designers* como mediadores de conhecimentos emergentes em redes, valorizando competências que auxiliam na proposição de modos de organização de informações à favor do aprimoramento e propagação de tecnologias sociais sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- Agenda Gotsch. Disponível em <<http://agendagotsch.com/pt/syntropy>>. Acesso em 20 novembro 2017.
- ALEXANDER, Christopher. **Notes on the Synthesis of Form**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1973.
- _____. **The timeless way of building**. New York: Oxford University Press, 1979.
- _____, et al. **Uma Linguagem de Padrões**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa - ideias afins / thesaurus**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- BASHFORD et al. **European Handbook on Community Supported Agriculture - Sharing Experience**: cartilha digital. Vienna: Community Supported Agriculture for Europe Project, 2013. Disponível em: <http://urgenci.net/wp-content/uploads/2015/03/CSA4EUrope_Handbook.pdf>. Acesso em: 27 abril 2017.
- BAVA, Silvio C. Tecnologia social e desenvolvimento local. **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil. Rio de Janeiro: 2004.
- BROWN, Tim. **Design Thinking – uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CALLON, Michell. Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis. In: BIJKER, Wiebe E. et al. **Social Construction of technological systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CSA Brasil. Encontro Nacional da Rede CSA Brasil. Disponível em: <<http://csabrasil.org/csa/portfolio/quoting>>. Acesso em: 20 outubro 2016.
- CSA Brasil. Veja informações sobre a festa de comemoração do 4o aniversário da CSA – Demétria – ocorrido no último dia 06 de junho. Em: <<http://csabrasil.org/csa/category/encontros/>>. Acesso em: 21 outubro 2016.
- CSA Brasília. Disponível em: <<http://csabrasilia.wordpress.com>>. Acesso em: 27 abril 2017.
- CSA Brasília; CSA Brasil; Matres Socioambiental. Documento digital de apresentação do conceito Escultura Social. 2016.
- DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio; NOVAES, Henrique. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil. Rio de Janeiro: 2004.
- FAUSTINO et al. **Cartilha 2 – Série: Feiras de Economia Solidária**. Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária. 2006

FERREIRA NETO, Djalma Nery; TORUNSKY, Flavia. **Agricultura apoiada pela comunidade e a “economia viva” de Rudolf Steiner**. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v.8, n.2. Araraquara, 2014.

FLOWERS, Erik; MILLER, Megan Erin. **Blueprinting Facilitator Guide – Your step-by-step guide to running practical service blueprinting**: cartilha digital. California: Practical Service Design, 2015. Disponível em: <<http://www.practicalservicedesign.com>>. Acesso em: 27 abril 2017.

_____. **Practical Service Blueprinting – Your guide to generating actionable insights for service experiences**: cartilha digital. California: Practical Service Design, 2016. Disponível em: <<http://www.practicalservicedesign.com>>. Acesso em: 27 abril 2017.

GROH, Trauger. Agradecimentos. In: GROH, Trauger; MCFADDEN, Steven. **Farms of Tomorrow Revisited: Community Supported Farms — Farm Supported Communities**. São Francisco: Bio-dynamic Farming and Gardening Association, 1997.

_____; MCFADDEN, Steven. **Farms of Tomorrow Revisited: Community Supported Farms — Farm Supported Communities**. São Francisco: Bio-dynamic Farming and Gardening Association, 1997.

HENDERSON, Elizabeth; VAN EN, Robyn. **Sharing the harvest: a citizen's guide to Community Supported Agriculture - revised and expanded edition**. Vermont, USA: Chelsea Green Publishing Company, 2007.

HOLMGREN, David. **Permacultura — princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LASSANCE JR, Antonio; PEDREIRA, Jussara. Tecnologias sociais e políticas públicas. **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil. Rio de Janeiro: 2004.

LE GALLIC, Thomas; SCHLICHT, Susanne; VOLZ, Peter; WECKENBROCK, Philipp. **Community Supported Agriculture: An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland**: documento online. [s.d]. Disponível em: <<http://www.agronauten.net/wp-content/uploads/2014/03/Community-Supported-Agriculture-An-overview-of-characteristics-diffusion-and-political-interaction-in-France-Germany-Belgium-and-Switzerland.pdf>>. Acesso em: 4 março 2017.

KOWALTOWSKI, Doris; BARRO, Raquel. Prefácio. In: ALEXANDER, Christopher et al. **Uma Linguagem de Padrões**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

MANZINI, Ezio. **Design para a Inovação Social e Sustentabilidade – Comunidades Criativas, Organizações Colaborativas e Novas Redes Projetuais**. Rio De Janeiro: E-Papers, 2008. (Cadernos Do Grupo De Altos Estudos; V.1)

_____. **Movimento Pequenos Agricultores – Brasil**. Disponível em: <<http://mpabrasil.org.br/soberania-alimentar-deve-ser-debatida-pelo-conjunto-da-sociedade/>>. Acesso em 1 abril 2017.

PFEIFFER, Ehrenfried. **Introducción al método agrícola biodinámico**. 1986.

POLAINE, Andrew; LOVLIE, Lavrans; REASON, Ben. **Service Design: From Insight to Implementation**. New York: Rosenfeld Media, 2013.

Practical Service Design. Disponível em: <<http://www.practicalservicedesign.com>>. Acesso em: 7 novembro 2016.

ROSENTHAL, Dália. **Joseph Beuys: o elemento material como agente social**. ARS, Ano 8, n. 8. s.d.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1992. 3 ed.

Service Design Tools. Disponível em: <<http://servicedesigntools.org>>. Acesso em: 7 novembro 2016.

STICKDORN, Marc; SCHNEIDER, Jakob; et al. **Isto é Design Thinking the Serviços**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

Sustentável na prática. Disponível em: <[http://sustentanvelnapratica.net](http://sustentanvelnopratica.net)>. Acesso em: 5 novembro 2017.

VAN EN, Robyn. Introdução. In: HENDERSON, Elizabeth; VAN EN, Robyn. **Sharing the harvest: a citizen's guide to Community Supported Agriculture - revised and expanded edition**. Vermont, USA: Chelsea Green Publishing Company, 2007.

APÊNDICE A

Some movements of CSA are listed in the following (inter alia based on Urgenci; David-Leroy & Girou 2009):

- ACP (*Agriculture Contractuelle de Proximité* – contract-based agriculture of proximity) in French-speaking Switzerland;
- AMAP (*Association pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne* - Association to maintain small-scale farming), na França;
- Andelslandbruk (*andel* = part, *andelslandbruk* = CSA in Norwegian) in Norway;
- ASC (*Agriculture Soutenue par une Communauté* – Agriculture supported by a community) in Quebec, Canada;
- BAH (*Bajo el Asfalto esta la Huerta* – under the asphalt, there is the vegetable garden) in Spain;
- CSA (*Community Supported Agriculture*) in the Anglo-Saxon countries (US, UK) and in Flanders;
- GAA (*Groupement d'Achats Alimentaires* – Food shopping group) in Wallonia;
- GAC (*Groupe d'Achats Communs* – Common purchasing group) in Wallonia;
- GAS (*Gruppo d'Acquisto Solidale* – Solidarity-based purchasing groups) in Italy;
- GASAP (*Groupes d'Achat Solidaires de l'Agriculture Paysanne* – Solidarity-based purchasing groups for small-scale farming) in Brussels;
- Gela (*Gemeinsam Landwirtschaften* – Farming together) in Austria;
- Reciproco (*Relações de Cidadania entre Produtores e Consumidores* – Solidary relations between producers and consumers) in Portugal;
- *Regionale Vertragslandwirtschaft* (Contract-based regional agriculture) in Germanspeaking Switzerland;
- *Solidarische Landwirtschaft* (Agriculture in solidarity) in Germany;
- *Teikeis* (Partnerships) in Japan;
- *The Vodeselteams* (Foodteams) in Flanders;
- Tieša Pirkšana (Direct sale or green baskets) in Letvia.

LE GALLIC, Thomas; SCHLICHT, Susanne; VOLZ, Peter; WECKENBROCK, Philipp. **Community Supported Agriculture: An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland.** [s.d]. Disponível em: <<http://www.agronauten.net/wp-content/uploads/2014/03/Community-Supported-Agriculture-An-overview-of-characteristics-diffusion-and-political-interaction-in-France-Germany-Belgium-and-Switzerland.pdf>>. Acesso em: 4 março 2017.

APÊNDICE B

Dez princípios do Teikei⁶⁰

- 1. Princípio do apoio mútuo.** A essência da parceria aqui em questão não fica somente no comércio, mas em relações amistosas entre as pessoas. Por isso, ambos, produtores e consumidores, devem ajudar um ao outro com base no entendimento mútuo. Essa relação deve ser estabelecida por meio de reflexão sobre experiências passadas.
- 2. Princípio da intencionalidade da produção.** Os produtores devem, por meio de consulta aos consumidores, procurar produzir a máxima quantidade e diversidade de produtos dentro da capacidade de suas fazendas.
- 3. Princípio de aceitar os produtos.** Os consumidores devem aceitar todos os produtos produzidos de acordo com consulta prévia entre os dois grupos. A dieta dos consumidores deveria ser baseada o máximo possível nesses produtos.
- 4. Princípio da concessão na decisão do preço.** Ao decidir o valor a ser pago pelos consumidores, os produtores devem considerar que há redução de trabalho e custo para classificação e embalagem, e também que os produtos são todos aceitos. Já os consumidores devem considerar o benefício de receber alimentos frescos, saudáveis e saborosos.
- 5. Princípio do aprofundamento de relações amistosas.** O desenvolvimento contínuo desta parceria requer o aprofundamento de relações amistosas entre os produtores e os consumidores. Isso só pode ser alcançado maximizando os contatos entre os parceiros.
- 6. Princípio da autodistribuição.** O transporte dos produtos até os locais de distribuição deve ser realizado ou pelos produtores ou pelos consumidores sem depender de transportadores profissionais.
- 7. Princípio da gestão democrática.** Os dois grupos devem evitar depender muito de alguns poucos líderes nas suas atividades. Além disso, devem tentar praticar uma gestão democrática, com responsabilidades compartilhadas entre todos. As condições

⁶⁰ Teikei vem do Japão e é uma parceria entre produtores e consumidores no movimento da agricultura orgânica. Este texto foi adaptado do documento da JAPAN ORGANIC AGRICULTURE ASSOCIATION, de 1978, disponível em <http://www.joaa.net/english/teikei.htm> (consultado em 20 de julho de 2014). Traduzido por Die Agronauten e Mutirão Agroflorestal.

particulares das famílias dos membros devem ser levadas em consideração com base no princípio do apoio mútuo.

8. Princípio da aprendizagem coletiva. Ambos os grupos, produtores e consumidores, devem dar muita importância a aprender coletivamente, de maneira que suas atividades sejam mais do que só a distribuição de produtos saudáveis.

9. Princípio de manter um tamanho apropriado do grupo. Realizar os princípios mencionados acima será difícil se o número de parceiros ou o território dos grupos forem muito grandes. Por isso, estes dois devem ser mantidos com um tamanho apropriado. A inclusão de mais pessoas deve se dar preferencialmente pelo aumento do número de grupos e da colaboração entre eles.

10. Princípio do desenvolvimento contínuo. Na maioria dos casos, nem os produtores nem os consumidores poderão desfrutar de condições tão boas como acima mencionadas, desde o início. Por isso é necessário, para ambos os grupos, escolher parceiros promissores, mesmo que sua situação presente seja insatisfatória, e avançar neste esforço em cooperação mútua.

APÊNDICE C

CSA Aldeia do Altiplano

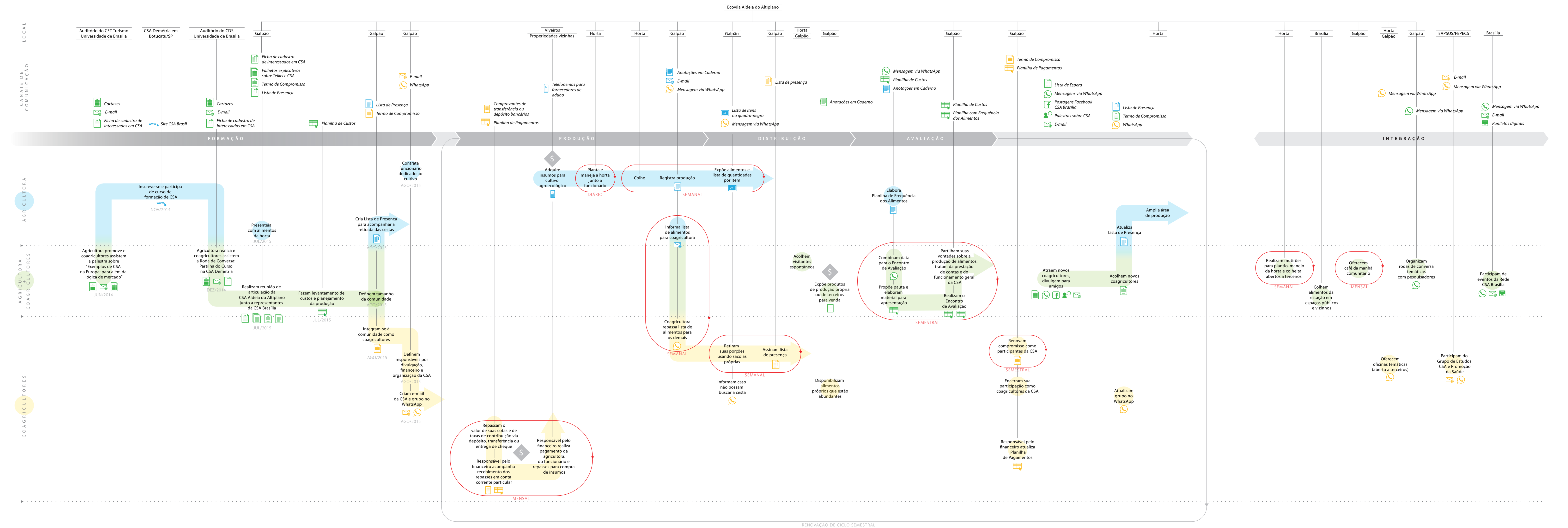
Entrevista com Fabiana Peneireiro e Lena Ferreira

Conduzida por e-mail e WhatsApp nos dias 30 de janeiro de 2017 e 2 de fevereiro

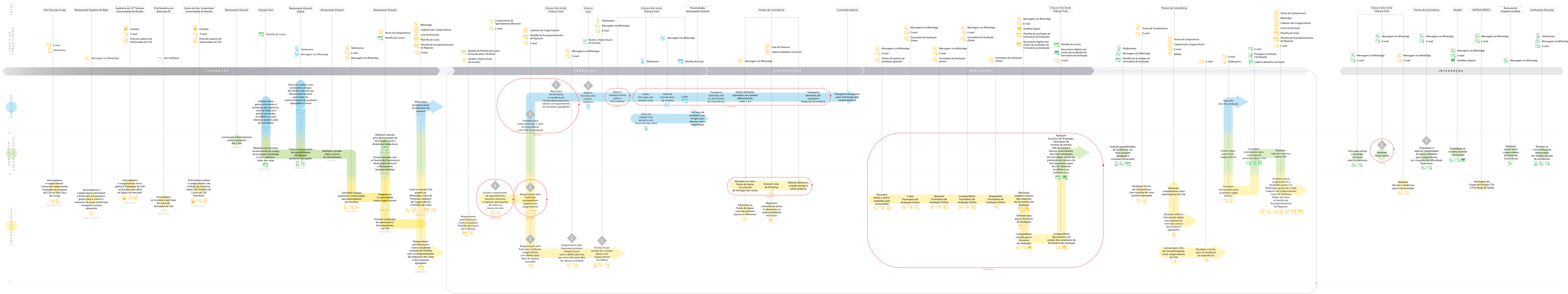
1. Qual a quantidade atual de coagricultores na comunidade? Houve saída ou entrada de membros entre outubro/2016 e fevereiro/2017?
2. Já houve ou há festas e outros momentos de celebração organizados pela CSA (além do café da manhã)? Quem ajuda na organização?
3. Quais planilhas e documentos são utilizados pela CSA além da Planilha de Custos de Produção e da Lista de Presença?
4. Quando foi feita a Lista de Presença? Quem criou o documento e quem atualiza o documento?
5. O Termos de Compromisso é usado pela comunidade? Se sim, enviado ou entregue fisicamente a novos coagricultores? É necessária a assinatura do termo para se efetivar como membro?
6. Quando foi criado o grupo de WhatsApp da comunidade? Quem o criou e quem o atualiza?
7. É frequente o uso de ligação telefônica pra resolver questões da CSA? Se sim, quais questões?
8. Quais mídias foram usadas para divulgar a palestra sobre CSA ocorrida na UnB e promovida com apoio da Fabiana antes de existirem CSAs no DF?
9. Onde na UnB foi realizada a palestra sobre CSA?
10. O recebimento das cotas acontece via conta bancária da Lena, com repasse posterior para funcionário(s) e para a agricultora?
11. Quantos funcionários trabalham na produção, além da agricultora?
12. O(s) funcionário(s) foi/foram contratado(s) pela CSA?
13. Ele tem carteira assinada? Se sim, tinha antes de ficar exclusivo na CSA?
14. Quando acontece a colheita dos demais alimentos, além das folhosas?
15. Onde são adquiridos os insumos para produção? Informar casa haja compras online.
16. Os mutirões às sextas-feira são realizados em nome do Mutirão Agroflorestal, aberto também aos membros da CSA e terceiros interessados?
17. O mutirão às sextas-feiras é considerado como uma etapa na produção de alimentos da CSA? Ou se trata de um momento que soma na comunidade, não sendo imprescindível para a produção?
18. Como são divulgados os mutirões? Existe divulgação por canais externos a CSA, como canais de comunicação do Mutirão Agroflorestal?
19. O que é avaliado durante o Encontro de Avaliação?

20. Existe outro meio ou momento dedicado à avaliação além do Encontro?
21. O material e o roteiro do Encontro de Avaliação são elaborados por quem?
22. Quais informações e documentos são utilizados no Encontro de Avaliação além da Planilha de Custos de Produção?
23. Em que momento foi criada e quando é utilizada a Planilha de Frequência dos Alimentos? Foi criada por você, Fabiana? Se sim, você se baseia nas anotações que faz toda a semana sobre a produção?
24. Qual o procedimento quando cestas não são retiradas do dia da entrega?
25. Como se dá o desligamento de algum coagricultor?
26. Como foi acionado o primeiro grupo para articulação da CSA (convite para a reunião junto a representantes da CSA Brasília, no dia 11 de julho de 2015)?

APÊNDICE D: Representação gráfica dos processos da CSA Aldeia do Altiplano, a partir de dados colhidos entre outubro de 2016 e fevereiro de 2017.



APÊNDICE E: Representação gráfica dos processos da CSA Barbetta, a partir de dados colhidos entre agosto de 2015 e outubro de 2017.



RENOVAÇÃO DE CICLO SEMESTRAL

APÊNDICE F

CSA Toca da Coruja

Entrevista com Renata Navega

Conduzida por WhatsApp no dia 11 de novembro de 2017

1. Em qual ciclo ocorreu a reforma da Bioon e a transferência do Ponto de Convivência para a casa da Tati? Lembra-se do mês/ano?
2. Depois que o PC migrou, este passou a ser acolhido pela casa da Tati até a interrupção das atividades da CSA em junho de 2017?
3. Vi uma foto dos caixotes com papéis indicando os nomes dos coagricultores. Este tipo de identificação sempre foi usado nas entregas?
4. Existia algum outro tipo de cota além da que estimava a entrega de 10 itens?
5. Havia casos em que algum item da cesta foi entregue com algum tipo de preparo prévio (compotas, geleias...)? Se sim, com qual frequência?
6. Havia excedentes na produção? Se sim, o que era feito com o alimento?
7. Havia possibilidade de troca de produtos ou algo similar a uma "caixa da abundância/de excedentes"?
8. Havia algum produto agregado (adquirido a parte da cota em sistema similar a compra coletiva)? Ou havia venda unitária de produtos da comunidade no PC?
9. Por que o último ciclo foi de 12 meses?
10. A comissão de comunicação chegou a atuar como uma equipe? Qual a história dessa comissão?
11. Os pagamentos eram feitos desde o início via agendamento e depósito bancários? Ou chegaram a fazer uso de algum outro meio, como cheques, por exemplo?
12. Havia algum canal de comunicação exclusivo para alguma comissão (e-mail próprio, grupo de *WhatsApp*...)?
13. Os coagricultores enviavam os comprovantes dos repasses para quem e por qual meio?
14. O que foi a "Liga das Corujas"?
15. Havia reutilização de embalagens destinadas a transportar alimentos delicados, como tomates e morangos?
16. Qual eram as funções da equipe de acolhimento?

